A HISTÓRIA OCULTA DO SIONISMO

A verdadeira história
da formação do
Estado de Israel

Ralph Schoenman

A História Oculta do Sionismo

Por Ralph Schoenman

A História Oculta do Sionismo, Imprensa Veritas, Santa Barbara (Califórnia) de 1988.

Cópias deste livro estão disponíveis em:
Veritas Imprensa
PO BOX 6345
Vallejo, CA 94591

À memória de Khalid Ahmed ZakiFallen camarada e amigo querido

Para Manasrah Faraj e Maomé "Thawra Hatta al Nas'r" Hamdi
Nota bibliográfica

Biblioteca do Congresso Número do cartão de Catálogo: 88-50585

ISBN: 0-929675-00-2 (Hardcover)
ISBN: 0-929675-01-0 (Paperback)

Fabricados nos Estados Unidos Primeira Edição, 1988

Veritas Imprensa
PO BOX 6090
Vallejo CA 94591
E-mail: veritas9@pacbell.net
Desenho de capa por Mya Shone
Foto da Capa por Donald McCullin
(Tal como impresso no palestinos por Jonathan Dimbleby, Livros Quarteto, Ltd.)

A maior parte desta edição on-line da história oculta do sionismo foi transcrito da edição de 1988 pela Imprensa Veritas Alphonsos pangas em 2000, com permissão do autor, e publicado originalmente no site da Unidade dos Balcãs.
A presente edição on-line foi copiado do site da Unidade dos Balcãs com a permissão e também é publicado aqui no REDS - Die Roten com permissão do autor. Alguns capítulos foram adicionados para completar o livro de Einde O'Callaghan.

Escusado será dizer que a permissão para publicar este trabalho não implica que o autor está de acordo com o conteúdo do REDS - Die Roten site.

Agradecimentos

Durante a ciência da Idade das Trevas na Europa, grego, matemática e filosofia foram preservados pelos estudiosos árabes. De Avicena à Al-Kindi, a ciência ea matemática árabe alimentaram o legado da filosofia natural e moral grega. O movimento sionista na Palestina subjugada e agrediu sua cultura com uma barbaridade implacável chocante, mesmo para aqueles familiarizados com os anais cruel de conquista colonial. Esta história tem sido suprimida durante os últimos cem anos. Só foi trazido à luz por meio dos escritos de estudiosos relativamente poucos corajosos.

A dívida profunda lhes são devidos - muçulmanos, cristãos, judeus e não-crentes - cujo trabalho de preservação e exegese tornou possível esta tentativa de síntese.

Alan Benjamin dedicou centenas de horas para todas as facetas desta obra. Co-pensador, debatedor, editor e amigo, ele acentuou a análise, economizado a apresentação e tomaram a cargo de vários problemas técnicos inerentes à sua produção. Ela não existiria sem ele.

Mya Brilhou, minha esposa e companheira, mas por sua reticência próprios seriam listados como co-autor deste livro. Seu papel em dar forma escrita e do texto é igual à minha. Cada frase tem sido testado por sua insistência na precisão de expressão e de lucidez. Na medida em que, quer tenha sido alcançado, a energia ea vontade fluiu a partir dela, a escrita compartilhada em um trabalho de amor.

Aos nossos estimados amigos e camaradas palestino, gostaria de parafrasear Dylan Thomas: Nós estamos sozinhos e não só no mundo desconhecido, nossa felicidade e sofrimento para sempre e eternamente compartilhados todos os nossos próprios.

Prefácio: A Revolta

Não é por acaso que quando alguém tenta examinar a natureza do sionismo - as suas origens, história e dinâmica - que cumpram com as pessoas que aterrorizam ou ameaçá-los. Muito recentemente, depois de mencionar uma reunião sobre a situação do povo palestino, durante uma entrevista na KPFK, uma rádio de Los Angeles, os organizadores da reunião pública foram inundados com ameaças de bomba a partir de telefonemas anônimos.

Também não é fácil nos Estados Unidos ou na Europa Ocidental para difundir informações sobre a natureza do sionismo ou para analisar os eventos específicos que denotam o sionismo como um movimento político. Mesmo o anúncio no campus universitário de fóruns autorizado ou reuniões sobre o assunto invariavelmente engendra uma campanha destinada a fechar a discussão. Os cartazes são derrubadas tão rápido quanto eles são acondicionados. As reuniões são embalados por esquadrões de vôo de jovens sionistas que procuram separá-los. Literatura tabelas são vandalizados e folhetos e artigos aparecem acusando o presidente do anti-semitismo ou, no caso daqueles de origem judaica, de auto-ódio.

Vingança e difamação são tão universalmente condenados a anti-sionistas, porque a disparidade entre a ficção oficial sobre o sionismo eo Estado de Israel, por um lado, ea prática bárbara desta ideologia colonial e aparato coercitivo, por outro, é tão grande . As pessoas estão em estado de choque quando têm a oportunidade de ouvir ou ler sobre o século da perseguição sofrida pelos palestinos, e, assim, os apologistas do sionismo são incansáveis na tentativa de impedir o exame, coerente desapaixonada do registro virulento e chauvinista dos sionistas movimento e do Estado, que encarna os seus valores.

A ironia disto é que quando estudamos o que os sionistas têm escrito e dito - especialmente quando tratar-se - não resta dúvida sobre o que fizeram ou de seu lugar no espectro político, que datam do último quartel do século 19 para o dias de hoje. Quatro mitos imperiosa moldaram a consciência da maioria das pessoas em nossa sociedade sobre o sionismo. A primeira é que "uma terra sem povo para um povo sem terra." Esse mito foi diligentemente cultivada pelos sionistas cedo para promover a ficção de que a Palestina era um lugar remoto, desolado pronto para a colheita. Esta reivindicação foi rapidamente seguido pela negação da identidade palestiniana, nacionalidade ou legítimo direito à terra em que o povo palestiniano tem vivido ao longo da sua história.

O segundo é o mito da democracia israelense. Inúmeras histórias de jornal ou televisão referências ao estado de Israel são seguidos pela afirmação de que é a única democracia "real" no Oriente Médio. De fato, Israel é tão democrático quanto o estado de apartheid da África do Sul. Liberdade civil, devido processo legal e os mais elementares direitos humanos são negados por lei aqueles que

não atendem racial, critérios religiosos. O terceiro mito é o de "segurança" como a força motriz da política externa israelense. Os sionistas afirmam que seu estado deve ser a quarta maior potência militar do mundo, porque Israel foi forçado a defender-se contra ameaça iminente de primitivo, de ódio consumido massas árabes só recentemente caíram das árvores.
O quarto mito é o do sionismo como o herdeiro moral das vítimas do Holocausto. Isto é ao mesmo tempo o mais difundido e insidioso dos mitos sobre o sionismo. Ideólogos do movimento sionista tem se enrolado na mortalha colectiva de seis milhões de judeus que foram vítimas de assassínio em massa nazista. A ironia amarga e cruel dessa falsa alegação é que o movimento sionista-se activamente coniventes com o nazismo desde o seu início.
Para a maioria das pessoas parece estranho que o movimento sionista, que sempre chama o horror do Holocausto, deve ter colaborado ativamente com o inimigo mais cruel já enfrentadas pelos judeus. O registro, porém, revela não apenas a interesses comuns, mas uma profunda afinidade ideológica enraizada no chauvinismo extremo que eles compartilham.

A História Oculta do Sionismo - Por Ralph Schoenman

1.Quatro Mitos

Com raiva, ódio e ferocidade, milhares de jovens atiraram pedras contra seus ocupantes israelenses, sem se intimidarem com o tiroteio que os recebeu. Este foi mais distúrbios civis. ... Era o início de uma rebelião civil. [L]

Isto é como correspondente de Jerusalém Post Hirsh Goodman descreveu a revolta dos jovens palestinos da Cisjordânia e de Gaza em meados de Dezembro de 1987.

Goodman observações foram escritas na véspera da greve de 21 de dezembro de 1987, em geral, que envolveu toda a comunidade palestina sob o governo israelense. A greve foi descrita pelo jornal israelense, Ha'aretz, como "escrever sobre o nosso muro ainda mais graves do que os motins sangrentos das últimas duas semanas." [2]

Naquele dia, - escreveu João Kifner no The New York Times, - o grande exército de trabalhadores árabes que esperar na mesa, escolher legumes, lixo lanço, leigos tijolo e realizar praticamente todos os trabalhos braçais de Israel, ficou em casa. [3]

A resposta de Israel para a revolta foi brutal. Ministro da Defesa, Yitzhak Rabin, ordenou o uso de tanques, veículos blindados e fuzis automáticos contra uma população desarmada. O San Francisco Examiner já Rabin como defende abertamente o assassinato. "Podem atirar para acertar os líderes da desordem", disse Rabin em defesa da prática do Exército de usar atiradores com rifles de alta potência calibre 22 para disparar indiscriminadamente contra a juventude palestina. [4]

Rabin ordenados de casa em casa, procura, em primeiro lugar para os homens jovens e mais tarde para qualquer um dos quais um exemplo pode ser feito. Até 27 de dezembro, mais de 2.500 palestinos foram apreendidos, muitos deles tão novos como doze, até o final de janeiro, o número chegou a 4.000 e foi subindo. [5] Os "militantes" foram marcados para a deportação. prisões israelenses de alta segurança e centros de detenção estavam transbordando. julgamentos em massa de palestinos estavam em andamento.

O ato de brutalidade mais que inflamou a população palestina foi a apreensão exército dos feridos de leitos hospitalares. Esta prática, o procedimento padrão em toda a invasão do Líbano em 1982, fez Hospital Shifa, em Gaza, um centro de resistência. Grande multidão reuniu para defender os feridos, a quem eles temiam com razão, jamais seria visto novamente. Os jovens em Gaza e na Cisjordânia, onde ocorreram distúrbios, - escreveu o correspondente Jerusalem Post Hirsh Goodman - não receberam qualquer treinamento de terroristas, nem são membros de uma organização terrorista. Ao contrário, eles são membros de que a geração de palestinos que cresceu sem saber nada, mas ocupação. [6]

A mãe de um homem palestino baleado três vezes na cabeça por soldados

israelenses foi perguntado se ela iria deixar seus filhos restantes participar das manifestações. "Enquanto eu estou vivo", ela respondeu: "Eu vou ensinar os jovens a lutar ... Eu não me importo o que acontece, desde que nós começamos nossa terra. "[7]
Rashad Shawa'a, depôs o prefeito de Gaza, expressou o mesmo sentimento: Os jovens perderam a esperança de que Israel nunca vai dar-lhes os seus direitos. Sentem-se os países árabes são incapazes de realizar qualquer coisa. Eles sentem que a Organização de Libertação da Palestina (OLP) não conseguiu atingir uma coisa. [8]
conta do Los Angeles Times, Dan Fisher é ainda mais significativo: Este sentimento recém-descoberto da unidade foi uma das mudanças mais marcantes para os observadores estrangeiros e não-palestinos em Gaza ... É um fenômeno que se estende até as divisões anteriores entre jovens e velhos e entre aqueles que trabalham em Israel e aqueles que não. [9]

Força, Poder, Espancamentos

Como a revolta se intensificou, o gabinete israelense e ministro da Defesa, Yitzhak Rabin implementado "punição coletiva", uma característica tática da ocupação nazista da França, Dinamarca e Iugoslávia. Comida, água e remédios foram impedidos de chegar a campos de refugiados palestinos em Gaza e na Cisjordânia. A Organização das Nações Unidas de Socorro e Obras Agência de Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNRWA) funcionários relataram que as crianças procuram leite em pó em depósitos da ONU foram baleados e espancados com varas.
The Casbah, onde mais da metade dos 125.000 habitantes de Nablus, ao vivo, foi fechada por barricadas de concreto e portões de ferro. Qabatiya e nas proximidades do campo de refugiados de Jenin foi colocado sob cerco. Na hora de escrever, o cerco, que cortou todos os alimentos, combustível, água e electricidade, durou 55 dias.
Um analista de Jerusalém Post explica a política de Rabin: A primeira prioridade é usar a força, poder, espancamentos. [Esta] é considerado mais eficaz do que a prisão ... [Porque] ele pode então continuar o apedrejamento de soldados. Mas se as tropas quebrar sua mão, ele não será capaz de atirar pedras. [10]. No dia seguinte, a imprensa noticiava as batidas mais bestial por soldados em toda a Cisjordânia e Gaza. A conta de John Kifner foi convincente: NABLUS, ocupados por Israel na Cisjordânia, 22 de janeiro: As duas mãos envolto em gesso, Imad Omar Abu Rub explicou em seu leito no Hospital Rafidiya o que aconteceu quando o exército israelense chegou à aldeia palestina de Qabatiya . "Entraram na casa como animais, gritando:" o estudante de 22 anos na Universidade Bir Zeit, disse. "Eles nos levaram da casa, chutando-nos na cabeça, a bater-nos, todos os soldados com suas coronhadas." Então ele foi levado para o local de construção de uma casa

inacabada, onde, segundo ele, os soldados colocar um balde vazio sobre sua cabeça. Vários dos soldados segurou-o para baixo, disse ele, segurando seus braços para forçar as mãos contra uma pedra. Dois outros, disse ele, bate as mãos com comprimentos de dois-por-fours, quebrando os ossos. As lesões são o produto de uma nova política declarada oficialmente do exército israelense ea polícia para bater os palestinos na esperança de acabar com a onda de protestos nos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, que começou no início de dezembro. Pelo menos trinta e oito palestinos foram assassinados por tiros israelenses nos protestos. Na cama ao lado do Sr. Abu Rub's Hassan Arif Kemal, de 17 anos, estudante do ensino médio de Qabatiya, contou uma história quase idêntica. [11]
Os líderes trabalhistas e do Likud respondeu com uma voz ao clamor mundial sobre estas práticas. Presidente Chaim Herzog declarou: "A alternativa que se nos deparam hoje ... suprimindo-se entre estes motins ou que lhes permita desenvolver em Teerã novos ou Beirute. "[12] John Kifner relatado no The New York Times: o primeiro-ministro Yitzhak Shamir e ministro da Defesa, Yitzhak Rabin, continuou a defender a política, com os dois homens dizendo publicamente que o objectivo do espancamento foi para instilar o medo do exército israelense em palestinos. Shamir declarou que os acontecimentos tinham "quebrado a barreira do medo ... Nossa tarefa é a de recriar aquela barreira e colocar mais uma vez o medo da morte para os árabes das áreas "Ele concluiu que o levante não teria ocorrido" tinha as tropas utilizaram armas de fogo desde o primeiro momento. "[13]

Cresce a resistência palestina

A rebelião do povo palestino da Cisjordânia e de Gaza envolveu cada vila, cidade e campo de refugiados. Crianças a partir dos oito anos e pessoas idosas em seus anos setenta e oitenta desafiam o exército de Israel diariamente. Toda a população da aldeia, agitando bandeiras palestinas improvisada de lençóis e tecidos, massa desafiadoramente, cantando e gritando e atirando pedras em soldados disparando armas automáticas. A Grande Revolta - a "Intifadeh" • se tornou um símbolo do nacionalismo palestino como a repressão brutal que, uma vez preenchido o povo em desespero agora combustíveis sua determinação e vontade, que abrange a prontidão para morrer.
As represálias israelenses foram bárbaras. A repressão foi desencadeada com selvageria particular contra os campos de refugiados e os bairros antigos das cidades habitadas pelos mais pobres. Em abril de 1988 cerca de 150 palestinos morreram. O governo israelense admitiu que a prisão de 2.000 pessoas, elevando o total reconhecido para 4.000. O número real era muito maior. Fontes na Cisjordânia e em Gaza estabelecido que o número de detidos no fim de semana de 27 de março havia ultrapassado 13 mil. Bassam Shaka'a, depôs

o prefeito de Nablus, colocou o total realizado apenas em um acampamento de arame farpado, construídas às pressas na Dhariyah a 10.000 No campo de Balata, em Nablus fora, e no Casbah. - Bairro antigo - l, 000 pessoas foram presas em um período de 48 horas. A descoberta de pessoas em valas nos campos - um tiro nas costas ou com a cabeça ceder - tem sido relatada de aldeias em toda a Cisjordânia e Gaza.

Bassam Shaka'a descreveu o massacre das unidades armadas de Israel: Não importa o que se chama casa, as contas dos membros da família angustiada feridos ou presos jorrar. Comboios de ônibus cruzam as ruas de Nablus, seguido por vans do Mossad, a polícia secreta de Israel. unidades do Exército vão de casa em casa, puxando os jovens de suas camas às 03:00 Como o ônibus encher, os soldados bateram violentamente os jovens em torno da cabeça, pernas, virilha e nas costas. Gritos enchem o ar. Quando o exército faz o sequestro rodadas os jovens de suas casas, as pessoas se reúnem em suas janelas e os telhados das casas gritando em uníssono: "Falistin Saudita, Thawra Hatta Nas'r Al, Allah Akbar" [árabes da Palestina, Revolução até a vitória, Deus é] Grande. [13]

Bassam Shaka'a descreveu as tentativas por parte do exército israelita para espalhar o pânico eo terror em Nablus e aldeias periféricas: as frotas de helicópteros sobrevoam Nablus na noite soltando um gás denso e verde tóxicos sobre a cidade. O cheiro invade toda a casa. Armado fogo unidades vasilhas da substância em casas de forma aleatória. Médicos do Hospital Ittihad relatou várias mortes e lesões pulmonares graves por esse produto químico como, ainda não identificado asfixiantes, totalmente distinta da de gás lacrimogêneo.

Entre as vítimas estavam a avó da família Da'as e pai de 100 anos de idade, advogado de Nablus Mohammad Irshaid. Os soldados entraram na casa às 02:00, quebrando móveis e ateando fogo a um recipiente de gás temido verde, impedindo a família de sair. Duas das crianças, com idades entre 9 e 11, foram levados pelos soldados em suas roupas de noite, sapo marcharam nas ruas e espancado como eles foram forçados pelos soldados vaias para retirar os escombros. Simultaneamente, o exército israelense alvejou a hospitais. caminhões do Exército colidiu ambulâncias e impediu-os de atingir as casas das pessoas superado pelo gás. Os soldados entraram no Hospital Ittihad em Nablus inúmeras vezes, prendendo os feridos e os que aguardam a doar sangue para os membros da família. Até mesmo a sala de cirurgia foi invadida enquanto cirurgiões estavam operando em pacientes. Médicos foram espancados e equipamentos quebrados. Os familiares foram impedidos de entrar no hospital e os carros de médicos e enfermeiros foram destruídos pelos soldados.

Entretanto, todos de Nablus foi paralisada por uma greve total. Todas as ruas em cada bairro da cidade ficaram sem lojas abertas ou actividade empresarial. Como o gás permeado na cidade, gritos e cânticos encheram a noite. Botijões de gás recuperado por Bassam Shaka'a, Yousef al-Masri [chefe do Hospital

Ittihad] e autor norte-americano Alfred Lilienthal ostentar as "560 cs. Federal Lab. Saltsburg, Pensilvânia EUA MK2 1988 ". Bioquímicos estão estudando suas propriedades como vítimas de montagem. John Kifner relatados em 4 de abril que "centenas de refugiados foram tratados em clínicas das Nações Unidas para a inalação de gás." Em 15 de abril, Kifner escreveu, "... o gás foi jogado dentro das casas, clínicas e escolas, onde os efeitos são particularmente graves. "[13b]

Seu relatório foi o primeiro, após quatro meses de uso de tais armas químicas, para reconhecer a realidade: os médicos viram Agência sintomas normalmente não relacionados com gás lacrimogêneo, ea UNRWA está buscando informações sobre o conteúdo do gás ... para fornecer um antídoto ... especialmente para os grupos mais vulneráveis ... mulheres grávidas, os muito jovens e idosos. Kifner relatou mais tarde, "Avisos sobre os botijões de dizer que o conteúdo pode ser letal." Toda a Cisjordânia e Gaza, os casos de aborto, sangramento vaginal e asfixia estavam ocorrendo após o uso do gás.

Um Olhar sobre a selvageria

Um dos incidentes mais cruel ocorreu na cidade de Qalqiya. Os soldados entraram na casa de trabalhadores e jogou gasolina sobre eles, colocando-os em chamas. Seis trabalhadores estavam cobertos de chamas. Quatro das vítimas conseguiu correr para fora do prédio e rolou no chão, arrancando suas roupas. Dois foram gravemente queimados, e estão em estado crítico.

Em 20 de fevereiro, dois jovens foram presos em Khan Yunis, barbaramente espancado e levado para a praia onde eles estavam enterrados vivos sob a areia. Depois de os soldados saíram, os moradores conseguiram cavar. Reportagens na imprensa criação dão uma idéia da escala de brutalidade israelense. Um soldado conta relatada no jornal israelense Hadashot foi citada na revista Newsweek: Temos ordens para bater em cada porta, entrar e retirar todos os homens. Os mais jovens que se alinharam com o rosto contra a parede, e os soldados bateram-nos com billy-clubes. Isso não foi iniciativa privada. Estas foram as ordens do nosso comandante de companhia. [13c]

Os relatos deixam claro que os protestos de Israel sobre os excessos dos soldados individuais são transparentemente falso. Newsweek revelou: Armado com 30 polegadas clubes de madeira e instados por seu primeiro-ministro de "pôr o medo de volta para os árabes", os soldados israelenses metodicamente espancado palestinos desde o início de janeiro, deliberadamente quebrar os ossos e bater prisioneiros na inconsciência. Acidentes incluídos não só os jovens ... mas também as mulheres. A maioria dos feridos evitado hospitais por medo da prisão.

A evasão dos hospitais com feridos impediu relatórios precisos da grande amplitude da espancamentos e das mortes daqueles que as sofreram. Mas a indicação foi fornecida nos relatórios da equipe médica inspecionando os

feridos nos hospitais no início de fevereiro de 1988. Dra. Jennifer inclinada, um membro do corpo docente da Harvard Medical School e um especialista em trauma, relatou suas conclusões: "Não há um padrão sistemático de lesões dos membros inferiores que é claramente organizado para causar fracturas ... um padrão consistente de bonebreaks nas costas da mão e no meio do antebraço, que ... vem segurando a mão ou o braço no lugar e aplicando um forte golpe para os ossos. "[13d]
Dr. Inclinada de Pisa e da equipe de Médicos para os Direitos Humanos viajou por toda a Cisjordânia e Gaza. Eles concluíram: "É um padrão que é controlado. Um padrão sistemático em uma ampla área geográfica. É como se tivessem sido instruídos ", conta Dr. Inclinada de casos novos trazidos para o Hospital Shifa, em Gaza é convincente:. Parecia que tinha sido desfigurada. O que é impressionante é o número de fraturas por paciente. Esses pacientes olham como se tivesse sido submetida a um espremedor máquina de lavar. Eles tiveram que segurá-los para baixo e continue batendo neles. Os casos repetidos de jovens do sexo masculino baleado deliberadamente através dos testículos foram notificados no Hospital Shifa, em Gaza e no Hospital Makassad em Jerusalém Oriental. Os soldados jogaram água fervendo sobre uma criança de 2 anos de idade, tornando-a catatônica.

"Reprimir o Protestos"

Correspondente do New York Times John Kifner chamado de rodeios sistemática "parte de uma série de duras novas medidas, incluindo sanções económicas e punição coletiva, que o exército israelense e outros funcionários estão impondo, na esperança de sufocar os protestos, que têm crescido em um cada vez mais organizado movimento de massas palestinas na Cisjordânia ocupada e na Faixa de Gaza. "[13e]
As novas encomendas exército permitem a detenção sem qualquer acusação específica ou ensaios, mesmo em tribunais militares. Além disso, de acordo com a 23 de março New York Times ", os novos procedimentos acabar com a revisão judicial das sentenças de detenção administrativa e permitir que os comandantes locais para ordenar as prisões."
Imediatamente após a ordem, as pessoas foram apreendidas durante a noite em mais de uma dúzia de bairros de refugiados, aldeias e cidades na Cisjordânia e em Gaza. Ministro da Defesa israelense Yitzhak Rabin anunciou que civis israelenses têm a mesma autoridade que os soldados a disparar. Ele acrescentou que os soldados não precisam de tiros de advertência antes de atirar os palestinos. [13f] Newsweek, foi mais explícito: "O decreto significou soldados israelenses poderiam atirar para matar jovens palestinos ... Yitzhak Rabin [era] de forma eficaz em substituição colonos. "[13g] A decisão, segundo a Newsweek," abrirá as comportas dos 60.000 colonos frustração reprimida [sic]. "Não foi muito tempo antes que um ataque ocorreu. Em 06 de abril, os

colonos que exerçam uma clara provocação tiro a sangue frio um trabalho palestinos em seu campo fora da aldeia de Beita.
Atenção, no entanto, centrou-se na morte de Tirza Porat, uma menina de colono de 15 anos de idade entre o grupo. Os colonos relatou Tirza Porat tinha sido apedrejado até a morte pelos moradores palestinos, mas um exército de autópsia relatório revelou que ela havia sido baleado na cabeça por um seguidor Kahane atuando como seu protetor nominal. [Rabino Meir Kahane é o fundador da Liga de Defesa Judaica.] Apesar de o relatório da autópsia, o Primeiro-Ministro Yitzhak Shamir aproveitou a ocasião para jurar que os palestinos "seriam esmagados como gafanhotos ... cabeças esmagadas contra as rochas e paredes. "[13h]
Na aldeia de Beita, a cena do incidente, trinta casas foram demolidas. O número de casas destruídas foi confirmada por Hamdi Faraj, um destacado jornalista palestino.

Formas de Auto-Governo Emerge

A recente insurreição palestina tem feito mais para desafiar o controle israelense do que tinha sido alcançado em 20 anos. A infra-estrutura inteira do Estado de Israel tem desvendado. Espiões estão pedindo perdão, confessando os seus atos e expondo os aparelhos de controle. A polícia está demitindo. As Ligas Village, organizações israelitas de colaboradores, entraram em colapso. O Los Angeles Times relata que os desafios da "Unificação Nacional de Lideranças da Revolta" levaram a demissões por aldeia, municipais e prefeituras. Antes da rebelião, 20 mil palestinos trabalhavam sob exército israelita e controle policial, prestando serviços para a Cisjordânia e Gaza. Eram professores, funcionários e administradores. A maioria se demitiram. Cada vez mais, formas de auto-governo estão a surgir na Cisjordânia e em Gaza. Os israelenses perto das escolas, a resistência organiza classes. As lojas ordem israelenses a abrirem; a resistência mantém fechadas. Os israelenses fechar as lojas, a resistência abre. A Cisjordânia ea Faixa de Gaza estão presas em que a revista Newsweek chama uma "configuração colonial". Newsweek cita o demógrafo israelense Meron Benvenisti, o ex-vice-prefeito de Jerusalém, da seguinte forma: "os territórios ocupados tornaram-se uma fonte de trabalho barato e um mercado cativo para os bens de Israel." [13i]
superávit comercial de Israel com a Cisjordânia e Gaza, Benvenisti revela, é de R $ 500 milhões por ano. O governo leva mais 80 milhões dólares por ano em impostos acima do que prevê, em parcos serviços sociais. Os territórios importar 780 milhões dólares por ano de produtos israelenses a preços elevados. Mas a revolta que mudou tudo. afirma Newsweek: Os palestinos têm algumas armas econômicas próprias. Milhares de trabalhadores árabes há muito já se afastou de empregos nas fazendas de Israel, fábricas e estaleiros de construção. compradores palestino reduzir suas compras de produtos

israelenses. mercadores árabes e profissionais autônomos, desferiu um golpe mais direta na ocupação, eles se recusaram a pagar impostos sobre o rendimento de Israel e comercial.
Assim, como a Newsweek admite, a espada econômica cortado em dois sentidos. Israel indústria da construção, que atraiu 42% de sua força de trabalho dos Territórios Ocupados "tem sido prejudicadas por greves árabe". Hotéis em Jerusalém relatório uma queda acentuada nas reservas de primavera. Ministro israelita Gad Económico Yaacobi estima-se que os primeiros três meses de "tumultos" custo de economia de Israel "pelo menos 300 milhões dólares" - 10% da ajuda dos EUA por um ano inteiro.

"Zonas libertadas"

Não se pode esperar trégua por Israel. As aldeias na Cisjordânia e em Gaza responderam ao desafio ataque bárbaro de Israel, declarando-se "zonas libertadas", selando suas ruas, e voando a bandeira palestina. Newsweek relata: "Os seus protestos são habilmente coordenado através de folhetos emitidos pelo Comando Nacional Unificado sombria da Revolta. Seus folhetos são a lei da terra. "[13J]
Apesar da repressão em massa, espíritos palestinos nunca foram tão altos. Este espírito é talvez o fator de maior preocupação para o Estado de Israel. Primeiro-Ministro Yitzhak Shamir disse à TV israelense: As pessoas que estão atirando pedras, os instigadores, os líderes, que estão hoje numa situação de euforia, de grande entusiasmo. Eles pensam que eles são os vencedores. Médio Oriente editor do Jerusalem Post Yehudi Litani informou que "as forças de segurança [de Israel] estimam que o exército já deteve a maioria dos que agora puxando as cordas da revolta" - e ainda continua a revolta, os folhetos continuam a aparecer, e uma pânico humor aproxima está se instalando entre israelenses leaders.On 30 de março, Dia da Terra - os palestinos dentro de dias anteriores a 1967, protesto de Israel o confisco de suas terras - uma greve geral de palestinos dentro das fronteiras pré-1967 foi chamado. Esta acção renovada uma greve geral em apoio à revolta que foi realizado pela primeira vez em 21 de dezembro de 1987. A Direção Nacional Unificada da Revolta nos Territórios Ocupados chamado de "grandes manifestações contra o exército e os colonos", para coincidir com a greve geral. Pela primeira vez desde 1948, os palestinos em todo o país - unidas por libanesa de Sidon, Beirute e outras cidades - também realizaram suas próprias manifestações e greve geral em solidariedade com a revolta. A revolta tem galvanizado não só os árabes-israelenses, mas os palestinos na diáspora. A participação dos palestinos do Líbano e de milhares de libaneses se fez sentir em todo o mundo árabe.
Esta nova fase da revolução palestina não foi perdido às autoridades israelitas. Na tentativa de contrariar a coordenação entre os palestinos dentro da "Linha

Verde" [fronteiras pré-1967] e os palestinos na Cisjordânia e em Gaza, os israelenses completamente "selada" na Cisjordânia e em Gaza. "Desde Intifadeh [Revolta] está ocorrendo, tanto na Cisjordânia e em Israel," [grifo nosso], uma alta fonte militar disse, "nós decidimos separar os dois e para evitar grandes perturbações da ordem pública." [13k]

"Queremos sinalizar claramente que não vamos hesitar em usar as medidas necessárias", disse o ministro da Defesa Rabin. Ariel Sharon, o ex-ministro da Defesa e atual ministro do Comércio, anunciou que o levante "levaria inevitavelmente à guerra com os países árabes ea expulsão necessárias dos árabes da Cisjordânia, Gaza e na Galiléia." [13l]

Mas os palestinos, que entram no seu 40o ano de ocupação desde a fundação do Estado de Israel, não foram detidos. A "guerra revolucionária" do povo palestiniano está a recrutar os corações e mentes da juventude em todos os países árabes e nas capitais de todo o mundo. Este espírito foi totalmente captado em uma carta escrita por membros da resistência palestina subterrânea na ocupados por Israel na Cisjordânia para uma reunião em Paris, França, em 3 de março de 1988, organizado por uma comissão ad hoc de apoiantes de direitos humanos palestinos . Sua carta diz em parte:

Caros amigos, Nós enviar-lhe esta carta de dentro da nossa querida terra - Nossa terra de honra, de coragem, dignidade e rebeldia - da nossa Palestina, em Jerusalém, a cidade sagrada. Nós enviar-lhe esta carta em nome do nosso povo, um povo doente que hoje estão de pé e estão travando uma luta sem paralelo em toda a nossa história.

Queremos que vocês saibam que o povo palestino não foram derrotados. Eles estão vivos. Eles estão lutando. Eles estão dizendo que eles não vão aceitar a humilhação e submissão. A confiança do nosso povo na legitimidade de sua luta é imenso. E nosso povo sabe que a vitória é certa - independentemente dos sacrifícios, seja qual for o preço que deve ser pago. Hoje, nosso povo está sofrendo. Elas estão derramando seu sangue para ganhar sua liberdade, dignidade e honra, o seu direito de determinar seu próprio destino, seu direito a viver em seu país e para construir um Estado livre, democrático e soberano em toda a Palestina.

Para todos os homens e mulheres livres, a todos os nossos companheiros, nós dizemos o seguinte: O povo palestino tem sido vítimas de muitas décadas de um complô internacional - de ataques viciosos - destinadas a exilar-los e persegui-los das terras sobre as quais eles têm viveram durante séculos. Nós fomos expulsos de nossas terras - terras que agora foram resolvidos por estrangeiros, de acordo com os objectivos do colonialismo e do imperialismo. Este acordo tem sido impostas pelas leis de opressão promovida pelas nações ocidentais e os regimes totalitários do Leste. Estas leis opressivas são também aqueles do sionismo internacional. Temos sido objecto de assassinato, terror e tortura. Atualmente, somos privados até mesmo dos nossos mais elementares direitos e legítimos. "Eles quiseram fazer de nós um povo exilado, destinado

permanentemente para campos de refugiados. Eles quiseram nos destruir fisicamente e nos eliminar. Através das guerras de 1948 e 1967, eles realizaram a ocupação de toda a Palestina. Mas eles esqueceram que, ocupando toda a Palestina que também unificou todo o povo palestino em sua luta contra oppression.That é o que está acontecendo hoje, como as crianças, os idosos, as mulheres e os jovens têm se levantado como uma única pessoa, sem braços , para enfrentar a máquina militar do sionismo e do imperialismo - para enfrentar a violência das armas, os clubes, os seqüestros, e as armas assassinations.Our vêm de nossa pátria. Elas são as pedras com que nosso povo tem construído um muro para defender os seus combatentes e da Revolução.

Queridos amigos: Você deve saber o que está acontecendo em nossa pátria. Duas semanas atrás, as forças de ocupação enterrado oito jovens palestinos vivo depois de ter batido violentamente e quebrado os seus membros. Quatro deles foram salvos pelo povo, os outros quatro nunca foram encontrados.

Há três dias, forças militares israelenses caiu três vivem jovens palestinos a partir de um helicóptero voando em uma altitude elevada. Um dos jovens foi de apenas 13 anos de idade. Isso é o que eles estão fazendo atualmente para o nosso povo. Queridos amigos: Queremos que você saiba que rejeitamos todas as soluções de chamados e projetos da paz que algumas pessoas gostariam de nos impor através de conferências internacionais. Nós queremos que você saiba que estamos empenhados em continuar a nossa revolução até a libertação total de toda a Palestina, até o estabelecimento de um estado democrático e livre em que todos os homens e mulheres livres, de onde quer que sejam, são bem-vindos para viver de modo desde que aceitar viver com a gente de igual para igual na nossa terra de Palestine.We já não estão em nossos joelhos. Nós estamos de pé. Nós não cederemos. Nós sentimos que é legítimo para nós à procura de ajuda e assistência de pessoas em todo o mundo que lutam pela liberdade de todos os povos oprimidos.

Pedimo-lhe não só que você fala em apoio à nossa luta em seus discursos e protestos, mas que exigem que seus governos tomem uma posição clara de oposição à repressão e métodos criminosos do sionismo. Pedimos seu apoio moral e material para o nosso povo palestino, que estão lutando para obter a vitória final. O povo palestino tem ressuscitado, seus anseios de emancipação agitando as massas pauperizadas em todos os países do Oriente árabe. Reduzido a uma condição de penúria por regimes corruptos, vende-pátria, do Egito, Jordânia e Arábia as pessoas começaram a responder ao exemplo extraordinário que para eles o povo palestino. Talvez mais significativamente, um relatório detalhado por Robert S. Greenberger no The Wall Street Journal descreve o efeito profundo do Intifadeh sobre as massas judaicas-se, nomeadamente, os judeus árabes ou judeus sefarditas.

Agora, quase 70% da população judaica de Israel, seus sentimentos estão mudando. Em contraste com a [decisão de Israel partido] raivoso Likud figuras

como Reuvin Rivlin, que declamou ameaçadoramente, "Eu acredito que Deus é judeu. Eu acredito que o problema demográfico será resolvido ", os judeus sefarditas estão respondendo de forma diferente: Os motins desfeito o mito perpetuado pelo fundador do Likud de Menachem Begin e seu sucessor, o primeiro-ministro Yitzhak Shamir ... Os sefarditas estão exigindo serviços sociais e deseja fazer a ponte entre a ideologia e soluções práticas para o conflito árabe-israelense ... Eles se preocupam mais com emprego, habitação e educação do que manter a fé com Israel territorialmente inviolada. [13m]

Henoch Smith, um pesquisador dos EUA, refletindo sobre o "desafio" de novo os sefarditas, observa: ". Este ano, pela primeira vez, eles serão responsáveis por 51% dos eleitores" Como a carta do metro atesta, o povo palestino , auto-ativadas e cada vez mais confiante do poder de luta de massas, são exigentes "ajuda e assistência de pessoas em todo o mundo que lutam pela liberdade de todos os povos oprimidos." Esta mensagem está começando a chegar judeus israelenses. O dia está amanhecendo quando eles também vão buscar um futuro livre de um estado sionista que tenha combinado subjugação do povo palestino com a exploração dos pobres judeus.

Este livro procura resgatar a história oculta do sionismo, um movimento enraizado na ideologia da opressão racista dos judeus e súditos coloniais semelhantes. Foi escrito em antecipação do dia em que a dedicação e fervor do povo palestino, assim por muito tempo perseguidos e oprimidos, vai falar para os judeus, recordando-lhes a sua própria história dolorosa, com um programa para a Palestina em que as vítimas, o passado e presente, juntos criamos a Intifadeh do futuro e derrubar um estado predicada em cima da opressão, tortura, expulsão e expansão da guerra infinita.

Schoenman Ralph,
Santa Barbara, na Califórnia
19 de abril de 1988

Notas

1. Dan Fisher, Los Angeles Times, 20 de dezembro de 1987.
2. Ibid.
3. John Kifner, New York Times, 22 de dezembro de 1987.
4. San Francisco Examiner, 23 de dezembro de 1987.
5. Primeira mão conta o autor do campo de Dheisheh.
6. Dan Fisher, Los Angeles Times, 20 de dezembro de 1987.
7. John Kifner, New York Times, 21 de dezembro de 1987.
8. Dan Fisher, Los Angeles Times, 23 de dezembro de 1987.
9. Dan Fisher, Los Angeles Times, 20 de dezembro de 1987.
10. New York Times, 21 de janeiro de 1988.
11. John Kifner, New York Times, 23 de janeiro de 1988.

12. John Kifner, New York Times, 27 de janeiro de 1988.
13. Ibid.
13a. Bassam Shaka'a: conversas por telefone com o autor de 05 de fevereiro de 1988, através de 13 de
março de 1988.
13b. Kifner John, New York Times, 04 de abril e 15 de abril de 1988.
13c. Newsweek, "A Soldier's Account", 08 de fevereiro de 1988.
13d. New York Times, 14 fevereiro de 1988.
13e. John Kifner, New York Times, 21 de fevereiro de 1988.
13f. Los Angeles Times, 23 de março de 1988.
13g. Newsweek, 04 abril de 1988.
13h. New York Times, 01 de abril de 1988.
13i. Newsweek, 28 de março de 1988.
13J. Ibid.
13k. Los Angeles Times, 29 de março de 1988.
13l. New York Times, 01 de abril de 1988.
13m. O Wall Street Journal, 8 abril de 1988.

2.Objetivos sionistas

O objetivo do sionismo nunca foi meramente para colonizar a Palestina - como era o objetivo da clássica colonial e movimentos imperial durante os séculos 19 e 20. O projeto do colonialismo europeu na África e na Ásia era, essencialmente, para explorar os povos indígenas como mão de obra barata, enquanto a extração de recursos naturais para o lucro exorbitante. O que distingue o sionismo de movimentos coloniais é a relação entre os colonos eo povo a ser conquistado. O objetivo declarado do movimento sionista não era apenas para explorar o povo palestino, mas se dispersar e despojá-los. A intenção era substituir a população indígena, com uma nova comunidade de colonos, para erradicar os agricultores, artesãos e moradores de cidades da Palestina e substituir por uma força de trabalho totalmente novo composto da população de colonos.
Ao negar a existência do povo palestino, o sionismo procurou criar o clima político para a sua remoção, não apenas de suas terras, mas da história. Quando reconheceu a todos, os palestinos foram re-inventado como uma semi-selvagem remanescente, nômade. Os registros históricos eram falsificados - um processo iniciado durante o último quarto do século 19, mas continua a este dia nas tais escritos pseudo-históricos como Joan Peters 'From Time imemoriais. O movimento sionista iria procurar alternativas patrocinadores imperial para esta empresa sangrentos, entre eles o Império Otomano, a Alemanha Imperial, o Raj britânico, o colonialismo francês ea Rússia czarista.

planos sionistas para o povo palestino antecipou a solução para os armênios otomanos, que seriam abatidos no primeiro genocídio sustentado do século 20.

Planos sionista ao povo palestino

Desde a sua criação, o movimento sionista buscou o "Armenianization" do povo palestino. Como os nativos americanos, os palestinos foram considerados como "um povo demais". A lógica era a eliminação, o registro era para ser um genocídio. Esta não foi menos verdadeiro do movimento trabalhista sionista, que procurou dar uma pátina "socialista" para a empresa colonial. Um dos principais teóricos do sionismo trabalhista, um dos fundadores do partido sionista Ha'Poel Ha'Tzair (o jovem trabalhador) e um defensor do Poale Zion (Trabalhadores de Sion), foi Aaron David Gordon. Walter Laqueur reconhece em sua História do sionismo que, "A. D. Gordon e seus companheiros queriam cada árvore, cada arbusto a ser plantada por "pioneiros" judeu ". [14]
Gordon cunhou o slogan "conquista do trabalho" [avodah Kibbush]. Ele conclamou os capitalistas judeus, e os gerentes de fazenda Rothschild, que obtiveram terras de latifundiários turco sobre as cabeças do povo palestino ", para contratar apenas os judeus e judeus". Ele organizou boicotes de qualquer empreendimento sionista, que não conseguiu contratar exclusivamente os judeus, e as greves preparado contra os colonos Rothschild, que permitiu a camponeses árabes sharecrop ou do trabalho, assim como mão de obra barata. Assim, os "sionistas Trabalho" empregados os métodos do movimento dos trabalhadores "para impedir a utilização de mão de obra árabe, o seu objectivo não era a exploração, mas a usurpação.

Sociedade Palestina

Havia mais de mil aldeias da Palestina, na virada do século 19. Jerusalém, Haifa, em Gaza, Jaffa, Nablus, Acre, Jericó, Ramle, Hebron e Nazaré, eram cidades florescentes. As colinas foram meticulosamente terraços. valas de irrigação atravessavam suas terras. Os pomares de citrinos, oliveiras e cereais da Palestina eram conhecidas em todo o mundo. Comércio, artesanato, têxteis, artesanato e produção agrícola abundavam. XVIII e viajantes do século 19 "contas estão repletos de dados, bem como os relatórios trimestrais acadêmicos publicados no século 19 pela Exploração Palestina britânica Fund.In fato, foi precisamente a coesão social ea estabilidade da sociedade palestina, o que levou Lord Palmerston, em 1840, quando a Grã-Bretanha estabeleceu um consulado em Jerusalém, para propor, premonitória, a fundação de uma colônia de colonos judeus europeus para "preservar os interesses maiores do Império Britânico". [15]
sociedade palestina, se o sofrimento com a colaboração de latifundiários feudais [Effendi] com o Império Otomano, foi, no entanto, produtiva e

culturalmente diversa, com um campesinato bastante consciente de seu papel social. Os camponeses palestinos e moradores urbanos tinha feito um claro, fortemente sentida distinção entre os judeus que viviam entre eles e os candidatos aos colonos, que data de 1820, quando os judeus de Jerusalém, 20.000 eram totalmente integrados e aceites na sociedade palestina. Quando os colonizadores em Petah Tikva, procurou empurrar os camponeses da terra, em 1886, eles se depararam com a resistência organizada, mas os trabalhadores judeus nas vilas e comunidades vizinhas foram totalmente afetados. Quando os armênios fugindo do genocídio turco se estabeleceram na Palestina, eles foram recebidos. O genocídio foi ameaçadoramente defendida por Vladimir Jabotinsky e outros sionistas em suas tentativas de obter apoio turco.
De fato, até a Declaração Balfour [1917], a resposta palestina aos assentamentos sionistas foi imprudentemente tolerante. Não foi organizado o ódio ao judeu na Palestina, sem massacres, como o Czar e poloneses anti-semitas, preparado, sem contrapartida racistas na resposta palestina aos colonos armados (que usou a força sempre que possível para conduzir os palestinos da terra). Nem mesmo a revoltas espontâneas, expressando raiva reprimida da Palestina no roubo constante de suas terras, foram dirigidas contra os judeus como tais.

Favor cortejo Imperial

Em 1896, Theodor Herzl lançou seu plano para induzir o Império Otomano para conceder a Palestina ao movimento sionista: Supondo que sua Majestade o sultão estava a dar-nos a Palestina, poderíamos, em contrapartida, compromete-se a regular as finanças da Turquia. Devemos ali formam um posto avançado da civilização, em oposição à barbárie. [16]
Em 1905, o Sétimo Congresso Sionista Mundial, teve de reconhecer que o povo palestino estava organizando um movimento político para a independência nacional dentro do Império Otomano - uma ameaça não apenas para o domínio turco, mas com projetos sionistas. Falando no Congresso, Max Nordau, um proeminente líder sionista, definir as preocupações diante sionista: O movimento que tomou conta de grande parte do povo árabe pode facilmente ter uma direção que pode causar danos na Palestina. ... O governo turco pode sentir-se obrigada a defender o seu reinado na Palestina e Síria, com a força armada. ... Nestas circunstâncias, a Turquia pode estar convencido de que será importante para ela ter na Palestina e na Síria um grupo forte e bem organizado que ... vai resistir a qualquer ataque contra a autoridade do Sultão e defender a sua autoridade, com todas as suas forças. [17]
Como o Kaiser comprometeu-se a forjar uma aliança com a Turquia como parte de sua disputa com a Grã-Bretanha ea França pelo controle do Oriente Médio, o movimento sionista fez propostas semelhantes para a Alemanha

Imperial. O Kaiser levou quase dez anos nas suas relações em-e-off com a liderança sionista para formular um plano para um Estado judeu sob os auspícios do otomano, que teria como missão principal a erradicação da resistência palestina anti-colonial e na garantia da interesses da Alemanha imperial na região.
Em 1914, no entanto, a Organização Sionista Mundial já estava muito avançada em sua proposta paralela para alistar-se o Império Britânico para realizar o desmembramento do Império Otomano, com a ajuda sionista. Chaim Weizmann, que se tornou presidente da Organização Sionista Mundial, fez um anúncio público importante: Podemos dizer com razoabilidade que deve Palestina cair dentro da esfera de influência britânica, a Grã-Bretanha e deve incentivar a colonização judaica lá, como uma dependência britânica, poderíamos têm em vinte a trinta anos um milhão de judeus lá fora, talvez mais, pois eles iriam desenvolver o país, trazer de volta a civilização a ele e formar uma guarda muito eficaz para o Canal de Suez. [18]

A Declaração de Balfour

Weizmann protegido dos britânicos que os líderes sionistas haviam procurado simultaneamente a partir do Otomano e os governos imperial alemão. Em 02 novembro de 1917, a Declaração de Balfour foi emitido.
Afirmou, em parte: exibição de Sua Majestade Governo com favor o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu, e vai usar seus melhores esforços para facilitar a realização do objeto [19]
Os sionistas foram cínico no delineamento do seu pedido para a Palestina. Um momento em que afirmaria que a Palestina era uma terra visitada por nômades ocasional, no momento seguinte se propôs a subjugar a população muito palestinos tinham tentado tornar invisíveis. AD Gordon, ele próprio, várias vezes declarou que os palestinos que, ele insistiu que não existem, devem ser impedidos, por força de cultivar o solo. Isso se traduziu em afastamento total dos não-judeus a partir da "pátria" dos judeus. Uma descrição, como informou pronunciamentos de líderes britânicos e sionistas em seus planos para a população palestina. Na época da Declaração de Balfour, exércitos imperiais britânicos ocuparam a maior parte do Império Otomano no Oriente Médio, tendo os líderes árabes se alistou para lutar contra os turcos, sob a direção britânica, em troca de garantias britânica de "autodeterminação". Enquanto os sionistas sua propaganda insistiu em que a Palestina estava despovoada, nas suas relações com seus patrocinadores imperiais que deixou claro que a subjugação era a ordem do dia e ofereceram-se como o instrumento.
Os ingleses responderam em espécie. A Declaração de Balfour, também continha uma passagem destina-se a calmaria líderes árabes feudais chocado com a traição do Império Britânico em entregar para os sionistas, a própria

terra em que árabes autodeterminação havia sido prometido: sendo claramente entendido que nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judaicas na Palestina. [20]
O britânico teve durante anos usou a liderança sionista para angariar apoio para sua guerra contra a Alemanha Imperial de todos os grandes capitalistas judeus e estabelecimentos bancários nos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Com Weizmann eles preparados para usar a colonização sionista da Palestina como instrumento para controlar politicamente a população palestina.
A terra sem povo para um povo sem terra foi, de facto, um país em efervescência contra a subjugação colonial. O ex-Primeiro-Ministro e Ministro dos Negócios Estrangeiros Arthur Balfour, ele próprio, foi brutalmente explícito em memorandos para os olhos dos funcionários, apesar de o serviço de bordo para o consumo público sobre os "direitos civis e religiosos dos não-judeus [sic] as comunidades na Palestina". Sionismo, esteja certo ou errado, bom ou ruim está enraizada nas necessidades actuais e expectativas futuras de importação muito mais profundo do que os desejos dos árabes 700000-plus que hoje habitam aquela terra antiga. [21]

A Conexão Sul-Africano

Há uma dimensão especial a este consorte secreto entre Balfour ea liderança Sionista trair as aspirações do povo palestino. Foi amigo íntimo de Weizmann e futuro primeiro-ministro da África do Sul, General Jan Smuts, que, como sul-delegado Africano para o Escritório de Guerra Britânico durante a Primeira Guerra Mundial, ajudou a pressionar o governo britânico a adoptar a Declaração de Balfour e fazer um compromisso para a construção uma colônia sionista em relação direction.The britânico entre o movimento sionista e os colonos do Sul Africano evoluiu mais cedo, como tinha a amizade entre a General Smuts e Chaim Weizmann. Na virada do século, uma grande população judaica, principalmente, da Lituânia, tinham se estabelecido na África do Sul. O movimento sionista considerou esta população, particularmente suscetível às idéias sionista por causa do seu status de colonos já estabelecidos no sul da África. líderes sionistas viajava constantemente à África do Sul em busca de apoio político e financeiro.
N. Kirschner, presidente anterior da Sul-Africano da Federação Sionista, fornece um relato vívido da interação íntima entre os líderes sionistas e Sul-Africano, a identificação dos sionistas como Weizmann Herzl e com a concepção Sul-Africano de uma população racialmente distintos de colonização, e os importância de um pacto virtual entre os dois movimentos. [22]
Ao identificar o sionismo com a ideologia dos colonos do Sul Africano, Chaim Weizmann estava seguindo a admiração cedo expressa por Theodor Herzl, o fundador do sionismo político, para o ideólogo colonial por excelência, Sir Cecil

Rhodes. Herzl tentou modelar seu próprio futuro político sobre as realizações de Rhodes: Naturalmente, existem grandes diferenças entre Cecil Rhodes e minha humilde pessoa, os pessoais muito na minha desgraça, os objetivos são muito a favor do movimento sionista. [23]
Herzl defendia a realização sionista dispersão dos palestinos usando os métodos pioneiros de Rodes, e ele incitou a formação de uma contraparte judaica para uma sociedade colonial fretado, um amálgama da exploração colonial e empresarial: A Companhia judeu é, em parte inspiradas nas linhas de um aquisição de empresa grande. Pode ser chamado de judeu Chartered Company, embora não possa exercer um poder soberano, e não tem outras tarefas do que puramente colonial. [24]
Os mais pobres vão primeiro para cultivar o solo. De acordo com um plano preconcebido eles vão construir estradas, pontes, ferrovias e instalações telegráficas, regular rios e construir suas próprias habitações, seu trabalho vai criar comércio, o comércio vai criar mercados e os mercados irão atrair novos colonos. [25] Em 1934, um importante grupo de investidores sul-Africano e grandes capitalistas tinham estabelecido a África-Israel investimentos para a compra de terras na Palestina. A empresa continua a existir depois de 54 anos, com os sul-africanos como acionistas comuns, os activos detidos pelo Banco Leumi de Israel. [26]

O Muro de Ferro "

A tensão entre a afirmação de que a terra estava vazia ea exigência de que o "inexistente" habitantes ser impiedosamente subjugado foi menos acentuada quando os sionistas discutiu a estratégia entre si. A realidade do que era necessário para colonizar a Palestina tinha precedência sobre propaganda.
Um dos antepassados ideológico do sionismo, Vladimir Jabotinsky, é conhecido como o fundador do "sionismo revisionista", a corrente sionista, que tinha pouca paciência com a fachada liberal e socialista empregados pelo "trabalho" sionistas. [Sionismo revisionista é representado hoje por Menachem Begin e Yitzhak Shamir.] Em 1923, Jabotinsky escreveu A Muralha de Ferro, que poderia ser chamado de um ensaio de referência para todo o movimento sionista. Ele estabelecidos sem rodeios as premissas essenciais do sionismo que tinha, de fato, foi previsto antes, se não tão eloquentemente, por Theodor Herzl, Chaim Weizmann, entre outros. raciocínio Jabotinsky foi citado e refletido na defesa sionista subseqüentes - a partir nominal "esquerda" à chamada "direita". Ele escreveu o seguinte: Não pode haver discussão de reconciliação voluntária entre nós e os árabes, não agora, e não no futuro previsível. Todas as pessoas bem-intencionadas, com excepção dos cegos de nascença, entendeu há muito tempo a completa impossibilidade de se chegar a um acordo voluntário com os árabes da Palestina para a transformação da Palestina de um país árabe em um país com uma maioria judaica. Cada um de

vocês tem alguma compreensão geral da história da colonização. Tente encontrar até mesmo um exemplo, quando a colonização de um país ocorreu com o acordo da população nativa. Tal evento nunca ocorreu.
Os nativos irão sempre lutar obstinadamente contra os colonizadores - e isto é tudo a mesma coisa se eles são cultos ou incultos. Os camaradas de armas do [Hernan] Cortez ou [Francisco] Pizarro comportaram-se como bandidos. O Redskins lutou com fervor intransigente contra os dois colonizadores mal e de bom coração. Os nativos lutaram porque qualquer tipo de colonização em qualquer lugar a qualquer momento, é inadmissível para qualquer povo nativo. Qualquer povo nativo ver seu país como o lar nacional, do qual eles serão mestres completa. Eles nunca consentirão um novo mestre. Por isso, é para os árabes. Comprometedores entre nós tentam nos convencer de que os árabes são algum tipo de loucos que podem ser enganados com formulações escondidos dos nossos objetivos básicos. Eu terminantemente se recusam a aceitar este ponto de vista dos árabes palestinos. Eles têm a psicologia precisa que nós temos. Eles olham para a Palestina com o mesmo amor instintivo e fervor verdade que qualquer asteca olhava seu México ou qualquer Sioux sobre a sua pradaria. Cada povo lutará contra os colonizadores até a última centelha de esperança que eles possam evitar os perigos da conquista e da colonização é extinto. Os palestinos lutarão dessa forma até que não existe praticamente uma centelha de esperança.
Não importa que tipo de palavras que usamos para explicar a nossa colonização. Colonização tem seu próprio significado integral e inescapável compreendida por todos os judeus e por todos os árabes. Colonização tem apenas um objetivo. Isto está na natureza das coisas. Para alterar essa natureza é impossível. Foi necessário proceder a colonização contra a vontade dos árabes palestinos ea mesma condição existe agora. Mesmo um acordo com os palestinos não representa o mesmo tipo de fantasia. Para que os nacionalistas árabes de Bagdá e Meca e Damasco concordar em pagar um preço tão sério que eles teriam de se recusar a manter o caráter árabe da Palestina. Nós não podemos dar nenhuma compensação pela Palestina, nem aos palestinos nem aos outros árabes. Portanto, um acordo voluntário é inconcebível. Todos colonização, mesmo a mais restrita, deve continuar desafiando a vontade da população nativa. Portanto, ele pode continuar e desenvolver apenas sob o escudo de força que compreende um Muro de Ferro "através do qual a população local nunca pode romper. Esta é nossa política árabe. Para a formulação de qualquer outra maneira seria hipocrisia.
Seja através da Declaração de Balfour ou o mandato, a força externa é uma necessidade para o estabelecimento das condições do país de Estado e de defesa através do qual a população local, independentemente do que ele deseja, será privado da possibilidade de impedir nossa colonização, administrativamente ou fisicamente . Força deve desempenhar seu papel - com força e sem indulgência. Neste, não há diferenças significativas entre os

nossos militaristas e nossos vegetarianos. Uns preferem um muro de ferro de baionetas judeu, o outro um muro de ferro de baionetas Inglês. Para a censura banal que este ponto de vista não é ético, eu respondo, "absolutamente falsa". Esta é a nossa ética.
Não há outra ética. Enquanto houver o mais tênue centelha de esperança para os árabes para impedir-nos, eles não venderão essas esperanças - e não por quaisquer palavras doces, nem para qualquer pedaço saboroso, porque este não é um canalha, mas um povo, um povo que vive. E ninguém faz concessões enormes em questões tão fatal, exceto quando não há esperança esquerda, até que tenha removido todas as aberturas visível no muro de ferro. [27]

A Metáfora do Ferro

O tema e as imagens de ferro e aço coercitiva evocadas por Vladimir Jabotinsky era para ser tomada pelo nascente movimento nacional socialista na Alemanha, assim como Jabotinsky tinha, por sua vez, foi inspirado por Benito Mussolini. A invocação mística de ferro a serviço da conquista marciais e chauvinista unidos ideólogos sionistas, colonial e fascista. Ele procurou sua legitimidade nas lendas de um passado vitorioso. Sansão Cecil B. de Mille e Dalila foi mais do que um romance de Hollywood bíblica sobre a perfídia da mulher e da virtude da força viril. É realizada, também, os valores autoritários do romance do qual ele foi aprovado, Sansão Vladimir Jabotinsky, que alardeou a necessidade de força bruta, se os israelitas foram para conquistar os filisteus.
"Devo dar o nosso povo uma mensagem de você" Sansão pensou um pouco e depois disse lentamente: "A primeira palavra é de ferro. Eles devem pedir ferro. Eles devem dar tudo de si para o ferro - sua prata e do trigo, azeite e vinho e rebanhos, inclusive de suas esposas e filhas. Tudo para passar a ferro! Não há nada no mundo mais valioso do que o ferro. "[28]
Jabotinsky, a sirene do "muro de ferro através do qual a população local não pode romper" e da "lei de ferro de cada movimento colonizador ... força armada ", encontrado eco em sua chamada principal incursões sionista contra os povos vítima nas décadas come.Israel é atual ministro da Defesa, Yitzhak Rabin, lançaram a guerra de 1967 como Chefe de Gabinete com a" Vontade de Ferro ". Como primeiro-ministro em 1975 e 1976, ele declarou a política de Hayad Barzel, o "Mão de Ferro", na Cisjordânia. Mais de 300.000 palestinos foram passar pelas prisões de Israel em condições de sustentada e tortura institucionalizada exposto pelo Sunday Times de Londres e denunciada pela Anistia Internacional.
Seu sucessor como chefe de gabinete, Rafael Eitan, instituiu o "braço de ferro" - Zro'aa Barzel - na Cisjordânia, eo assassinato foi adicionado ao arsenal repressivo. Em 17 de julho de 1982, o gabinete israelense se reuniu para preparar o que o Sunday Times de Londres que termo "esta operação

cuidadosamente planejada pré-militar para purgar os campos, chamada Moah Barzel ou" Cérebro de Ferro ". Os campos de Sabra e Shatila foram e a operação "estava familiarizado com Sharon e Begin, parte de um grande plano de Sharon discutido pelo gabinete israelense". [29]
Quando Yitzhak Rabin, que havia apoiado o Likud revisionista no Líbano durante a guerra, tornou-se ministro Shimon Peres de Defesa no actual "unidade nacional" do governo, ele lançou no Líbano e na Cisjordânia, a política de Egrouf Barzel, o "Iron Fist ". É o "Iron Fist", que Rabin novamente citada como a base de sua política de repressão e punição coletiva ALLOUT durante o levante palestino 1987-1988 na Cisjordânia e em Gaza. É interessante lembrar, também, que Jabotinsky localizado seu impulso colonial na doutrina da pureza do sangue. Jabotinsky escrito isso em sua Carta sobre Autonomia: É impossível para um homem ser assimilados com pessoas cujo sangue é diferente do seu. Para se tornar assimilado, ele deve mudar o seu corpo, ele deve se tornar um deles, no sangue. Não pode haver uma assimilação. Nunca devemos permitir que coisas como o casamento misto porque a preservação da integridade nacional é impossível, exceto por meio da pureza racial e para isso teremos esse território onde nosso povo constituirá os habitantes racialmente puros.
Este tema foi também elaborada pelo Jabotinsky: A origem do sentimento nacional ... está no sangue de um homem ... no seu tipo físico rácio-e em que sozinho. ... Perspectivas de um homem espiritual é essencialmente determinada pela sua estrutura física. Por essa razão, não acreditamos na assimilação espiritual. É inconcebível, do ponto de vista físico, que um judeu nascido em uma família de sangue judeu puro pode se adaptar à perspectiva espiritual de um alemão ou um francês. Ele pode ser totalmente impregnado com que o fluido alemão, mas o núcleo de sua estrutura espiritual permanecerá sempre judeu. [30]
A adopção de doutrinas machistas da pureza racial ea lógica do sangue não se limitaram a Jabotinsky ou revisionistas. O filósofo liberal, Martin Buber, localizada sua sionismo igualmente no âmbito da doutrina racista europeu: O camadas mais profundas do nosso ser, são determinados pelo sangue, o nosso pensamento mais íntimo e nossa vontade são coloridos por ele. [31]
Como foi esta a ser implementado?

Notas

14. Walter Laqueur, História do sionismo (Londres, 1972).
15. Obrigações Joy et al. . Al, nossas raízes ainda estão vivos - A História do Povo Palestino (New York: Institute for Independent Social Jornalismo, Povos Press, 1977), p.13.
16. Theodor Herzl, O Estado Judeu "(Londres: 1896).
17. Hyman Lumer, o sionismo: Seu Papel na Política Mundial (New York:

International Publishers, 1973).
18. Chaim Weizmann, tentativa e erro: The Autobiography of Chaim Weizmann (New York: Harper's, 1949), p.149.19. John Moore Norton, ed, o conflito árabe-israelense (Princeton, NJ.:
A Sociedade Americana de Direito Internacional, Princeton University Press, 1977), p.885.
20. Ibid.
21. Howard Citado em Harry N., A Comissão King: Um inquérito americano no Oriente Médio (Beirute: 1963) Oriente.
22. N. Kirschner, o sionismo e da União da África do Sul: Cinqüenta Anos de amizade e compreensão, assuntos judaicos, África do Sul, Maio de 1960.
23. Theodor Herzl, Diário, vol.II, p.793.
24. Theodor Herzl, O Estado Judeu: uma tentativa de uma solução moderna para a questão judaica, p.33. Citado em Uri Davis, Israel: um estado de apartheid (London: Zed Books, Ltd., 1987), p.4.
25. Ibid., P.28.
26. Por amor e dinheiro, em Israel: Inquérito A, Financial Mail, Joanesburgo, África do Sul, 11 de maio de 1984, p.41.
27. O Muro de Ferro "-" O Zheleznoi Stene "- RASSVET, 04 novembro de 1923.
28. Lenni Brenner, A Muralha de Ferro: revisionismo sionista De Jabotinsky a Shamir (London: Zed Books, Ltd., 1984), p.79.
29. Sunday Times de Londres, 26 de setembro de 1982.
30. Carta de Jabotinsky sobre a autonomia, 1904. Citado em Brenner, O Muro de Ferro ", p.29.
31. Brenner, O Muro de Ferro ", p.31.

3.A colonização da Palestina

Em 1917, havia 56.000 judeus na Palestina e 644.000 Os árabes palestinos. Em 1922, havia 83.794 judeus e 663.000 Árabes. Em 1931, havia 174.616 judeus e 750.000 árabes. [32]

Colaborando com o colonialismo britânico

Com a formação de uma aliança tácita com os ingleses, os sionistas já recebeu apoio no solo para a conquista da terra. O processo foi descrito pelo poeta palestino e analista marxista, Ghassan Kanafani: Apesar do fato de que uma grande parte do capital judeu foi atribuída às áreas rurais, e apesar da presença de forças militares imperialistas britânicos e da enorme pressão exercida pela máquina administrativa favor dos sionistas, este último só atinge resultados mínimos em relação à ocupação de terras. Eles, no entanto, prejudicaram seriamente a situação da população árabe rural. Apropriação por grupos judaicos de terrenos urbanos e rurais aumentou de 300.000 em 1929 dunums [67.000 hectares] para 1.250.000 dunums em 1930 [280.000 hectares]. O terreno adquirido era insignificante do ponto de vista da colonização em massa e da resolução do "problema judaico". Mas a desapropriação de um milhão dunums - quase um terço da terra agrícola - levou a um grave empobrecimento dos camponeses árabes e beduínos. Em 1931, 20.000 famílias de camponeses foram expulsos pelos sionistas. Além disso, a vida agrícola no mundo subdesenvolvido e do mundo árabe em particular, não é apenas um modo de produção, mas também um modo de vida social, religiosa e ritual. Assim, além da perda da terra, a sociedade rural árabe foi sendo destruído pelo processo de colonização. [33]
O imperialismo britânico promoveu a desestabilização da economia palestina nativa. O Governo Obrigatório concedido um estatuto privilegiado ao capital judaico, atribuindo-lhe 90% das concessões na Palestina. Isso permitiu que os sionistas para ganhar o controle da infra-estrutura econômica (projectos rodoviários, os minerais do Mar Morto, eletricidade, portos, etc.) Em 1935, os sionistas controlada 872 de um total de 1.212 empresas industriais na Palestina. As importações relacionadas com as indústrias sionistas foram isentos de impostos. leis discriminatórias de trabalho foram aprovadas contra os trabalhadores árabes, resultando em desemprego em larga escala e uma existência inferior para aqueles que foram capazes de encontrar emprego.

A Revolta de 1936

Perda da terra e aumento da repressão consciência palestina do destino que lhes são destinadas e alimentou uma grande revolta, que durou de 1936 a

1939. A revolta assumiu a forma de desobediência civil e insurreição armada. Camponeses deixaram suas aldeias para juntar unidades de combate que foram formadas nas montanhas. Os nacionalistas árabes da Síria e Jordânia logo entraram na luta. A decisão de reter os impostos foi tomada 07 maio de 1936, em uma conferência com a participação de cem cinquenta delegados representando todos os sectores da população e uma greve geral varreu Palestina.
reação britânica foi imediata e dura. A lei marcial foi declarada 30 de julho de 1936 - cerca de cinco meses após o levante começou - e repressão generalizada se desencadeou. Qualquer pessoa suspeita de organizar ou simpatizar com a greve geral ou outra resistência foi detido. Casas foram destruídas em toda a Palestina. Uma grande parte da cidade de Jaffa foi destruída pelos britânicos em 18 de junho de 1936, processamento de 6.000 pessoas desabrigadas. Imóveis, bem como, nas comunidades do entorno foram enviados demolished.Britain grande número de tropas para a Palestina para reprimir a revolta (estimada em 20.000). Até o final de 1937 eo início de 1938, no entanto, as forças britânicas estavam perdendo o controle da revolta popular armada.

Os sionistas como agentes de Polícia

Foi neste momento que os ingleses começaram a invocar os sionistas que lhes forneceu um recurso único que nunca tinha batido em qualquer de suas colônias: uma força locais que haviam feito causa comum com o colonialismo britânico, e foi altamente mobilizada contra a população indígena . Se antes desta sionistas o tinha tratado muitas das tarefas de represálias, eles agora desempenhado um papel maior na repressão que foi escalado para incluir as prisões em massa, assassinatos e execuções. Em 1938, 5.000 palestinos foram presos, dos quais 2.000 foram condenados a longas penas de prisão, 148 pessoas foram executadas por enforcamento e mais de 5.000 casas foram demolidas. [34] As forças sionistas foram integrados com a inteligência britânica e se tornou a aplicação da lei de polícia do Estado britânico draconianas. A "força policial quase" foi criada para dar cobertura à presença armada sionista incentivados pelos britânicos. Havia 2.863 recrutas para a polícia quase, 12.000 homens foram organizadas no Haganah, e 3.000 no Nacional de Jabotinsky Organização Militar (Irgun). [35] No verão de 1937, a polícia quase foi chamado de "Defesa das colônias judaicas", e mais tarde o "A polícia da colônia".
Ben Gurion chamou a polícia quase um "quadro" ideal para a formação da Haganah. Charles Orde Wingate, o oficial britânico encarregado, foi, em essência, o fundador do exército israelense. Ele treinou figuras como Moshe

Dayan no terrorismo e assassinato.
Em 1939, as forças sionistas de trabalho com os britânicos aumentou para 14.411 organizados em dez grupos bem armados da Polícia Colônia, cada um comandado por um oficial britânico, com um funcionário da agência judaica como segundo no comando. Na primavera de 1939, a força sionista incluídos sessenta e três unidades mecanizadas, compostas de oito a dez homens.

O Relatório Peel

A Comissão Real foi criada em 1937, sob a direção de Lord Peel, para determinar as causas da revolta de 1936. A Comissão Peel concluiu que os dois principais fatores foram o desejo palestino de independência nacional e medo palestinos ao estabelecimento de uma colônia sionista em suas terras. O Relatório Peel analisou uma série de outros factores, com franqueza incomum. Estes foram:
1. A disseminação do espírito nacionalista árabe fora da Palestina
2. O aumento da imigração judaica a partir de 1933
3. A capacidade dos sionistas para dominar a opinião pública na Grã-Bretanha por causa do apoio tácito do governo
4. Falta de confiança árabes nas boas intenções do governo britânico
5. medo palestinos de compra de terras por judeus continuaram ausentes dos latifundiários feudais que vendeu suas propriedades rurais e expulsou os camponeses palestinos que trabalhavam a terra
6. A evasão do governo obrigatória sobre as suas intenções relativamente a soberania palestina. O movimento nacional consistiu da burguesia urbana, os latifundiários feudais, líderes religiosos e representantes dos camponeses e trabalhadores.
As suas exigências eram:
1. Uma paragem imediata à imigração sionista
2. Cessação e de proibição de transferência da propriedade de terras árabes aos colonos sionistas
3. O estabelecimento de um governo democrático no qual os palestinos teriam a voz de controlo. [36]

Análise da Revolta

Ghassan Kanafani descreveu a revolta: A verdadeira causa da revolta foi o fato de que o conflito agudo envolvidos na transformação da sociedade palestiniana de um outro árabe agrícola-feudal-clerical em um judeu (ocidental) uma burguesia industrial, atingiu seu clímax. .. O processo de estabelecimento das raízes do colonialismo e transformando-o de um mandato britânico na colonialismo sionista ... atingiu o seu auge em meados dos anos trinta, e de fato a liderança do movimento nacionalista palestino foi obrigada a adoptar

uma determinada forma de luta armada, porque não era mais capaz de exercer a sua liderança num momento em que o conflito atingiu proporções decisivas. [37]
O fracasso do mufti e outros líderes religiosos, dos proprietários de terras feudais ea burguesia emergente para apoiar os camponeses e os trabalhadores até o fim, permitiu ao regime colonial e os sionistas para esmagar a rebelião após três anos de heróica luta. Neste britânicos foram ajudados decisivamente pela traição dos regimes árabes tradicionais, que eram dependentes de seus patrocinadores colonial. A luta nacional palestina tem sido contínuo desde 1918 e tem sido acompanhada por uma ou outra forma de resistência armada organizada. Ele também incluiu a desobediência civil, greves gerais, não pagamento de impostos, a recusa de realizar cartões de identidade, boicotes e manifestações.

Notas

32. Sami Hadawi, Bitter Harvest (Delmar, NY: The Caravan Books, 1979), pp.43-44.
33. Ghassan Kanafani, 1936-1939 com a revolta na Palestina (Nova Iorque, o Comité para a Palestina
Democrática).
34. Ibid., P.96.
35. Ibid., P.39.
36. Ibid., P.31.
37. Ibid.

4.Consequências trágicas

Em 1947, havia 630.000 judeus e 1.300.000 árabes palestinos. Assim, no momento da partição da Palestina das Nações Unidas em 1947, os judeus eram 31% da população. [38] A decisão de dividir a Palestina, promovida pela principais potências imperialistas e Rússia de Stalin, deu 54% da terra fértil ao movimento sionista. Mas antes o estado de Israel foi criado, o Irgun eo Haganah apreendidos três quartos das terras e expulsaram quase todos os habitantes. Em 1948, havia 475 vilas e cidades palestinas. Destes, 385 foram arrasadas, reduzida a escombros. Noventa permanecer, despojado de suas terras.

Remoção da máscara

Em 1940, Joseph Weitz, chefe da Agência Judaica de Colonização do Departamento, que foi responsável pela organização atual dos assentamentos na Palestina, escreveu: "Entre nós deve ficar claro que não há espaço para ambos os povos juntos neste país. Não vamos alcançar o nosso objectivo que os árabes estão neste pequeno país. Não há outra maneira de transferir os árabes daqui para os países vizinhos - todos eles. Não é uma aldeia, não uma tribo deveria ser deixada. [39]
Joseph Weitz elaborou sobre o significado prático de tornar a Palestina "judeu": Existem alguns que acreditam que a população não-judia, mesmo em um percentual alto, dentro de nossas fronteiras será mais eficaz, sob a nossa vigilância e há alguns que acreditam que o isto é, ao contrário, que é mais fácil para realizar a vigilância sobre as atividades de um vizinho que sobre aqueles de um inquilino. [I] tendem a apoiar esta última opinião e tem um argumento adicional: ... a necessidade de manter o caráter do Estado, que passarão a ser judeu ... com uma minoria não-judaica limitada a quinze por cento. Eu já tinha chegado a esta posição fundamental em 1940 [e] que está inscrita no meu diário. [40]
O Relatório Koenig declarou esta política ainda mais claro: Devemos usar o terror, o assassinato, a intimidação, a confiscação de terras eo corte de todos os serviços sociais para libertar a Galileia da sua população árabe. [41] Heilbrun presidente do Comité para a eleição de Re-Geral Shlomo Lahat, o prefeito de Tel Aviv, declamou: ". Temos que matar todos os palestinos a menos que eles estão resignados a viver aqui como escravos" [42] Estes são as palavras de Uri Lubrani, assessor especial primeiro-ministro israelense David Ben Gurion, em árabe Exteriores, em 1960: "Vamos reduzir a população árabe a uma comunidade de lenhadores e garçons." [43]
Raphael Eitan, chefe do Estado Maior das Forças Armadas de Israel afirmou: Declaramos abertamente que os árabes não têm direito de se instalar no

mesmo um centímetro de Eretz Israel ... Força é tudo o que fazem ou já vai entender. Vamos usar a força máxima até que os palestinos vêm rastejando para nós em todos os fours. [44] Eitan elaborado antes dos Negócios Estrangeiros do Knesset Exteriores e Comitê de Defesa: Quando temos povoaram a terra, os árabes serão capazes de fazer será correm por aí como baratas drogadas em uma garrafa. [45]

Ben Gurion e com o objectivo final

As ambições territoriais do sionismo foram claramente enunciados por David Ben Gurion, em um discurso para uma reunião sionistas em 13 de outubro de 1936: "Não sugerimos que anunciamos agora o nosso objectivo final que é de grande alcance - até mais do que os revisionistas que opor partição. Estou disposto a abandonar a grande visão, a visão final que é um componente orgânico, espiritual e ideológica da minha ... aspirações sionistas. "[46]
No mesmo ano, Ben Gurion escreveu em uma carta a seu filho: Um Estado Judeu parcial não é o fim, mas apenas o começo. Estou certo de que não pode ser impedido de se estabelecer em outras partes do país e da região. Em 1937, ele declamou: ". As fronteiras das aspirações sionistas são a preocupação do povo judeu e nenhum fator externo poderá limitá-las" [47] Em 1938, ele foi mais explícito: "As fronteiras da aspiração sionista", ele disse ao Conselho Mundial de Poale Zion em Tel Aviv ", incluem o sul do Líbano, o sul da Síria, da Jordânia de hoje, toda a Cis-Jordânia [Cisjordânia] e do Sinai." [48]
Ben Gurion formulado estratégia sionista de forma muito clara: Depois de se tornar uma força forte como o resultado da criação do estado, vamos abolir a partição e expandir para toda a Palestina. O estado será somente uma etapa na realização do sionismo e sua tarefa é preparar o terreno para nossa expansão. O estado terá de preservar a ordem - não através da pregação, mas com metralhadoras. [49]
Em maio de 1948, ele apresentou seus objetivos estratégicos para o Estado Maior General. "Devemos nos preparar para ir para a ofensiva. Nosso objetivo é esmagar o Líbano, a Transjordânia ea Síria. O ponto fraco é o Líbano, para o regime muçulmano é artificial e fácil para nos prejudicar. Nós estabeleceremos um Estado cristão, e então nós vamos destruir a Legião Árabe, eliminar Trans-Jordânia, a Síria cairá para nós. Em seguida, bombas e seguir em frente e tomar Port Said, Alexandria e do Sinai. "[50]
Quando o general perguntou Yigal Allon Ben Gurion, "O que está a ser feito com a população de Lida e Ramle?" - Cerca de 50.000 habitantes - Ben Gurion, de acordo com seu biógrafo, acenou com a mão e disse: "expulsá-los!" [51]
Yitzhak Rabin, o atual ministro da Defesa, realizada este edital. Em Lida e Ramle, sem vestígios de habitações palestinas permanecem. Hoje, essa área é ocupada totalmente pela população de colonos judeus. Michael Bar Zohar, em

sua biografia de David Ben Gurion, descreve a primeira visita de Ben Gurion para Nazaré. "Ben Gurion olhou espantado e disse: 'Por que existem tantos árabes, por que você não expulsá-los?" Os palestinos foram efectivamente expulsos. Entre 29 de novembro de 1947, quando as Nações Unidas dividiram a Palestina, e 15 maio de 1948, quando o Estado foi oficialmente proclamada, o exército sionista e as milícias tinham apreendido 75% da Palestina, forçando 780.000 palestinos fora do país.

A carnificina começa: Deir Yasin

O processo foi um dos abate sofridos aldeia após aldeia foi exterminada. O assassinato foi a intenção de causar as pessoas a fugir para salvar suas vidas. O comandante da Haganah, Zvi Ankori, descreveu o que aconteceu: "Eu vi a genitália cortada e estômagos mulher esmagada ...
Foi um assassinato direto. "[52] Menachem Begin, regozijou-se sobre o impacto em toda a Palestina das operações de "nazista", ele comandou em Deir Yasin. Leí e IZL Comandos invadiram a aldeia de Deir Yasin em 09 de abril de 1948, matando 254 homens, mulheres e crianças. A lenda de espalhar o terror entre os árabes, que foram apreendidos com pânico à simples menção de soldados nossos Irgun. Valia a pena uma meia dúzia de batalhões das forças de Israel. Árabes em todo o país ... Foram apreendidos com pânico sem limites e começou a fugir para salvar suas vidas. Esta fuga em massa logo tornou-se uma debandada, enlouquecido incontrolável. Dos 800 mil árabes que viviam no atual território do estado de Israel, apenas cerca de 165.000 ainda estão lá. A importância política e econômica deste desenvolvimento não pode ser subestimada. [53]
A implementação deste programa foi realizada em parte por Menachem Begin e, em parte, seu futuro sucessor como primeiro-ministro, Yitzhak Shamir, como os comandantes militares do Irgun e do Lohamei Herut Israel (Lehi), ou seja, Lutadores pela Liberdade de Israel . Moradores foram vigor marcharam em roupas encharcadas de sangue pelas ruas de Jerusalém para zombando os espectadores, antes de desaparecer.

Eyewitness Contas

Os relatos de testemunhas oculares destes acontecimentos prenunciava o destino do povo palestino.
Era meio-dia quando a guerra terminou e os tiros pararam. As coisas tinham-se calmo, mas a aldeia não tinha se rendido. O IZL (Irgun) e Lehi (Stern Gang) irregulares deixaram os locais em que haviam se escondido e começou a realizar operações de limpeza nas casas. Eles dispararam com todas as armas que tinha, e jogou explosivos nos edifícios. Eles também atiraram em todos eles viram nas casas, incluindo mulheres e crianças - na verdade, os

comandantes não fez qualquer tentativa para verificar os atos vergonhosos de abate. Eu mesmo e um número de habitantes pediu aos comandantes para dar ordens aos seus homens para parar de filmar, mas nossos esforços foram infrutíferos. Entretanto, alguns 25 homens tinham sido levadas para fora das casas: eles foram carregados em um caminhão de frete e levou em uma "parada da vitória", como um triunfo romano, através de Maané Yehudah e bairros Zikhron Yosef [de Jerusalém] . No final do desfile foram levados para uma pedreira entre Giv'at Shaul e Deir Yasin e atirou a sangue frio. Os lutadores em seguida, colocar as mulheres e crianças que ainda estavam vivos em um caminhão e levou até o Portão de Mandelbaum. [54] O diretor da Cruz Vermelha Internacional na Palestina, Jacques de Reynier, tentou intervir como palavra de propagação de abate. Seu testemunho pessoal é o seguinte: ... O comandante do destacamento da Irgun não parecem dispostos a me receber. Finalmente ele chegou, o jovem, que se distingue, e perfeitamente correto, mas havia um brilho estranho nos olhos, frio e cruel. Segundo ele, o Irgun havia chegado 24 horas antes e ordenou aos habitantes, através de altifalante para evacuar todas as casas e entrega: o tempo determinado a obedecer a ordem foi um quarto de hora. Algumas dessas pessoas infelizes se apresentaram e foram presos, a ser lançado na direção das linhas árabes. O resto, não tendo obedecido a ordem, tinha encontrado o destino que mereceu. Mas não havia nenhum ponto em exagerar as coisas, havia apenas um morto poucos, e eles seriam enterrados logo que a "limpeza" da cidade é de mais. Se eu encontrasse qualquer corpo, eu poderia levá-los, mas há certamente houve feridos. Esta conta fiz o meu sangue gelar. Voltei para a estrada de Jerusalém e tenho uma ambulância e um caminhão que eu havia alertado através do Escudo Vermelho ... Cheguei à aldeia com o meu comboio, e os tiros pararam. A quadrilha (Irgun) estava vestindo uniformes com os capacetes. Todos eles eram jovens, alguns ainda adolescentes, homens e mulheres, armados até os dentes: revólveres, metralhadoras, granadas de mão, além de espadas em suas mãos, a maioria deles ainda manchada de sangue. Uma bela jovem de olhos penal mostrou-me dela, ainda pingando sangue, ela é exibida como um troféu. Esta foi a "limpeza" da equipe, que era, obviamente, executar a sua tarefa muito conscienciosa. Eu tentei ir em uma casa. Uma dúzia de soldados cercaram-me, suas metralhadoras destinadas a meu corpo, e seu diretor me proibiu de se mover. Os mortos, se houver, seria trazido para mim, disse ele. Eu, então, voou em uma das mais altas raivas da minha vida, dizendo estes criminosos que eu achava da sua conduta, ameaçando-os com tudo o que pude pensar, e, em seguida, empurrou-os de lado e entrou na casa. O primeiro quarto era escuro, tudo estava em desordem, mas não havia ninguém. No segundo, entre mobiliário estripado e todos os tipos de detritos, eu encontrei alguns corpos, frio. Aqui, o "clean-up" foi feito com metralhadoras, granadas de mão, em seguida. Ela havia sido morto com facas, qualquer um podia ver isso. A mesma coisa na sala ao lado, mas como eu estava prestes a sair, ouvi

algo como um suspiro. Eu olhei em toda parte, voltou-se a todos os órgãos e, finalmente, encontrado um pouco de pé, ainda quente. Era uma menina de dez anos, mutilado por uma granada de mão, mas ainda vivo ... em todos os lugares era a mesma visão horrível ... tinha havido quatrocentas pessoas nesta aldeia, a cerca de cinqüenta deles tinham escapado e ainda estavam vivos. Todo o resto tinha sido deliberadamente massacrados a sangue frio, pois, como observado para mim, este grupo foi admiravelmente disciplinada e só agiram sob ordens.

Depois de mais uma visita a Deir Yasin, voltei ao meu escritório, onde fui visitado por dois senhores, bem-vestido à paisana, que estavam esperando por mim há mais de uma hora. Eles estavam o comandante do destacamento da Irgun e seu assessor. Eles tinham preparado um documento que eles queriam que eu assinasse. Foi uma declaração no sentido de que eu tinha sido muito cortesmente recebido por eles, e obteve todas as facilidades que eu tinha solicitado, no cumprimento da minha missão, e agradecendo-lhes pela ajuda que recebeu. Como já mostrou sinais de hesitação e até mesmo começaram a discutir com eles, eles disseram que se eu valorizava minha vida, eu tinha melhor sinal imediatamente. O único caminho para mim era convencê-los que eu não valorizo a minha vida, no mínimo. [55]

A chacina na Dueima

Se o massacre de Deir Yasin foi realizado pela "direita" sionista revisionista organizações clandestinas, IZL e Leí, como massacres ocorreu em uma escala semelhante em todo o país. O massacre de Dueima em 1948, foi perpetrada pelo funcionário Trabalho exército sionista de Israel, o Israel Defense Forces (Tzeva Haganá le-Israel ou Zahal). O relato do massacre, como descrito por um soldado que participou do horror, foi publicado em Davar, o jornal oficial do dia em hebraico do Trabalho-sionista-correr Histadrut Federação Geral dos Trabalhadores: ... Eles morreram entre oitenta a cem árabes, homens, mulheres e crianças. Para matar as crianças, eles [militares] fraturou a cabeça com pedaços de pau. Não havia uma casa sem cadáveres. Os homens e mulheres das aldeias foram empurrados para dentro das casas, sem comida ou água. Em seguida, os sabotadores veio a dinamite-los.

Um comandante ordenou um soldado para levar duas mulheres em um edifício que estava prestes a explodir ... Outro soldado se orgulhava em ter estuprado uma mulher árabe antes de disparar até a morte. Outra mulher árabe com seu bebê recém-nascido foi feito para limpar o lugar de um par de dias, e então eles atiraram dela e do bebê. Educado e comandantes bem-educado, que eram considerados "bons rapazes" ... tornou-se assassinos base, e isto não na tempestade da batalha, mas como um método de expulsão e de extermínio. Quanto menos os árabes que permanecem, melhor. [56]

O valor estratégico do massacre de Deir Yasin seria amplamente defendida ao

longo dos anos pelos líderes sionistas como Eldad [Scheib] que, com Yitzhak Shamir e Yalin-Mor Nathan [Feldman], estavam encarregados de Leí. Falando em uma reunião em julho de 1967, suas declarações foram publicadas na revista bem conhecida da opinião, De'ot, no inverno de 1968: Eu sempre disse que se o resgate mais profundo e mais profundo que simboliza a esperança é a reconstrução do [judeus] Templo ... então é óbvio que essas mesquitas [al-Haram al-Sharif e de al-Aqsa] vai ter, de uma forma ou de outra, a desaparecer um dia destes ... Se não fosse para Deir Yasin, meio milhão de árabes estariam vivendo no Estado de Israel [em 1948]. O estado de Israel não teria existido. Não podemos ignorar isso, com plena consciência da responsabilidade envolvida. Todas as guerras são cruéis. Não há maneira de sair dessa. Este país quer ser Eretz Israel com uma maioria absoluta judaica e uma pequena minoria árabe, ou Ismael Eretz, e emigração judaica começará novamente se não expulsar os árabes de uma forma ou de outra. [57]

Assassinato em Gaza

O programa do massacre não termina com a formação do Estado. Har Tzion Meir diário descreve os massacres nos campos de refugiados e aldeias de Gaza durante a década de 1950: A largura do leito seco reluz sob o luar. Nós avançamos, cuidadosamente, ao longo da encosta da montanha. Várias casas podem ser vistas ... Ao longe podemos ver três luzes e ouvir os sons da música árabe que sai das casas imersas nas trevas. Estamos divididos em três grupos de quatro homens cada. Dois grupos se dirigem para o campo de refugiados imenso (Burj Al) ao sul da nossa posição. O outro grupo de marchas em direção à casa solitária no norte da área plana de Wadi Gaza. Caminhamos para a frente, pisando em cima de campos verdes, atravessar canais de água, como a lua nos banha com sua luz cintilante. Logo, porém, o silêncio será quebrado por balas, explosões e os gritos daqueles que agora estão dormindo em paz. Avançamos rapidamente e entra numa das casas - "Mann Haatha" [árabe para "Quem está aí?"]
Chegamos em direção as vozes. Atemorizada e trêmula, dois árabes estão se levantando contra a parede do edifício. Eles tentam escapar. Eu abrir fogo. Um grito estridente enche o ar. Um homem cai no chão enquanto o seu amigo continua a funcionar. Agora temos de agir - não temos tempo a perder. Nós fazemos o nosso caminho de casa em casa, como os árabes sobre a disputa em confusão. Metralhadoras chocalho, seu ruído misturado com uma terrível uivo. Nós chegar à rua principal do acampamento. A multidão de árabes que fugiam cresce. Os outros ataques do grupo na direção oposta. O trovão ecoa da nossa mão-granadas na distância. Nós recebemos uma ordem para recuar. O ataque chegou ao fim. [58]

Kibya Unidade de Comando e 101

O primeiro-ministro Moshe Sharett (1954-1955) deu o seguinte relato do massacre na aldeia de Kibya em 1953 (18 de outubro de 1953). Ariel Sharon comandou pessoalmente a ação em que homens, mulheres e crianças foram mortos em suas casas. [Na reunião de gabinete] me condenou a Affair Kibya que nos expôs na frente de todo o mundo como um bando de sugadores de sangue capaz de massacres ... Eu avisei que essa mancha vai ficar conosco e não serão levados para os próximos anos. Foi decidido que um comunicado em Kibya será publicado e Ben Gurion foi escrevê-lo. É realmente um ato vergonhoso. Perguntei várias vezes e cada vez que me garantiu solenemente que as pessoas não descobrir como ele tinha sido feito. [59] Sharett anotou em seu diário os detalhes de outros massacres em aldeias palestinas em 1955: "A opinião pública, do exército e da polícia concluíram que o sangue árabe pode ser livremente derramado. É preciso tornar o Estado apareça aos olhos do mundo como um estado selvagem. "[60]

Kafr Qasim: A matança continua

O massacre de Kafr Qasim seguiu o padrão sionista. Em outubro de 1956, brigadeiro Shadmi israelense, o comandante de um batalhão na fronteira israelo-jordana, ordenou um toque de recolher imposto na noite da "minoria" aldeias [árabes] sob seu comando. Estas aldeias estavam dentro das fronteiras de Israel, assim, seus habitantes eram cidadãos israelenses. Shadmi disse o comandante de uma unidade da Guarda de Fronteira, Major Melinki, que o toque de recolher deve ser "extremamente rigorosa" e que "não seria o suficiente para prender aqueles que quebrou - eles devem ser fuzilados." Acrescentou: Um homem é morto melhor do que as complicações da imobilização. [61]
Ele [Melinki] informou os policiais montados que ... sua missão era impor o toque de recolher nas aldeias minoritárias 1700-0600 [17:00-06:00] ... Qualquer um que sair da sua casa, ou alguém quebrar o toque de recolher deveria ser morto. Ele acrescentou que houvesse nenhuma prisão e que, se um número de pessoas foram mortas na noite desta facilitaria a imposição do toque de recolher durante noites sucessivas. Tenente Frankanthal lhe perguntou: "O que fazemos com os feridos?" Melinki respondeu: "não olha para eles." Um líder seção, em seguida, perguntou: "E quanto às mulheres e crianças?" Para que Melinki respondeu: "Não sentimentalismo. "Quando lhe perguntaram:" E as pessoas voltando de seu trabalho "Melinki respondeu:" Vai ser muito ruim para eles, como disse o Comandante. " Os autores do massacre de Kafr Qasim - uma unidade de comando de Ariel Sharon Unidade de Comando-101 - foram premiados com medalhas e de promoções na Defesa de Israel (IDF).
Os métodos genocidas necessária para impor o Estado colonial dentro das

fronteiras pré-1967 de Israel é considerado como o modelo para lidar, em última análise com os palestinos nos territórios ocupados pós-1967. Aharon Yariv, chefe da inteligência militar e ex-ministro da Informação, afirmou, em seminário aberto ao público no Leonard Davis Instituto de Relações Internacionais na Universidade Hebraica em Jerusalém, que: Há opiniões que defendem que uma situação de guerra ser utilizada para o exílio de 700.000 800 mil árabes. Estas opiniões são bastante comuns. As declarações foram formuladas sobre o assunto e também instrumentos [aparelhos] foram preparados. [62]

Notas

38. Hadawi, pp.43-44.
39. Joseph Weitz, uma solução para o problema Davar os Refugiados, 29 de setembro de 1967. Citado em
Uri Davis e Norton Mezvinsky, eds, Documentos de Israel, 1967-1973, p.21.
40. Davis, Israel: um estado de apartheid, p.5
41. Al Hamishmar (jornal israelense), 07 de setembro de 1976.
42. Citado por Fouzi El-Asmar e Baransi Salih durante as discussões com o autor, Outubro de 1983.
43. Jiryis Sabri, os árabes em Israel (New York: Monthly Review Press, 1976).
44. Gad Becker, Yediot Ahronot, 13 de abril de 1983, e The New York Times, 14 de abril de 1983.
45. Ibid.
46. David Ben Gurion, Memoirs, Volume III, p.467.
47. Ben Gurion, a partir de um discurso de 1937 já em suas Memórias.
48. David Ben Gurion, relatório ao Conselho Mundial de Poale Zion (o precursor do Partido Trabalhista), Tel Aviv, 1938. Citado por Shahak Israel, Revista de Estudos da Palestina, da Primavera de 1981.
49. Ben Gurion, em um discurso de 1938.
50. Michael Zohar Bar, Ben Gurion: A Biography (Nova York: Delacorte, 1978).
51. Ben Gurion, julho de 1948, conforme citado por Bar Zohar.
52. Brenner, O Muro de Ferro ", p.52.
53. Ibid., P.143.
54. Meir Pa'il, Yediot Aharanot, 04 de abril de 1972. Citado por David Hirst, The Gun eo ramo de oliveira (Grã-Bretanha: Faber & Faber Ltd., 1977), pp.126-127.
55. Jacques de Reynier, Uma Jerusalém un Drapeau Flottait sur la ligne de Feu, pp.71-76. Citado por Hirst, pp.127-8.
56. Davar, 09 de junho de 1979.
57. Eldad, no espírito que foi revelado no Povo De'ot, Inverno 1968. Davis e Mezvinsky, pp.186-7.

58. Har Tzion Meir, (Tel Aviv: Epstein-Levin Ltd., 1969) Diário. Citado em Livia Rokach, Israel Sagrado Terrorismo (Belmont, Massachusetts: Associação dos Diplomados Arab American University Press Inc.,
1980) p.68.
59. Rokach, p.16.
60. Ibid.
61. Desde os registros do tribunal: acórdãos do Tribunal Distrital: O Procurador Militar vs Malor Melinki al. al. Rokach, p.66.
62. Ha'aretz, 23 de maio de 1980.

—

5.A apreensão da Terra

É conveniente rever a abrangência dessa política assassina e suas conseqüências. No território que ficou sob ocupação israelense após a partição, existiam cerca de 950 mil árabes palestinos. Eles habitavam cerca de 500 aldeias e todas as grandes cidades, que incluiu Tiberíades, Safed, Nazaré, Shafa Amr, Acre, Haifa, Jaffa, Lida, Ramle, Jerusalém, Majdal (Ashqelon), Isdud (Ashdod) e Beersheba. Depois de menos de seis meses apenas 138 mil pessoas permaneciam. (Valores variam entre 130.000 a 165.000). A grande maioria dos palestinos foram mortos, expulsos ou fugiram em pânico antes do abate bandas de unidades do exército israelense. Tendo, assim, eliminou a maioria dos habitantes palestinianos da terra da Palestina, o governo israelense se comprometeu a destruição sistemática de suas casas e posses. Cerca de 400 cidades e aldeias foram arrasadas durante 1948 e 1949. Mais seguidos na década de 1950.
Moshe Dayan, ex-Chefe do Estado Maior e ministro da Defesa, foi inibido em seu resumo sobre a natureza da colonização sionista antes que os estudantes do Instituto de Tecnologia de Israel (O Techniyon): Nós viemos aqui para um país que foi povoada por árabes, e nós estamos construindo aqui um hebreu, o estado judeu. Em vez de aldeias árabes, aldeias de judeus foram estabelecidas. Você nem sequer sabe os nomes dessas aldeias e eu não o culpo, porque esses livros de geografia já não existem. Não só os livros, mas também as aldeias não existem. Nahalal foi criada em lugar de Mahalul, Gevat no lugar de Jibta, Sarid no lugar de Hanifas e Yehoushu'a Kafr no lugar de Tel Shamam. Não há uma solução única que não foi criada no lugar de uma antiga aldeia árabe. [64]
A tabela a seguir foi preparada por Israel Shahak, presidente da Liga Israelense para os Direitos Humanos e Direitos Civis, sob o título "as aldeias árabes destruídas em Israel." [65]

Destruição de aldeias árabes palestinos

Nome do Distrito   Número de Aldeias Antes de '48

1988
Destruído
Jerusalém, 33 4 29
Belém 7 0 7
Hebron 16 0 16
Jaffa 23 0 23
Ramle 31 0 31

Lida 28 0 28
Jenin, 8 4 4
Tulkarm 33 12 21
Haifa 43 8 35
Acre 52 32 20
Nazareth 26 20 6
Safad 75 7 68
Tiberíades 26 3 23
Bisan 28 0 28
Gaza, 46 0 46
Total 90 475 385

Shahak sublinha que esta lista está incompleta documentado, pois é possível encontrar inúmeras comunidades árabes e "tribos". dados oficiais israelenses caracterizar, por exemplo, 44 aldeias beduínas e cidades como "tribos", para reduzir, pelo artifício do censo, o número de permanentes comunidades palestinas.

"Ausentes" Propriedade

Com a expulsão dos palestinos ea destruição de suas cidades e aldeias, grandes quantidades de bens foram apreendidos sob a rubrica da "Lei de Propriedade absentista" (1950). Até 1947, a propriedade da terra dos judeus na Palestina foi cerca de 6%. Até o momento o Estado foi formalmente criada, tinha seqüestrado 90% da terra: de toda a área do Estado de Israel, apenas cerca de 300.000 a 400.000 dunums [67,000-89,000 hectares] ... são de domínio do Estado que o governo israelense tomou ao longo do regime obrigatório [Mandato Britânico] [2%]. O J.N.F. (Fundo Nacional Judaico) e os proprietários privados de judeus possuem sob dois milhões dunums [10%]. Quase todos os [ou seja, 88% dos 20.225.000 dunums (4.500.000 hectares) no prazo de linhas de armistício de 1949] resto pertence de direito aos proprietários árabes, muitos dos quais deixaram o país. [66] O valor da propriedade roubada foi de US $ 300 milhões - mais de trinta anos atrás. (Estimativas da Liga Árabe, são dez vezes esse valor.) Em dólares correntes, este valor teria que ser quadruplicada.
As Nações Unidas para os Refugiados Office estimou o valor dos árabes pomares abandonados, árvores, bens móveis e imóveis no território sob jurisdição israelense estava prestes 118-120000000 libras esterlinas, uma média de £ 130 [$ 364] por refugiados. [67] A apreensão de propriedades palestinas era indispensável para fazer de Israel um Estado viável. Entre 1948 e 1953, 370 cidades judaicas e assentamentos que foram estabelecidos. Trezentos e cinqüenta e estavam em propriedade "ausente". Em 1954, cerca de 35% dos judeus de Israel viviam em propriedades confiscadas de ausentes

e cerca de 250.000 novos imigrantes se estabeleceu em áreas urbanas das quais os palestinos haviam sido expulsos. Cidades inteiras foram esvaziadas dos palestinos, como Jaffa, Acre, Lida, Ramle, Bisan e Majdal (Ashqelon). Esta pilhagem abraçou 385 cidades e vilas em sua totalidade e grandes seções de 94 outras cidades e vilas, com 25% de todos os edifícios em Israel. Dez mil empresas e lojas de varejo foram entregues a colonos judeus. De 1948 a 1953 - o período de maior imigração - a importância econômica de Israel, de bens apreendidos árabe foi decisiva. A quantidade de terras cultiváveis apreendidos de palestinos expulsos de seu país pelo massacre foi duas vezes e meia a área total das terras concedidas aos sionistas, com o fim do mandato. Praticamente todos os pomares de citros de palestinos foram apreendidos - composto de mais de 240.000 dunums [53.000 hectares]. Em 1951, 1,25 milhões de caixas de citros de pomares árabes foram apreendidas nas mãos de Israel - 10% dos lucros do país em divisas de exportação. Em 1951, 95% dos olivais todo o Israel veio do apreendidos terras palestinas. Olive produzir a partir roubado bosques palestinos exportação representou a terceira maior de Israel - depois de citrinos e diamantes. Um terço de toda a produção de pedra veio apreendidos 52 pedreiras palestinas. [68] A mitologia sionista inclui a alegação de que a indústria sionista, dedicação e competência transformaram uma terra desértica, de outra forma estéril, negligenciada por seus primitivos guardiães árabes nômades, em um jardim - fazer florescer o deserto. pomares palestinos, a indústria, o material circulante, fábricas, casas e bens foram saqueados após a conquista do abate - o navio do Estado que um navio de piratas, a sua bandeira própria caveira e ossos cruzados.

"Judaizante" na Terra

O Fundo Nacional Judeu garantiu sua primeira terra em 1905. Seus objetivos foram definidos como a aquisição de terrenos "para efeitos de colonização judaica em tais terras." [69] Em maio de 1954, o Keren Kayemeth le-Israel, "Fundo Perpétuo para Israel", foi incorporada em Israel e adquiriu todos os activos do Fundo Nacional Judeu. Em novembro de 1961, o J.N.F. eo governo de Israel assinou um convênio com base na legislação aprovada em Julho de 1960. Ele estabeleceu a Israel Lands Administration. Uma diretiva uniforme foi legalmente em vigor em 93% das terras em Israel sob a égide do Estado, que foi obrigado pelas políticas do Kayemeth Keren le-Israel e os JNF [69] Como primeiro-ministro Levi Eshkol declarou ao Knesset (Parlamento Israelj) Ao propor que o Estado de Israel adotar políticas exclusivas da JNF à terra: "O princípio estabelecido como a base do Fundo Nacional Jewjsh ... será estabelecido como um princípio aplicação às terras do Estado ". [69b] O Fundo Nacional Judeu é explícito sobre esse ponto. Ele declarou em J.N.F. Relatório 6: Na sequência de um acordo entre o governo de Israel eo JNF, o Knesset, em 1960, promulgou a Lei Fundamental: whjch Israel-Terra dá efeito jurídico com

a antiga tradição da posse da terra em perpetuidade pelo povo judeu - o princípio sobre o qual o JNF foi fundada. A mesma lei estende-se esse princípio para a maioria dos domínios do Estado de Israel. [69C]
Qualquer relação a esta terra era regida pela condição seguinte enunciado em todas as concessões relativas à propriedade: O arrendatário deve ser judeu e deve concordar em executar todos os trabalhos relacionados com o cultivo da exploração do trabalho apenas com judeus. [70] A conseqüência é que a terra não pode ser alugado a um não-judeu, nem pode ser sublocados a locação, vendida, hipotecada, dada ou legados a um não-judeu. Não-judeus não podem ser empregados na terra, nem em qualquer trabalho relacionado com o cultivo. Se essas condições são violadas de multas ea revogação do contrato, sem qualquer compensação, ensue.What é particularmente instrutivo é que estas regras não são aplicadas apenas pela JNF, mas pelo Estado no âmbito de suas leis. Eles se aplicam a J.N.F. e todas as terras do Estado, que consiste, predominantemente, de propriedade de "ausente".

Não-judeus não aplicar

Em Israel, estas terras do Estado são classificadas como "terra nacional". Isso significa judeu, não a terra "de Israel". Emprego dos não-judeus é ilegal e tratada como uma infração da lei. Devido à escassez de trabalhadores agrícolas judaicas, e desde que os palestinos recebem uma fração dos salários permitiu trabalhadores judeus, alguns agricultores judeus (como o ex-ministro da Defesa, Ariel Sharon) empregar árabes. Esta prática é ilegal! Em 1974, o ministro da Agricultura denunciou a prática como "um câncer". [71] Assentamentos de sublocação que um terreno em regime de parceria com os árabes são denunciados. A disseminação da prática, dada a super-lucros provenientes de trabalho barata palestiniana, foi rotulado de "uma praga" do Ministério da Agricultura. O Departamento de Liquidação da Agência Judaica, alertou que tais práticas violam a lei, os regulamentos da Agência Judaica e da aliança entre o Estado israelense eo JNF O emprego de não-judeus, foi punido com multas e "uma doação para um fundo especial". [72] Israel Shahak descreveu este processo como "uma mistura repugnante de discriminação racial e de corrupção financeira." O que tudo isso revela, no entanto, é que o Estado de Israel emprega todas as condições normais de utilização em um sentido racista. O "povo", apenas os judeus. Um "imigrante" ou "colono" só pode ser um judeu. Um assentamento significa um assentamento só para judeus. terra nacional significa terra judia - não terra israelense. Assim, a lei e os direitos, proteção eo direito a emprego ou a propriedade pertence somente aos judeus. cidadania "israelense" ou nacionalidade aplica-se estritamente aos judeus em todas as aplicações específicas de seu significado e de governança. Como a definição de um judeu é inteiramente baseado em "gerações de ascendência judaica materna" religiosos ortodoxos dita, é o pré-requisito para

gozar do direito ao emprego de propriedade, ou a proteção sob a lei. Não há exemplo mais puro das leis racistas e procedimentos. Usando esses mesmos critérios, mais de 55% das terras e 70% de água na Cisjordânia [territórios ocupados em 1967] foram apreendidos em benefício de 6% da população - cerca de 40.000 colonos entre 800.000 palestinos. Em Gaza [territórios ocupados em 1967], 2.200 colonos foram dadas mais de 40% das terras. Um meio milhão de palestinos estão confinados em acampamentos lotados e favelas. Assim, as práticas universalmente condenada nos pós -1967 territórios ocupados, mas são a continuação do próprio processo em que o próprio Estado de Israel foi estabelecido. O uso da força, a apreensão da terra ea exclusão dos trabalhadores não-judeus é central para a teoria sionista e prática. Theodor Herzl promulgada este programa em 12 junho de 1895: Vamos ... espírito da população pobre através da fronteira ... negando-lhes um emprego em nosso país. [73]

Os kibutzim racista

Ironicamente, a instituição israelense sobre quais as maiores ilusões se divertem é o Kibbutz - um exemplo de cooperação presuntivo socialista. Como Israel Shahak afirmou: A organização israelense que pratica o maior grau de exclusão racista é ... do kibutz. A maioria dos israelenses foram alertados para o carácter racista do kibutz como mostrado não só contra os palestinos, mas contra todos os seres humanos que não são judeus, por um bom tempo. [74] Os kibutzim existem predominantemente na apreendidos terras palestinas. Não-judeus não podem ser membros. Caso "trabalhadores temporários", que somos cristãos se envolver com mulheres judias, eles são forçados a se converter ao judaísmo para ser membros de um kibutz. relatórios Shahak: os candidatos à adesão Kibbutz cristã através da conversão tem que prometer que cospe no futuro, quando passar diante de uma igreja ou uma cruz. [75]
Hoje, cerca de 93% das terras no que é chamado o estado de Israel é controlada pela Terra de Israel Administração sob as orientações do Fundo Nacional Judeu. A fim de ter direito a viver na terra, para locação, terrenos ou para trabalhar em terra deve comprovar pelo menos quatro gerações de descent.If judaica materna, nos Estados Unidos, a fim de viver na terra, alugá-lo, alugá-lo , ou trabalhar de alguma maneira, você tinha que provar que você não tem pelo menos quatro gerações de ascendência judaica materna, que se duvidar do carácter racista de tal legislação?

NOTAS

63. Uma análise detalhada deste processo pode ser encontrada em Janet Abu Lughod de que a transformação demográfica da Palestina, no Ibrahim Abu

Lughod, ed, A Transformação da Palestina (Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1971)., Pp.139-64.
64. Moshe Dayan, Março 19,1969, Ha'aretz, 04 de abril de 1969, e citado em Davis.
65. Davis e Mezvinski, p.47.
66. Fundo Nacional Judeu, as Aldeias de judeus em Israel, p.xxi. Citado em Lehn e Davis, o Fundo Nacional Judaico.
67. A estimativa da ONU foi apresentado no final dos anos 1950. Baruch Kimmerling, o sionismo e Economia, p.100. Citado em Davis, p.19. Em seus livros, Davis e Kimmerling falar de "118-120000000000 Libras." Este autor foi incapaz de localizar o original relatório das Nações Unidas, mas após uma análise aprofundada de outras fontes, parece Kimmerling (então Davis), cometeu um erro de digitação. O valor deve ser de milhões de libras esterlinas - e não bilhões.
68. Dan Peretz, Israel e os palestinos, pp.142. Davis, pp.20-21. Sul-Africano diamantes são cortados e refinados em Israel, em uma parceria revelando, antes de serem distribuídos para o mercado mundial.
69. Walter Lehn, o Fundo Nacional Judeu como um instrumento de discriminação. Citado em sionismo e racismo, (Londres: Organização Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, de 1977), p.80.
69a. A Terra de Israel Relatório da Administração (Jerusalém 1962) estipula que o ILA tem jurisdição sobre as "92,6%" da área total do estado. Professor da Universidade Hebraica Uzi Ornã, identifica a área "a que os princípios da JNF aplicar" como "95% de Israel pré-1967". Maariv, 30 de janeiro de 1974.
69b. Walter Lehn com Uri Davis, The Jewish National Fund "(Londres: Kegan Paul International Ltd., 1988), p.114.
69C. Ibid., P.115.
70. J.N.F. locação, o artigo 23, citado em Israel Shahak, ed, o não-judeu no Estado judeu (Jerusalém, 1975)..
71. Ha'aretz, 13 de dezembro de 1974.
72. Maariv, 03 de julho de 1975.
73. Raphael Patai, ed, O Diário Completo de Theodor Herzl, (New York: 1960)., P.88.
74. Israel Shahak, uma mensagem para o Movimento dos Direitos Humanos na América - Israel Today: O Apartheid Outros, contra a corrente, janeiro-fevereiro de 1986.
75. Ibid.

6.O sionismo e os judeus

Se a colonização da Palestina tem sido caracterizada por uma série de depredações, devemos ter um momento para examinar a atitude do movimento sionista, não só para suas vítimas palestinas (à qual voltaremos), mas para os próprios judeus.

Herzl escreveu-se dos judeus da seguinte forma: "Eu consegui uma atitude mais livre para o anti-semitismo, que agora comecei a entender historicamente e ao perdão. . Acima de tudo, eu reconhecia a vacuidade e futilidade de tentar "combater" o anti-semitismo "[76] A organização da juventude dos sionistas, Hashomer Hatzair (Jovem Guarda) publicou o seguinte:" Um judeu é uma caricatura de uma normal, homem natural, tanto física como espiritualmente. . Como um indivíduo na sociedade, ele se revolta e joga fora o cinto de obrigações sociais, não tem ordem nem disciplina "[77]" O povo judeu ", escreveu Jabotinsky na mesma linha", é um povo muito ruim; seus vizinhos odeiam e com razão ... a sua única salvação reside num gerais de imigração para a terra de Israel. "[78] Os fundadores do sionismo desesperado de combater o anti-semitismo e, paradoxalmente, considerado o anti-semitas se como aliados, por causa de um desejo compartilhado de remover os judeus dos países em que viviam. Passo a passo, assimilaram os valores do ódio ao judeu e anti-semitismo, como o movimento sionista passou a considerar os anti-semitas se como seus patrocinadores mais confiável e protetores.

Theodor Herzl aproximou senão Conde Von Plehve, o autor dos piores pogroms na Rússia - os pogroms de Kishinev com a seguinte proposição: "Ajuda-me a alcançar a terra [da Palestina] e logo a revolta [contra o regime czarista] vai acabar. " [79] Von Plehve concordou, e ele se comprometeu a financiar o movimento sionista. Mais tarde ele foi reclamar com Herzl: "Os judeus têm sido unir os partidos revolucionários. Fomos solidários com o seu movimento sionista, desde que trabalharam para a emigração. Você não tem de justificar o movimento para mim. Você está pregando a um convertido. "[80] Herzl e Weizmann ofereceu para ajudar a garantir os interesses czarista na Palestina e para livrar a Europa Oriental ea Rússia, os" subversivos nocivas e anarco-bolchevique judeus ". Como já observamos, o mesmo apelo foi feita pelos sionistas para o sultão da Turquia, o Kaiser, na Alemanha, para o imperialismo francês e para o Raj britânico.

Sionismo e fascismo

A história do sionismo - em grande parte suprimida - é sórdido.

Mussolini estabeleceu esquadrões do movimento juvenil sionista revisionista,

Betar, em camisas pretas na emulação de seus próprios grupos fascistas. Quando Menachem Begin tornou-se chefe do Betar, ele preferia as camisas marrons das gangues de Hitler, a começar uniforme e membros Betar usavam em todas as reuniões e comícios - em que cumprimentaram-se e abriu e fechou o encontro com a saudação fascista. Simon Petilura era fascista ucraniano que dirigiu pessoalmente pogroms que matou 28.000 judeus em 897 pogroms em separado. Jabotinsky negociou uma aliança com Petilura, propondo uma força policial para acompanhar as forças judaicas Petilura em sua luta contra-revolucionária contra o Exército Vermelho e da Revolução Bolchevique - um processo que envolve o assassinato de camponeses, trabalhadores e intelectuais simpatizantes da revolução.

Colaborando com os nazistas

Esta estratégia de recrutar virulenta judeu da Europa que odeiam, e de se alinhar com os movimentos e regimes mais cruéis como patronos financeiros e militares de uma colônia sionista na Palestina, não excluiu os nazistas.
A Federação Sionista da Alemanha enviou um memorando de apoio ao Partido Nazista em 21 de junho de 1933. Nela, a Federação observou: ... um renascimento da vida nacional, como está ocorrendo na vida alemã ... também deve ter lugar no grupo nacional judeu. Na fundação do novo Estado [nazistas], que estabeleceu o princípio da raça, desejamos de forma a encaixar a nossa comunidade na estrutura total, de modo que, para nós, também, na esfera atribuídas a nós, a atividade fecunda para a Pátria é possível ... [81] Longe de repudiar essa política, a Organização Sionista Mundial Congresso em 1933 derrotou uma resolução apelando a uma acção contra Hitler por um voto de 240-43. Durante este Congresso muito, Hitler anunciou um acordo comercial com o Banco OSM anglo-Palestina, quebrando, assim, o boicote judeu ao regime nazista em um momento em que a economia alemã era extremamente vulnerável. Era o auge da Grande Depressão e as pessoas estavam cheias de barris wheeling inútil marcos alemães. A Organização Sionista Mundial rompeu o boicote judeu e se tornou a principal distribuidora de produtos nazis em todo o Oriente Médio e Norte da Europa. Eles estabeleceram a Ha'avara, que era um banco na Palestina projetado para receber dinheiro da burguesia judia-alemã, com bens que resume nazista foram adquiridos em quantidade muito substancial.

Abraçando o S.S.

Consequentemente, os sionistas trouxe Barão Von Mildenstein do Serviço de Segurança SS para a Palestina, para uma visita de seis meses de apoio do sionismo. Esta visita levou a um relatório parcial doze por Joseph Goebbels, ministro da Propaganda de Hitler, em Der Angriff (O Ataque), em 1934,

elogiando o sionismo. Goebbels encomendou um medalhão impressionado com a suástica, por um lado, e por outro lado, a Estrela de Davi sionista. Em maio de 1935, Reinhardt Heydrich, chefe do Serviço de Segurança SS, escreveu um artigo em que ele separava os judeus em "duas categorias." Os judeus que foram favorecidos os sionistas ". Nossos votos de felicidades juntamente com os nossos oficiais bom ir com eles" [82] Em 1937, a milícia do Trabalho "socialista" sionista, o Haganah (fundado por Jabotinsky) enviou um agente (Feivel Polkes) para oferta de Berlim de espionar para o serviço de Segurança SS em troca da libertação de riqueza para a colonização judaica sionista. Adolf Eichmann foi convidado para a Palestina como convidado da Haganá.

Feivel Polkes informado Eichmann:
círculos nacionalistas judeus estavam muito satisfeitos com a política radical alemão, pois a força da população judaica na Palestina seriam tão longe assim, um aumento que, no futuro próximo os judeus poderiam contar sobre a superioridade numérica sobre os árabes. [83]
A lista de atos de colaboração com os nazis sionistas vai sobre e sobre. O que pode explicar esta vontade incrível de líderes sionistas a trair os judeus da Europa? A razão para todo o Estado de Israel oferecidos por seus apologistas foi que ele estava destinado a ser o refúgio dos judeus vítimas de perseguição.
Os sionistas, ao contrário, viu qualquer esforço para salvar os judeus da Europa não como o cumprimento de sua finalidade política, mas como uma ameaça a todo o seu movimento. Se os judeus da Europa foram salvos, eles gostariam de ir para outro lugar e da operação de resgate não teria nada a ver com o projeto sionista de conquistar a Palestina.

Sacrificando os judeus da Europa

O correlato aos atos de colaboração com os nazistas durante a década de 1930 foi que, quando as tentativas de mudar as leis de imigração dos Estados Unidos e Europa Ocidental foram contempladas, a fim de fornecer refúgio símbolo para os judeus perseguidos da Europa, era os sionistas que ativamente organizada para impedir que estes esforços. Ben Gurion informou uma reunião de sionistas trabalhistas na Grã-Bretanha em 1938: "Se eu soubesse que seria possível salvar todas as crianças na Alemanha, trazendo-os para a Inglaterra e apenas metade delas, transportando-os para Eretz Israel, então eu optar pela segunda alternativa. " [84] Essa obsessão com a colonização da Palestina e oprimindo os árabes levaram o movimento sionista se opor a qualquer resgate dos judeus sob ameaça de extermínio, porque a capacidade de desviar recursos humanos seleciona para a Palestina seria impedido. De 1933 a 1935, a OSM recusou dois terços de todos os judeus alemães que solicitaram certificados de imigração.
Berel Katznelson, editor do Trabalho Davar sionista, descreveu a "critérios

cruel do sionismo": os judeus alemães estavam muito velho para ter filhos na Palestina, não tinham negócios para a construção de uma colônia sionista, não falam hebraico e não eram sionistas. No lugar dos judeus, sob ameaça de extermínio da OSM trouxe para a Palestina treinados 6.000 jovens sionistas dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e outros países seguros. Pior do que isto, não o OSM apenas falhou a procurar outra alternativa para enfrentar os judeus do holocausto, a liderança sionista oposição beligerante todos os esforços para encontrar refúgio para os judeus que fugiam.

No fim de 1943, enquanto os judeus da Europa estavam sendo exterminados aos milhões, o Congresso dos EUA propôs a criação de uma comissão para "estudar" o problema. Rabino Stephen Wise, que era o principal porta-voz americana para o sionismo, chegou a Washington para testemunhar contra o projeto de resgate, pois iria desviar a atenção da colonização da Palestina. Este é o mesmo que o rabino Wise, em 1938, na sua qualidade de líder do Congresso Judaico Americano, escreveu uma carta na qual ele se opôs a qualquer mudança nas leis de imigração dos EUA que permita judeus para encontrar refúgio. Ele declarou: Talvez lhe interesse saber que algumas semanas atrás os representantes de todas as organizações líderes judeus se reuniram em conferência ... Foi decidido que nenhuma organização judaica que, neste momento, patrocinar um projeto de lei que altera de forma alguma as leis de imigração. [85]

Combate Asilo

O estabelecimento sionista fez a sua posição inconfundível na sua resposta a um movimento de 227 membros do Parlamento britânico pede ao governo em matéria de asilo em território britânico para judeus perseguidos. A empresa magros que foi elaborado foi o seguinte: o Governo de Sua Majestade emitido algumas centenas de Maurício de imigração e de autorizações de outros em favor dos ameaçados famílias judias. [86] Mas mesmo esta medida simbólica foi contestado por líderes sionistas. Em uma reunião parlamentar em 27 de janeiro de 1943, quando os próximos passos foram perseguidos por mais de cem membros do Parlamento, um porta-voz para os sionistas anunciou que se opuseram a esta proposta, porque não contêm os preparativos para a colonização da Palestina. Esta era uma posição coerente. Chaim Weizmann, o líder sionista, que tinha organizado a Declaração Balfour e se tornou o primeiro presidente de Israel, fez esta política sionista muito explícito:

As esperanças de seis milhões de judeus da Europa estão centradas sobre a emigração. Perguntaram-me: "Você pode levar seis milhões de judeus para a Palestina?" Eu respondi: "Não." ... Das profundezas da tragédia eu quero salvar ... jovens [da Palestina]. Os mais velhos vão passar. Eles vão ter o seu destino, ou eles não vão. Eles são a poeira poeira, econômico e moral num mundo cruel ... Apenas o ramo dos jovens deve sobreviver. Eles têm que

aceitá-la. [87] Yitzhak Gruenbaum, o presidente da comissão criada pelos sionistas, teoricamente para investigar a condição dos judeus europeus, disse: "Quando eles vêm até nós com dois planos - o resgate das massas de judeus na Europa ou no resgate da terra - Eu voto, sem pensar duas vezes, para a redenção da terra. Quanto mais dizer sobre a matança de nosso povo, maior é a minimização dos nossos esforços para fortalecer e promover a Hebraisation da terra. Se houvesse uma possibilidade hoje de comprar os pacotes de comida com o dinheiro do Hayesod Karen [United Jewish Appeal] para enviá-lo através de Lisboa, faríamos uma coisa dessas? Não. E, mais uma vez não! [88]

Traindo a Resistência

Em julho de 1944, a eslovaca líder judaico rabino Dov Michael Weissmandel em uma carta aos funcionários sionistas encarregados dessa "organizações de resgate", propôs uma série de medidas para salvar os judeus prevista para liquidação em Auschwitz. Ele ofereceu mapeamentos exatos das ferrovias e pediu que o bombardeio das faixas em que os judeus húngaros estavam sendo transportados para os fornos crematórios. Ele apelou para o bombardeio dos fornos de Auschwitz, para o pára-quedismo de munição para 80.000 presos, com o pára-quedismo de sabotadores para explodir todos os meios de aniquilação e, assim, acabar com a cremação de 13.000 judeus, todos os dias.
Caso os aliados se recusam a demanda organizada e pública por "organizações de resgate", Weissmandel propôs que os sionistas, que tinha fundos e organização, a obtenção de aviões, recrutar voluntários judeus e executar a sabotagem. Weissmandel não estava sozinho. Ao longo dos anos trinta e quarenta tarde, porta-vozes dos judeus na Europa gritou por socorro, para as campanhas públicas, para a resistência organizada, para a manifestações para forçar a mão de aliados Govemos - apenas para ser atendidos não só pelo silêncio sionista, mas por sabotagem sionista ativo da parcos esforços que foram propostos ou preparados na Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Aqui está o cri-de-coeur de Rabi Weissmandel. Escrevendo aos sionistas em julho de 1944, ele perguntou, incrédulo. Por que você não fez nada até agora? Quem é o culpado desta terrível negligência? Você não é culpado, nossos irmãos judeus: vocês que têm a maior sorte do mundo - a liberdade?
Nós enviamos-lhe - Rabino Weissmandel escreveu novamente - esta mensagem especial: informamos que ontem os alemães iniciaram a deportação dos judeus da Hungria ... Os deportados os ir a Auschwitz para ser condenado à morte por gás cianeto. Esta é a programação, de Auschwitz desde ontem até o fim: Doze mil judeus - homens, mulheres e crianças, velhos, crianças, sadios e doentes, estão a ser sufocada por dia. E vocês, nossos irmãos na Palestina, em todos os países da liberdade, e ministros de todos os reinos, como você pode manter em silêncio diante deste grande assassinato? Silent enquanto milhares e milhares, atingindo agora a seis milhões de judeus, são

assassinadas? E em silêncio agora, enquanto dezenas de milhares ainda estão sendo assassinados e à espera de ser assassinado? Seus corações destruídos clamar por ajuda, como eles lamentam a sua crueldade. Brutal, você é e assassinos, também, que você é, por causa da coldbloodedness do silêncio em que você assistir, porque você se senta com os braços cruzados e não fazer nada, embora você possa parar ou atrasar o assassinato de judeus a esta hora. Vocês, nossos irmãos, os filhos de Israel, você está louca? Vocês não sabem o inferno que nos rodeia? Para quem está a poupar o seu dinheiro? "Assassinos!" Loucos! Quem é que faz a caridade: é que lançam alguns centavos a partir de suas casas seguras, ou temos que lhe dar o nosso sangue, nas profundezas do inferno? [90] Nenhum dirigente sionista apoiou seu pedido, nem a regimes capitalistas ocidentais bombardear um campo de concentração única.

Um pacto contra os judeus da Hungria

O ponto culminante da traição sionista foi o sacrifício dos judeus da Hungria em uma série de acordos entre o movimento sionista e na Alemanha nazista, que se tornou conhecida em 1953. Dr. Rudolph Kastner do Comité da Agência Judaica de Resgate em Budapeste assinado um pacto secreto com Adolf Eichmann para "resolver a questão judaica" na Hungria. Isso aconteceu em 1944. O pacto selado o destino de 800 mil judeus. Era para ser revelado depois que Kastner foi sob a direção dos líderes sionistas no estrangeiro, quando ele fez o seu acordo com Eichmann. O acordo implicou a poupança de seis centenas de judeus proeminentes na condição de que o silêncio foi mantido sobre o destino dos judeus húngaros. Quando um sobrevivente, Malquiel Greenwald, expôs o pacto e denunciou Kastner como uma colaboradora dos nazistas, cujas "ações em Budapeste custou a vida de centenas de milhares de judeus", [91] Greenwald foi processado pelo governo de Israel, cujos líderes tinham elaborado o termos do pacto Kastner. O Tribunal de Israel chegou à seguinte conclusão: O sacrifício da maioria dos judeus, a fim de resgatar os proeminentes foi o elemento fundamental no acordo entre Kastner e os nazistas. Este acordo fixou a divisão da nação em dois campos desiguais, um pequeno fragmento de eminências, a quem os nazistas prometeu Kastner para salvar, por um lado, ea grande maioria dos judeus húngaros que os nazistas designado para a morte, por outro lado . [92] O tribunal declarou que a condição indispensável desse pacto foi que nem Kastner, nem os líderes sionistas poderiam interferir na ação dos nazistas contra os judeus. Esses líderes se comprometeram não só para evitar interferências, mas concordaram que não seria, nas palavras do tribunal israelense ", eles dificultam o extermínio." A colaboração entre o Comité da Agência Judaica de resgate e os exterminadores de judeus foi solidificada em Budapeste e Viena. direitos Kastner eram parte integrante da SS Além de seu Departamento de extermínio e do Departamento de pilhagem, a SS nazista

abriu um departamento de emergência liderado por Kastner. [93]

Salvando nazistas, os judeus não

Não é de surpreender que era para ser revelado que Kastner interveio para salvar general da SS Kurt Becher de ser julgado por crimes de guerra. Becher foi um dos principais negociadores do acordo com os sionistas, em 1944. Ele também foi um major da SS na Polónia, membro do Corpo de Morte ", que trabalhou todo o dia de matar judeus". "Becher distinguiu-se como um matadouro judeu na Polônia e na Rússia." [94] Foi nomeado comissário de todos os campos de concentração nazista Heinrich Himmler. O que aconteceu com ele? Ele se tornou presidente de muitas corporações e dirigiu-se à venda de trigo para Israel. Sua empresa, a Gesellschaft Cologne-Handel, fez negócios com o governo israelense.

Um pacto militar com o nazismo

Em 11 de janeiro de 1941, Avraham Stern propôs um pacto militar formal entre a Organização Militar Nacional (NMO), dos quais Yitzhak Shamir, do atual primeiro-ministro de Israel, era um líder de destaque, e os nazistas do Terceiro Reich. Esta proposta ficou conhecida como o documento de Ancara, tendo sido descoberto após a guerra nos arquivos da embaixada alemã na Turquia. Ela afirma o seguinte: A evacuação das massas judias da Europa é uma condição prévia para resolver a questão judaica, mas isso só pode ser possível e completa através da liquidação dessas massas na casa do povo judeu, a Palestina, e através da estabelecimento de um estado judeu em suas fronteiras históricas ...
O NMO, que está bem familiarizado com a boa vontade do governo do Reich alemão e suas autoridades em relação à actividade sionista dentro da Alemanha e para os planos de emigração sionistas, é de opinião que:
1. interesses comuns podem existir entre o estabelecimento de uma Nova Ordem na Europa, em conformidade com o conceito alemão, e as verdadeiras aspirações nacionais do povo judeu como eles são incorporados pelo NMO.
2. Cooperação entre a nova Alemanha e renovada Hebraium folk nacional seria possível e
3. O estabelecimento do estado histórico judaico sobre uma base nacional e totalitária e ligado por um tratado com o Reich alemão, seria do interesse de manter e reforçar a posição futura alemã de poder no Oriente Médio. Partindo dessas considerações, o NMO na Palestina, sob a condição de que o mencionado aspirações nacionais do movimento pela liberdade de Israel são reconhecidos no lado do Reich alemão, oferece-se para participar activamente na guerra ao lado da Alemanha. [95]

Perfídia do sionismo

perfídia do sionismo - a traição das vítimas do Holocausto - foi o auge de sua tentativa de identificar os interesses dos judeus com aqueles da ordem estabelecida. Hoje, os sionistas participar do seu estado para o braço fiscalizador do imperialismo dos EUA - desde os esquadrões da morte da América Latina para as operações encobertas da CIA em quatro continentes. Essa história sórdida está enraizada na desmoralização dos fundadores do Sionismo, que rejeitaram a possibilidade de superar o anti-semitismo através da luta popular e revolução social. Moses Hess, Theodor Herzl e Chaim Weizmann escolheram o lado errado da barricada - o do poder do Estado, dominação de classe e de dominação e exploração. Eles propuseram uma disjunção putativa entre emancipação da perseguição e da necessidade de mudança social. Eles sabiam plenamente que o cultivo do anti-semitismo e da perseguição dos judeus eram o trabalho da classe dominante muito de quem curry favor. Em busca do patrocínio do anti-semitas, eles mesmos, revelaram vários motivos: o culto do poder com o qual associado a força, um desejo de acabar com a "fraqueza" e vulnerabilidade judaica, deixando de ser estranhos perpétua.
Esta sensibilidade foi um curto passo para a assimilação dos valores e idéias do judeu-se inimigos. Os judeus, os sionistas escreveu, eram de fato uma indisciplinados, subversivos, gente dissidente e merecedores do desprezo que eles tinham ganhado. Os sionistas racistas servidos descaradamente para o ódio ao judeu. Adorando o poder, apelaram ao desejo anti-semita do Plehves von eo Himmlers para se livrar de um povo vítima longo radicalizados pela perseguição, um povo que encheu as fileiras dos movimentos revolucionários e cujo sofrimento chamou seus melhores mentes a ofensiva fermento intelectual aos valores estabelecidos. O segredo sujo da história Sionista é que o Sionismo foi ameaçado pelos próprios judeus. Defender o povo judeu das perseguições significou organizar resistência aos regimes que ameaçavam-los. Mas esses regimes encarna a ordem imperial que compreendeu a única força social capaz ou disposto a impor uma colónia de colonos contra o povo palestino. Assim, os sionistas necessária a perseguição dos judeus para persuadir os judeus a tornar-se longe colonizadores, e eles precisavam de perseguidores para patrocinar a empresa. Mas os judeus europeus nunca manifestaram qualquer interesse em colonizar a Palestina. Sionismo permaneceu um movimento marginal entre os judeus, que aspiravam a viver nos países de seu nascimento, sem discriminação ou para escapar à perseguição, emigrando para democracias burguesas vistas como mais tolerantes.
Sionismo, portanto, nunca poderia responder às necessidades ou aspirações dos judeus. O momento da verdade chegou quando a perseguição deu lugar à exterminação física. Põe à prova final e exclusivo de sua efetiva relação com a sobrevivência judaica, os sionistas não se limitou a deixar de levar a

resistência ou defender os judeus, eles sabotaram activamente os esforços judaicos para boicotar a economia nazista. Eles procuraram, mesmo assim, o patrocínio dos assassinos em massa si, não apenas porque o Terceiro Reich parecia suficientemente poderoso para impor uma colónia Sionista, mas porque as práticas nazistas foram em consonância com os pressupostos sionista. Havia um terreno comum entre os nazistas e os sionistas, não expressa apenas na proposta de Nacional de Shamir Organização Militar para formar um estado na Palestina numa "base nacional totalitário". Vladimir Jabotinsky, no seu último trabalho, The Jewish War Front, (l940) escreveu sobre os seus planos para o povo palestino: Uma vez que temos esta grande autoridade moral para encarar calmamente o êxodo dos árabes, não temos de considerar a possível saída de 900.000, com desânimo. Herr Hitler tem recentemente sido aumentar a popularidade de transferência da população. [96] A declaração notável Jabotinsky em A Guerra Judaica Frente sintetiza o pensamento Sionista ea sua falência moral. A matança dos judeus deram sionismo "grande autoridade moral". - Para quê? "Para encarar calmamente o êxodo dos árabes." A lição da destruição dos judeus pelos nazistas foi que era permissível agora por sionistas para visitar o mesmo destino a toda a população palestina. Sete anos mais tarde, os sionistas emulado os nazistas, cujo apoio eles procuraram e às vezes até alcançar, e cobriram o sangramento da Palestina no Lidices múltiplas [97], conduzindo 800.000 pessoas para o exílio. Os sionistas abordou os nazis no mesmo espírito que tinha Von Plehve, sob a noção perversa de que o ódio ao judeu foi útil . O seu objectivo não era de emergência, mas o recrutamento forçado dos poucos - o resto a ser consignado à sua sorte agonizante.
O sionismo procurou organismos com os quais a colonizar a Palestina e preferenciais cadáveres judeus aos milhões para qualquer emergência que possa resolver os judeus em outro lugar. Se alguma vez um povo se poderia esperar de apreender o sentido da perseguição, a dor de ser refugiados perpétuo ea humilhação da calúnia, que deveriam ter sido os judeus. No lugar da compaixão, os sionistas comemorou a perseguição dos outros, mesmo quando eles primeiro traiu os judeus e degradada eles. Eles selecionaram um povo vítima de seus próprios sobre quem infligir um projeto de conquista. Eles alinhados com os judeus sobreviventes de um novo genocídio contra o povo palestino, ocultando-se, com ironia selvagem, na mortalha colectiva do Holocausto.

NOTAS

76. Martin Lowenthal, ed., Os Diários de Theodor Herzl, p.6. Citado em Lenni Brenner, o sionismo na Era dos ditadores (Westport, Connecticut: Lawrence Hill, 1983), p.6.
77. De nossa Shomer "Weltanschauung", Hashomer Hatzair, dezembro de

1936. Originalmente publicado em 1917, Brenner, Sionismo, p.22.
78. Brenner, A Muralha de Ferro.
79. lbid., p.14.
80. Ibid.
81. Brenner, Sionismo, p.48.
82. Ibid., P.85.
83. Ibid., P.99.
84. Ibid., P.149.
85. Ibid.
86. Rabi Salomão Schonfeld, o rabino chefe da Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. Faris Yahya, Relações com a Alemanha Nazista Sionista (Beirute, Líbano, Palestina Research Center, Janeiro de 1978), p.53.
87. Chaim Weizmann de relatórios para o Congresso Sionista, em 1937, em seu depoimento perante a Comissão Peel, em Londres, julho de 1937. Citado em Yahya, p. 55.
88. Yitzhak Gruenbaum foi presidente do Resgate da Agência Judaica Comitê. Extraído de um discurso feito em 1943. Ibid., P.56.
89. Ibid., P.53.
90. Ibid., Pp.59-60.
91. Ibid., P.58.
92. Acórdão de 22 de junho de 1955, o Protocolo de Processo Penal 124/53 no Tribunal Distrital de
Jerusalém. Ibid., P.58.
93. Ibid., P.59.
94. Ben Hecht, perfídia (New York: 1961), pp.58-59. Ibid., P.60.
95. Proposta da Organização Militar Nacional - Irgun Leumi Zvai - Quanto à solução da questão judaica na
Europa e incentivar a participação da NMO na Guerra ao lado da Alemanha. Texto original encontrado em David Yisraeli, o problema palestino na política alemã. 1889-1945. (Ramat Gan, Israel: Bar Ilan University, 1974), pp.315-317, Brenner. Sionismo, p.267.
96. Brenner, The Iron Wall, p.107.
97. Lídice era uma vila Checa arrasadas pelas SS Tornou-se um símbolo da brutalidade nazista e foi
apontada como um crime de guerra nos Julgamentos de Nuremberg.

_

7.O Mito da Segurança

"Segurança" foi o slogan implantado em tela massacre generalizado das populações civis em toda a Palestina eo Líbano, para o confisco de terras palestinas e árabes, para a expansão em território envolvente e da criação de novos assentamentos, para a deportação e tortura sofridos dos presos políticos. A publicação do diário pessoal de Moshe Sharett (Yoman Ishi, Maariv, Tel Aviv, 1979) demoliu o mito de segurança como a força motriz da política israelense. Moshe Sharett foi um ex-primeiro-ministro de Israel (1954-1955), diretor de política da Agência Judaica eo Departamento de Ministro dos Negócios Estrangeiros (1948-56).
Diário Sharett revela em linguagem explícita que nunca a liderança político e militar israelense acredita em perigo árabe a Israel. Eles tentaram manobrar e forçar os países árabes em confrontos militares que a liderança sionista estava certo de ganhar para que Israel poderia realizar a desestabilização dos regimes árabes ea ocupação planejada do território adicional. Sharett descreveu o motivo determinante da provocação militar israelense: Para trazer a liquidação de todos os ... reivindicações palestinas à Palestina através da dispersão dos refugiados palestinos em cantos distantes do mundo. [98]

Os diários Sharett documento de um programa de longa data dos líderes de Israel de ambos os trabalhistas eo Likud: para "desmembrar o mundo árabe, a derrota do movimento nacional árabe e criar regimes fantoches no poder israelense regional." [99] cita Sharett reuniões de gabinete, documentos de posição e memorandos de política que as guerras preparado "para modificar o equilíbrio de poder na região radicalmente, transformando Israel para a grande potência no Oriente Médio." [100] Sharett revela que, longe de Israel "reagir" à nacionalização Nasser do Canal de Suez para a sua guerra de outubro de 1956, a liderança israelense tinha preparado essa guerra e tinha-o em sua agenda a partir do Outono de 1953, um ano antes Nasser chegou ao poder . Sharett conta como o gabinete israelense concordou que as condições internacionais para esta guerra iria amadurecer dentro de três anos. O objetivo explícito era "a absorção do território de Gaza e do Sinai". Um calendário para a conquista foi decidido no mais alto nível político e militar. A ocupação de Gaza e da Cisjordânia foi elaborado no início de 1950. Em 1954, David Ben Gurion e Moshe Dayan desenvolveu um plano detalhado para instigar o conflito interno do Líbano, a fim de fragmento do Líbano. Isso foi 16 anos antes de uma presença palestina política organizada ocorreu lá no rescaldo da expulsão da Jordânia em 1970, quando o rei Hussein abatidos palestinos no que veio a ser conhecido como "Setembro Negro". Sharett descreveu "o uso do terror e da agressão para provocar" a fim de facilitar a conquista: Estive meditando sobre a longa cadeia de incidentes falsos e

hostilidades que inventamos e nos confrontos que provocaram muitos que custou muito sangue, e em as violações da lei por todos os nossos homens que trouxeram desastre grave e determinou todo o curso dos acontecimentos. [101]>

Sharett conta como em 11 de outubro de 1953, o presidente israelense, Ben Zvi "levantou algumas questões, como sempre inspirado, como a [nossa] oportunidade de ocupar o Sinai e quão maravilhoso seria se os egípcios começaram uma ofensiva para que pudéssemos seguir com uma invasão de o deserto. " [102] Em 26 de outubro de 1953, Moshe escreve: 1) O Exército considera que a atual fronteira com a Jordânia como absolutamente inaceitável. 2) O Exército está a planear a guerra, a fim de ocupar o resto do Eretz Israel. [103] Até 31 de janeiro de 1954, Dayan delineou os planos de guerra, divulgada pelo Sharett: Devemos avançar militarmente para a Síria e realizar uma série de factos consumados. A conclusão interessante de tudo isso que se refere à direção em que o Chefe do Estado está pensando. [104]

Absorvendo o Líbano

Em maio de 1954, Ben Gurion e Dayan formulado um plano de guerra para a absorção do Líbano: Segundo Dayan, a única coisa que é necessário é encontrar um funcionário, mesmo que apenas um Major. Devemos ... comprá-lo ... para fazê-lo concordar em se declarar o salvador da população maronita.

Em seguida, o exército israelense irá entrar no Líbano, será necessário ocupar o território e vai criar um regime cristão, que vai aliar-se com Israel. O território do sul do Litani será totalmente anexado a Israel e tudo vai dar certo. Se tivéssemos de aceitar o conselho do chefe de gabinete que iria fazê-lo amanhã, sem aguardar um sinal de [sic] de Bagdá. [105] Mas 12 dias depois, Dayan tinha movido em alta velocidade para a planejada invasão, ocupação e desmembramento do Líbano: O Chefe do Estado apóia um plano para contratar um oficial libanês que aceitem servir de fantoche para que o Exército israelense pode aparecer como responder ao seu apelo "para libertar o Líbano da sua opressores muçulmano". [106]

Ele cenário inteiro, por conseguinte, a guerra de 1982 no Líbano, estava no local 28 anos mais cedo, antes da OLP existido. Sharett, que se opunham à ação original, conta como a invasão do Líbano foi adiada.

Luz verde da C.I.A.

O C.I.A. Israel deu 'luz verde' para atacar o Egito. As energias de estabelecimento de segurança de Israel tornou-se totalmente absorvidos pelos preparativos para a guerra que iria ter lugar exactamente um ano depois. [107] O verdadeiro relacionamento de Israel com o movimento nacional árabe é colocado por Sharett no contexto claro de serviço para EUA domínio global,

de que a expansão sionista é um componente essencial: ... Nós temos uma mão livre e Deus nos abençoe se agirmos com audácia ... Agora ... os EUA estão interessados em derrubar o regime de Nasser ... mas não se atreve, no momento de usar os métodos que adoptou para derrubar o governo de esquerda de Jacobo Arbenz na Guatemala [1954] e de Mossadegh no Irã [1953] ... Ela prefere o trabalho a ser feito por Israel.
... Isser [Geral] propõe a sério e premente ... que realizamos o nosso plano para a ocupação da Faixa de Gaza agora ... A situação é alterada e há outras razões que determinam que "é hora de agir". Primeiro, a descoberta de petróleo perto da Faixa de ... sua defesa requer que domina a Faixa - isso por si só vale a pena abordar a questão da problemática dos refugiados. [108]
Moshe Sharett antecipou uma outra onda de abate, que, de fato, ocorrer. Em 17 de fevereiro de 1955, ele escreveu: ... Nós clamamos por nosso isolamento e os perigos para a nossa segurança, devemos iniciar a agressão e revelar-se como sendo sanguinário e aspirantes a perpetrar massacres em massa. [109]
Ben Gurion e Dayan propôs que Israel criar um pretexto para aproveitar a Faixa de Gaza. própria avaliação Sharett na 27 de marco de 1955, foi profético: Vamos supor que há 200 mil árabes na Faixa de Gaza. Vamos supor que metade deles vai correr ou vai ser feito a correr para as colinas de Hebron. Obviamente, eles vão fugir sem nada e logo depois se estabelecem em algum ambiente estável, eles se tornarão novamente desenfreada e sem-teto. É fácil imaginar a indignação e ódio e amargura.
... E teremos 100.000 deles na Faixa, e é fácil imaginar o que significa que deve recorrer a fim de suprimi-los e que tipo de notícias que recebem na imprensa internacional. A primeira rodada será: Israel invade agressivamente a Faixa de Gaza. A segunda: Israel volta a causar a fuga apavorada de massas de refugiados árabes. O ódio será reavivado pelas atrocidades que vamos fazer com que elas sofrem durante a ocupação. [110] Um ano depois, tropas Dayan ocupou a Faixa de Gaza, o Sinai, o Estreito de Tiran e foram implantados ao longo do Canal de Suez.

De Herzl para Dayan

Os planos expostos por Moshe Sharett não se originou com David Ben Gurion ou Moshe Dayan. Em 1904, Theodor Herzl descreveu o território sobre o qual o movimento sionista reivindicou o mais abrangente de toda a terra "do ribeiro do Egito até o Eufrates". [111] O território abraçou todo o Líbano ea Jordânia, dois terços da Síria, metade do Iraque, uma faixa da Turquia, metade do Kuwait, um terço da Arábia Saudita, o Sinai eo Egito, incluindo Port Said, Alexandria e Cairo. Em seu depoimento perante o Comitê das Nações Unidas Especial de Inquérito, que estava a preparar a partição da Palestina (09 de julho de 1947), Fischmann Rabi, o representante oficial da Agência Judaica para a Palestina, reiterou reivindicações Herzl: The Promised Land, partindo do

Rio de Egito até o Eufrates. Inclui partes da Síria e do Líbano. [L12]

Notas

98. Rokach, p.5.
99. Ibid.
100. Ibid., P.4.
101. Ibid., P.6.
102. Ibid., P.14.
103. Ibid., P.18.
104. Ibid., P.19.
105. Ibid., P.29
106. Ibid.
107. Ibid., P.30.
108. Ibid., P.55.
109. Ibid., P.45.
110. Ibid., P.50.
111. Herzl, Diário. Vol.II, 1904, p.711.
112. Israel Shahak, o plano sionista para o Oriente Médio (Belmont, Massachusetts: AAUG, 1982).

_

8.Choque e Abate

projetos sionista ao Líbano desde antecederam a formação do estado de Israel. Em 1918, a Grã-Bretanha foi informado de créditos sionista ao Líbano, até e inclusive do rio Litani. planos britânicos em 1920, para designar a fronteira norte do rio Litani de um Estado judeu foram alterados em resposta às acusações francesas. Em 1936, os sionistas tinham oferecido para apoiar a hegemonia maronita no Líbano. O patriarca maronita, em seguida, depôs à Comissão Peel em favor de um estado sionista em Pa1estine. Em 1937, Ben Gurion falou sobre os planos sionistas para o Líbano para o Sionista Mundial do Partido dos Trabalhadores, que estava reunido em Zurique: Eles são o aliado natural da terra de Israel. A proximidade do Líbano ainda mais nossos fiéis aliados tão logo o Estado judeu é criado e nos dá a possibilidade de ampliar ... [113]
Em 1948, Israel ocupou até o Litani, mas desistiu um ano depois, sob pressão. relatórios Sharett do calendário de Ben Gurion, em 1954, para induzir os maronitas do Líbano a se fragmentar: Esta é agora a tarefa central ... Devemos investir tempo e energia para trazer uma mudança fundamental no Líbano. Dólar não deve ser poupado ... Nós não seremos perdoados se perder a oportunidade histórica. [114]
A invasão do Líbano em 1982 após uma série de ataques e invasões, em 1968, 1976, 1978 e 1981. Planos para desmembrar o Líbano se uniram agora para o principal objectivo de dispersar os habitantes palestinos do Líbano através massacre seguido de expulsão. A invasão foi planejada em conjunto com o governo dos EUA. A Falange maronita foi parte do projeto: "Quando Amin Gemayel visitou Washington no Outono anterior, ele foi questionado por um oficial americano quando a invasão era devido." [115]
Mais tarde, quando o ministro da Defesa Ariel Sharon visitou Washington ". Secretário de Estado, Alexander Haig, deu luz verde para a invasão" [116]
A invasão do Líbano foi lançada sob o título "Paz na Galiléia" rubrica. Cruel ironia! Os habitantes originais da Galiléia vivia ali há um milênio e foram expulsos pelo massacre, em 1948. Eles haviam se estabelecido perto de Sidon, armando tendas em um campo de refugiados de Ain El chamaram Helweh, "Doce primavera". O acampamento foi organizado em áreas correspondentes à comunidades de Galileu de que as pessoas tinham vindo. A Galiléia miniatura, suas áreas replicadas as aldeias da Pátria na cidade da barraca da Diáspora, que foi Ain El Helweh.
Em 1952, eles foram autorizados a converter tendas em estruturas permanentes e contados agora, cerca de 80.000, o maior campo de refugiados palestinos no Líbano. No domingo, 6 de junho de 1982, às 05h30, intenso bombardeio aéreo começou com o início da invasão. Os israelenses tomaram Ain El Helweh como uma rede, usando um padrão bombeando saturação em

uma série de quadrantes. Primeiro quadrante foi submetida a bombardeios e, em seguida, a próxima metódica e inexoravelmente, o bombardeio de cada quadrante renovado como o último foi nivelado. O bombardeio continuou desta forma por dez dias e noites. As bombas de fragmentação, bombas de concussão, de alta queima e bombas incendiárias de fósforo branco foram usadas.
Ele foi seguido por mais dez dias de bombardeio do mar e do ar. Então tratores foram levados pelos israelenses para reduzir a escombros o que restava de pé. Abrigos foram cobertos, enterrando pessoas vivas, seus familiares frenéticos agarrando as escavadoras. trabalhadores de saúde norueguês que sobreviveu, relatou: Cheirava cadáveres por toda parte. Tudo foi arrasado. [117]

De 500.000 para 50.000

A invasão do Líbano no verão de 1982 teve como objetivo a dispersão através de massacre e terror de toda a população palestina. Antes da invasão do Líbano em 1982, Ariel Sharon e Bashir Gemayel tinha declarado em ocasiões diversas, que reduziriam os palestinos no Líbano, de 500.000 para 50.000. À medida que a invasão se desenrolou, esses planos começaram a aparecer nas páginas da imprensa israelense e ocidental. Ha'aretz relatou em 26 de setembro de 1982: Um objectivo a longo prazo que visa a expulsão de toda a população palestina no Líbano começa com Beirute. O objetivo era criar um pânico para convencer [sic] todos os palestinos do Líbano, que já não estavam seguros naquele país.
O London Sunday Times informou no mesmo dia: esta operação cuidadosamente planejado antecipadamente militar para 'limpar' os campos era chamado Moah Barzel ou de ferro no cérebro, o plano era familiar para Sharon e Begin e parte do maior plano de Sharon discutida pelo governo israelense em julho 17. Bashir Gemayel foi encorajado como a blitzkrieg de Israel atravessou o Líbano. "Os palestinos", declarou ele, "são muitas pessoas. Não vamos descansar até que todos os verdadeiros libanês matou ao menos um palestino". [118]
Um médico do exército libanês disse proeminentes a sua unidade: "Em breve não haverá um único palestino no Líbano Eles são uma bactéria que devem ser exterminados.." [119]

Os massacres de Sabra e Shatila

Os massacres que se seguiram tinham uma semelhança sombria para a matança dos inocentes engolindo Deir Yassin, Dueima, Kibya e Kfar Qasim como Palestina foi despovoada, entre 1947 e 1950. Os relatos ocidentais e israelenses fizeram a propósito da invasão assassina inconfundível de Israel: "Por internação de Sharon, os israelenses planejada há duas semanas para ter

as Forças Libanesas entrar nos campos", escreveu a revista Time. Mais tarde no mesmo artigo, ficou claro que isso tinha sido preparado muito antes. Top oficiais israelenses planejada há vários meses para alistar-se as Forças Libanesas, composto por milícias cristãs combinado dirigido por Bashir Gemayel, para entrar nos campos de refugiados palestinos, uma vez um cerco israelense de Beirute Ocidental tinha sido concluída. Em várias ocasiões, Gemayel disse Autoridades israelenses iria arrasar os acampamentos e achate-as em campos de ténis. Isso se encaixa com o pensamento israelita. As forças da milícia cristã que eram conhecidos por terem ido para os acampamentos foram treinados pelos israelenses. [120]
A imprensa israelense foi tão explícito em seus relatórios de planos de Israel. Em 15 de setembro, o jornal Haaretz citou Chefe do Estado Maior General Rafael Eitan: "Todos os quatro campos de refugiados palestinos estão cercados e hermeticamente fechados." O New York Times havia confirmado o tempo de conta Magazine: Sharon disse ao Knesset que o Estado-Maior General e Comandante-em-chefe dos falangistas se reuniu duas vezes com os generais ranking de Israel em 15 de setembro e discutidos entrarem nos acampamentos que eles fizeram na tarde seguinte. [121]

A Milícia Killer

Dois meses antes do massacre de Sabra e Shatila, talvez o mais notável conta apareceu no Jerusalem Post. Uma longa entrevista foi publicada com o major Etienne [nome de código, Abu Arz] Saqr. Major Saqr era o líder da milícia direitista vários milhares forte, "Os Guardiões dos Cedros". O Jerusalem Post divulgou que o Major Saqr "está prestes a embarcar para os Estados Unidos para colocar o seu credo e soluções" antes de os americanos. "Desde 1975, ele tem propagado a solução de Israel ... e Israel o apoiou em todos os sentidos material possível." [122] próprias observações Major Saqr prefigurou o que viria a chocar o mundo nos acampamentos palestinos de Sabra e Chatila: É a palestinos que temos de lidar. Dez anos atrás, havia 84 mil, agora há entre 600.000 e 700.000. Em seis anos, haverá dois milhões de euros. Nós não podemos deixá-lo chegar a esse ponto.
Quando perguntado pelo jornal Jerusalem Post: "Qual é a sua solução?" Major Saqr respondeu: "Muito simples Vamos levá-los até as fronteiras do 'fraternal' a Síria ... quem olha para trás, parar ou devoluções serão executadas no local Temos o direito moral, reforçado pela opinião pública bem organizada.. planos de relações e preparações político ". És tu - perguntou o Jerusalem Post - capazes de implementar essa ameaça? (Ele não pisca uma pálpebra.) "É claro que pode. E vamos ". Major Saqr tinha desempenhado um importante papel no massacre de palestinos em 1976 Tal campo de refugiados al Zaatar. Após os massacres de Sabra e Shatila, Major Saqr retornaram a Jerusalém para uma conferência de imprensa em que ele assumiu a responsabilidade de realizar o

massacre com os israelenses: "Ninguém tem o direito de nos criticar, nós realizamos o nosso dever, nossa sagrada responsabilidade ". [123]
Ele deixou esta conferência de imprensa onde afirmou uma participação no "crédito" para o assassinato em massa para assistir a uma reunião com o Primeiro-Ministro Menachem Begin. Major Saqr veio à tona novamente, agora baseado na sede do comando israelense no complexo Suraya em Sidon, perto de Ain El Helweh. Sua milícia distribuiu folhetos em toda Sidon onde se lê: Os germes vivem apenas em podridão. Vamos evitar o apodrecimento de infiltrar a sociedade. Vamos continuar o trabalho de destruição dos últimos bastiões dos palestinos e destruir o que a vida é esquerda neste cobra venenosa. Major Saqr tinha trabalhado em estreita colaboração com o chefe de inteligência notório por milícias Bashir Gemayel, Elie Hobeika. Hobeika foi conhecido como o homem da CIA em Beirute. Jonathan Randal do Washington Post citou declarações Hobeika em Beirute, atribuindo a estes a "um dos assassinos", que ecoaram os de Major Saqr em Jerusalém: Atire contra as paredes rosa e azul; abate-los na penumbra da noite . A única maneira de você descobrir como muitos palestinos que morreram é se eles algum dia construir um metrô em Beirute ... Um massacre ou duas boas irão conduzir os palestinos para fora de Beirute e do Líbano de uma vez por todas. [124]
O comando do Exército israelense também se alistou líderes oficiais libaneses. Um deles revelou: Durante a quinta-feira, Geral Drori, me levou ao aeroporto, onde os israelenses foram a montagem da milícia. "Se o homem não vai fazê-lo, eu sei que outros que vão." [125] Ele se referiu a Saqr. "... Os Guardiões dos Cedros, a quem Gemayel incorporado as Forças Libanesas em 1980, decidiu, como um artigo de fé, que as crianças palestinas devem ser mortos, uma vez que, eventualmente, cresceu para se tornar terroristas." [126]

Cada um de vocês é vingador

A brutalidade da invasão e ocupação do Líbano e do arrepiante horror dos massacres de Sabra e Shatila, mais uma vez removida a máscara da face cruel do sionismo. Televisão e jornais de cobertura da guerra produziu um protesto mundial, forçando Israel a dissimular e nomear um oficial da Comissão de Inquérito. O governo israelense conduziu sua própria investigação no âmbito da Comissão Kahan.
A "investigação", concluiu, previsivelmente, que os israelenses eram meramente negligente em subestimar "sede de sangue árabe", mas não teve nenhum papel direto no massacre de Sabra e Shatila. O semanário alemão Der Spiegel, no entanto, publicou uma entrevista em 14 de fevereiro de 1983, com um matador da milícia, que contou não só seu próprio papel na matança, mas descreveu a participação direta israelense. O artigo foi intitulado cada um de vocês um vingador, e conta em primeira pessoa poderia ter vindo de Julgamentos de Nuremberg: Nós nos encontramos no wadi Schahrur, no vale

dos rouxinóis sudeste de Beirute. Era quarta-feira, o décimo quinto dia de Setembro ... Éramos cerca de trezentos homens de leste de Beirute, no sul do Líbano e as Montanhas Akkar, no norte ... Eu pertencia à milícia Tiger do ex-presidente Camile Chamoun. Os oficiais Falange nos convocou e nos trouxe para o local da reunião. Eles nos disseram que precisavam de nós para uma "ação especial" ... "Vocês são os agentes do bem", os policiais nos disseram repetidamente. "Cada um de vocês é um vingador". ...
Então, uma boa dúzia de israelenses em uniformes verdes sem indicação de classificação veio junto. Eles tinham cartas de jogar com eles e falava árabe bem, exceto que como todos os judeus se pronunciado o "h" duro como "cap." Eles estavam falando sobre os palestinos nos campos de Sabra e Chatila ... ficou claro para nós que estávamos a fazer, e nós estávamos olhando para a frente. Tivemos que fazer um juramento de nunca revelar nada sobre a nossa acção. Por volta das dez horas, subimos em um caminhão do exército americano de que os israelenses haviam entregue a nós. Nós estacionamos o veículo perto da torre do aeroporto. Lá, imediatamente ao lado das posições de Israel, vários caminhões como já estavam estacionados. Alguns israelenses em uniformes Falange estavam com o partido. "Os amigos israelenses que o acompanham", nossos oficiais nos disse "... fará seu trabalho mais fácil. "Eles nos encaminharam para não fazer uso de nossas armas de fogo, se possível. "Tudo deve prosseguir sem fazer barulho". ... Vimos outros camaradas. Eles tiveram que fazer o seu trabalho com as baionetas e facas. Bloody cadáveres jaziam nas ruas. As mulheres semi-adormecido e crianças, que gritou por ajuda a colocar todo o nosso plano em perigo, o acampamento dos alarmantes inteiro. Agora eu vi mais uma vez os israelitas que tinham sido, na nossa reunião secreta. Um sinal nos voltar para as áreas da entrada do acampamento. Os israelenses abriram com todas as suas armas. Os israelenses nos ajudaram com holofotes. Foram cenas chocantes que mostraram que os palestinos foram bons para. Alguns, incluindo mulheres, tinham se abrigado em um pequeno beco, atrás de alguns burros. Infelizmente tivemos que abater esses pobres animais para acabar com os palestinos por trás deles. Chegou a mim, quando os animais gritou de dor. Foi horrível. Um camarada entrou em uma casa cheia de mulheres e crianças. Os palestinos gritou e jogou o gás fogões no chão. Enviamos a ralé de coração duro para o inferno. Por volta das quatro da manhã, meu esquadrão voltou para o caminhão. Quando havia luz da manhã, voltamos para o acampamento. Fomos corpos passado, tropeçou corpos baleados e esfaqueados todas as testemunhas. outros Matar era fácil, uma vez que tenha feito isso algumas vezes. Agora vieram os tratores do Exército israelense. "Tudo o arado debaixo da terra. Não deixe que as testemunhas se manter vivo. "Mas apesar dos nossos esforços, a área ainda estava repleta de pessoas. Eles corriam e causou confusão terrível. A ordem para "lavrar-los em" exigiu muito. Tornou-se claro que o plano tinha falhado bastante. Milhares tinham escapado nós. Distante

demasiado muitos palestinos ainda estão vivos. Em todos os lugares agora as pessoas estão falando de um massacre e sentindo pena para os palestinos. Quem aprecia as dificuldades que tomamos sobre nós mesmos ... Basta pensar. Lutei por 24 horas em Chatila, sem comida ou bebida. O número de mortes em Sabra e Shatila foi superior a 3.000. Muitas das sepulturas em massa nunca foram abertos.

Destruindo o Líbano

O abate ea dispersão do povo palestino era um componente da estratégia israelense. Outra foi a dizimação da economia vital libanesa que, apesar dos esforços de Israel, surgiu como o capital financeiro do Oriente Médio. Vinte mil palestinos e libaneses morreram, 25.000 feridos e 400.000 ficaram desabrigadas durante os primeiros meses da invasão israelense de 1982. As quantidades caiu sobre Beirute só superaram as da bomba atômica que devastou Hiroshima. Escolas e hospitais foram particularmente visadas. Praticamente todo o material circulante e equipamento pesado de fábricas libaneses foram saqueados e levados para Israel. Mesmo os tornos e máquinas-ferramentas menores da UNRWA centros de formação profissional foram saqueados. A produção de citrinos e oliveiras do sul do Líbano em Beirute foi destruída. A economia libanesa, cujas exportações haviam competido com Israel, tornou-se moribundo. O sul do Líbano se tornou um mercado israelense até as cabeceiras do rio Litani, como o rio Jordão, antes disso, foram desviados pelos israelenses.
O autor deste livro experimentou o bombardeio e cerco de Beirute Ocidental, em 1982, viveu com os palestinos nas ruínas de Ain El Helweh durante a ocupação israelense e testemunhou a devastação dos campos palestinos de Rashidya, Bas-El, o Burj al lamali, Mieh Mieh, Burj al Burajneh, Sabra e Shatila, bem como a destruição das cidades e vilas libanesas em todo o sul. As contas da promulgação israelense sobre o massacre de Sabra e Shatila foram comprovados pelo autor, que estava presente nos campos, no último dia do abate. Ele e Mya Brilhou fotografado tanques e soldados israelenses em Sabra e Chatila e conversou com os sobreviventes ao longo de um período de quatro dias.

Notas

113. Jonathan Randal. Going All The Way (New York: Viking, 1983), p.188.
114. Carta ao Primeiro-Ministro Moshe Sharett. 27 de fevereiro de 1954. Rokach, p.25.
115. Randal.
116. Ibid., P.247.
117. Norueguesa Marianne assistente social Helle Möller, citados na Ralph

Schoenman e brilhou Mya,
rumo a uma solução definitiva no Líbano?, New Society, 19 de agosto de 1982.
118. Randal.
119. Citado em um panfleto distribuído em Sidon pelo Major Saqr, Fevereiro de 1983.
120. Time Magazine, 04 de outubro de 1982.
121. New York Times, 1 de outubro de 1982.
122. Jerusalem Post, 23 de julho de 1982.
123. Jerusalem Post, Outubro de 1983.
124. Randal, p.17.
125. Ibid.
126. Ibid.

9.A segunda ocupação

Menachem Begin, Ariel Sharon e Shimon Peres tem, em diferentes épocas, expressa a convicção de que "a lição do Líbano" iria pacificar, por exemplo, os palestinos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Essa pacificação, no entanto, já em curso há 21 anos desde sua ocupação em 1967. Muitos na Cisjordânia e em Gaza são refugiados de predações anteriores Israe1i 1947-1967. Nos territórios pós-1967 de ocupação, um palestino não pode plantar um tomate sem licença inalcançável do governo militar. Ele ou ela não pode plantar uma berinjela sem tal autorização. Você não pode branquear a sua casa. Você não pode consertar um painel de vidro. Você não pode cavar um poço. Você não pode vestir uma camisa que tem como cores da bandeira palestina. Você não pode ter uma cassete em sua casa, que tem canções nacionais palestinos. Desde 1967, mais de 300.000 jovens palestinos passaram por prisões de Israel em condições de tortura institucional. A Anistia Internacional concluiu que não há nenhum país no mundo em que a utilização de funcionário e sustentada a tortura é bem-definidos e documentados, como no caso do estado de Israel. Vinte e um anos após a apreensão de Israel a Gaza, o Los Angeles Times descreveu as suas consequências: apenas cerca de 2.200 colonos judeus vivem na Faixa de Gaza, que foi capturado do Egito, mas que ocupam cerca de 30% da área de 135 quilômetros quadrados. Obter mais de 650.000 palestinos, a maioria dos refugiados, são espremidas em cerca de metade da faixa, fazendo dela uma das áreas mais densamente povoadas do mundo. O restante das terras de Gaza tenha sido designado restrito zonas de fronteira pelo exército. [127]

Direitos Civis e a Lei

Prisão

Em todo o território sob ocupação militar israelense, qualquer soldado ou policial tem o direito de deter um indivíduo que ele deve acreditar que ele tem "razões para suspeitar" que a pessoa em questão tenha cometido um delito. A lei não define a natureza da infração suspeita pelo soldado ter sido cometidos ou planejados. [128] A natureza deliberadamente vaga do presente diploma tem como consequência de negar aos palestinos nos territórios ocupados desde 1967 todos os meios de saber por que eles podem ser presos e detidos. Após a detenção da suspeita, um palestino pode ser detido por dezoito dias, com a aprovação de um policial. Uma vez preso, o detento palestino podem ser (e quase sempre é) o acesso negado a um advogado. A regulamentação formal prevê que o administrador de cárceres decidir se quer ou não um advogado pode ser permitido ver um cliente. Rotineiramente, os funcionários da prisão

regra de que um prisioneiro de se reunir com um advogado antes do interrogatório é completa seria "dificultam o processo de interrogatório". [129] Esta decisão pode se estender por toda a duração da detenção. Como resultado, os advogados têm acesso a um único preso depois que um prisioneiro confessou ou após os serviços de segurança decidiram encerrar o interrogatório. Advogados em Israel afirmam que a razão para este arranjo é que o ponto focal do interrogatório é obter uma confissão. Para conseguir esse efeito, as autoridades invariavelmente sujeito preso ao isolamento, à tortura e insuportável condição física.
Após a prisão, o detento é submetido a um período de fome, privação de sono por métodos organizados e longos períodos durante o qual o prisioneiro é obrigado a permanecer com as mãos algemadas e levantado, um saco sujo que cobre a cabeça. Presos são arrastados no chão, batido com objetos, chutes, sumariamente despido e colocado sob duchas geladas. O abuso verbal e humilhação física são comuns envolvendo atos, como cuspir ou urinar na boca do prisioneiro e obrigando o prisioneiro a rastejar em uma cela lotada. O interrogatório pode durar vários meses até que o indivíduo confessa e uma carga pode ser elaboradas. Se o prisioneiro não se quebra sob tortura e concorda em confessar, ele ou ela pode ser detido administrativamente, sem ser acusado ou julgado.

Confissões

A confissão forçada é fundamental para um processo contra prisioneiros palestinos. Até 1981, um prisioneiro poderia ser julgado apenas com base em sua confissão pessoal - um incentivo suficiente para as autoridades prisionais para produzir um para o tribunal. Wasfi O. Masri, que tinha sido um juiz da Suprema Corte sob domínio jordaniano e que defende muitos prisioneiros palestinos, declarou: Em 90% dos casos que eu tenho, o prisioneiro ... foi espancado e torturado. [130]
Porque muitos prisioneiros resistiram a tortura e se recusou a confessar, uma alteração ao estatuto militar foi adotada, permitindo tribunais para usar como central e, de fato, único meio de prova contra um réu o fato de que seu nome foi mencionado em outra pessoa confissão. Enquanto a "prova" é considerado inculpating se o nome do réu é citado em confissão outro prisioneiro, caso a acusação seja considerada definitiva se a confissão do réu é produzido. Se o detento não admitir um delito, os agentes do Serviço de Inteligência é apresentado no tribunal para testemunhar que o preso fez uma confissão "oral". Advogado palestino Mohammed Na'amneh, descrevendo dois casos, observou-se que quando os presos negam ter confessado por via oral, o tribunal aceita o testemunho de um oficial de inteligência como probatório. [131] Todas as confissões são escritos em hebraico, uma língua praticamente nenhum dos palestinos dos territórios ocupados desde 1967 é capaz de ler.

Quando os presos se recusam a assinar com o fundamento de que não podem ler em hebraico, eles são abusados. No caso de Shehadeh Shalaldeh de Ramallah, disse o oficial saiu do quarto e dois homens em roupas civis entrou eu disse que queria saber o que estava assinando ... Eles começaram a me bater, então eu disse: "Ok, ok, eu vou assinar." [132]
Há muitos casos em que a declaração que assinou um prisioneiro em hebraico não tem relação com o texto árabe originalmente mostrado a ele. Tais confissões se iniciam invariavelmente: "Eu era membro de uma organização terrorista.
Estas palavras nunca seriam usadas por um membro da OLP (Organização de Libertação da Palestina) e seus órgãos componentes. Não obstante o fato de que tais "confissões" estão em uma língua que não pode ser lido por aqueles assiná-los, os tribunais têm decidido que as confissões são "irreversíveis" e totalmente probatória do delito em questão. dados exactos sobre a percentagem de detidos, interrogados e, eventualmente, julgados É difícil estabelecer com precisão. Não existem dados estatísticos publicados. Mas a informação acumulada de advogado e registros comunidade palestina tornar evidente que o número de palestinos submetidos a interrogatórios e tortura é enorme. advogados do Estado de Israel sem hesitação que a maioria dos homens com mais de dezesseis anos de idade têm sido interrogado e mantido em um ou outro momento de suas vidas, por períodos de duração variável. Em 1980, os relatórios publicados na imprensa israelense estima que o número de palestinos presos em uma ou outra vez depois de 1967 ter chegado a 200.000. Advogados atualizado recentemente esse número para 300.000.

Julgamento

Aqueles que chegam a julgamento são cobrados mais comumente com "político", delitos que incluem:
1) quebra da ordem pública (uma categoria vaga abraçar qualquer acção, incluindo a subserviência insuficientes para as autoridades israelenses),
2) Demonstrar,
3) distribuir panfletos ou slogans daubing;
4) Sócio em uma organização "ilegal".
Especificamente alvo são os grupos que tentam formar qualquer partido político palestino em Israel pré-1967 como o El Ard (A Terra), que não suporta explicitamente um estado judeu, ou organismos representativos palestinos, como o Comitê Nacional de Orientação (Lijni Komité al Watani) na Cisjordânia. Organizações que fazem parte do P.L.O. também estão entre aqueles declarados ilegais. Muitos jovens nos territórios ocupados que batida, marcha, ou encontrar-se demonstrar, são acusados de "produzir ou jogando coquetéis molotov". Um número significativo de pessoas que são julgados por posse de armas, assalto à mão armada e formas de operação militar e sabotagem.

Muitos desses casos envolvem, na verdade, a violação do "contato com o inimigo" prestação, que abrange qualquer organização designada pelas forças de segurança israelenses para palestinos como simpatizantes aspirações nacionais.
Dentro de dez anos da ocupação, mais de 60% de todos os prisioneiros em Israel pré-l967 e os territórios ocupados desde 1967 palestinos foram considerados culpados de crimes políticos. Todos os crimes políticos viola o Regulamento de Emergência da Defesa de 1945 e de Segurança do Estado, das Relações Exteriores e Official Secrets Act de 1967, tornando-os "crimes contra a segurança". Pessoas acusadas de tais crimes políticos são levados a julgamento em tribunais militares. Isto é verdade dentro de Israel pré-1967, bem como os territórios ocupados posteriormente. Os palestinos são raramente julgados em tribunais civis.

Os regulamentos de Emergência da Defesa

Nos termos dos regulamentos de emergência, um comandante militar (atualmente o Governador Militar)
podem, a seu critério e sem controlo judicial.
l prender pessoas por tempo indeterminado
l proibir as viagens dentro ou fora de Israel pré-1967 e os territórios ocupados desde 1967
l expulsar uma pessoa permanentemente
l restringir qualquer pessoa de sua casa, localidade, aldeia ou cidade
l proibir ninguém de fazer uso de sua propriedade
l Para a demolição de casas
L impor a vigilância da polícia sobre qualquer indivíduo e da ordem dele ou dela se apresentar à delegacia diversas vezes por dia
l declarar qualquer área fechada como uma zona de segurança, seja uma fazenda pertencente a uma
família, uma vila habitada, ou campo de refugiados de terras tribais
l censurar todos os meios, exigindo que todos os artigos, folhetos e livros para ser aprovada, proibindo
sua distribuição
l pessoas raid de casas e confiscar bibliotecas inteiras
l proibir o encontro de dez pessoas ou mais para o propósito de discutir a política
l proibir membros de uma organização.
Militar editais anexa ao Regulamento de Emergência da Defesa têm proliferado ao ponto de, quando incidem sobre as minúcias da existência palestina. Ordens Militares que afetam a Cisjordânia:
l proibir a plantação de tomates e berinjela sem autorização por escrito
l proibir o plantio de uma árvore de fruta sem permissão por escrito

l proíbem qualquer reparação de uma casa ou estrutura sem autorização por escrito
l proibir a perfuração de poços para água potável ou de irrigação.
A Defesa de Emergência regulamentos, aprovadas pela primeira vez pelos britânicos para controlar a população palestina dentro do mandato, foram revistos em 1945 e usada pelos britânicos para controlar ataques armados contra soldados britânicos pelo Irgun e Haganá e para restringir a aquisição de terras sionista. Os regulamentos foram condenados em 1946 pelo Hebrew Union Advogados, nos seguintes termos: Os poderes conferidos à autoridade de decisão no Regulamento de Emergência negar os habitantes da Palestina seus direitos humanos básicos. Estes regulamentos minam os fundamentos do direito e da justiça, pois eles constituem um perigo grave para a liberdade individual, e instituir um regime de arbitrariedade, sem qualquer controlo judicial. [133]
Yaakov Shimpshon Shapira, que mais tarde se tornou um ministro de Justiça do Estado de Israel e um dos seus principais autoridades jurídicas, proclamou: O regime construído na Palestina no Regulamento de Emergência da Defesa não tem paralelo em qualquer nação civilizada. Mesmo na Alemanha nazista, não houve tais leis e os atos dos nazistas Mayadink e outras coisas semelhantes eram contra o código de leis. Somente em um país ocupado você encontra um sistema parecido com o nosso ... [L34]
Apesar destas avaliações pelas principais autoridades sionistas na jurisprudência, a Defesa Emergência regulamentos foram incorporados ao sistema jurídico do Estado de Israel. Desde a fundação do Estado em 1948, os regulamentos básicos permaneceram inalteradas. A ironia é evidente. Os regulamentos muito caracterizada pelo homem que viria a ser ministro da Justiça de Israel como "sem paralelo em qualquer país civilizado" e condenado pelos advogados sionista para negar que "os direitos humanos fundamentais" foram adotadas como a lei da terra. Como Yaakov Shimshon Shapira enfatizou: "Só em um país ocupado, você encontra um sistema parecido com o nosso ..." O povo palestino, quer em Israel antes de 1967, Jerusalém Oriental, Cisjordânia e da Faixa de Gaza vive em um país ocupado.

Notas

127. Dan Fisher Angeles, Los Times, 11 de novembro de 1987.
128. Leah Tsemel Lea, as condições prisionais em Israel - Uma Visão Geral, 16 de novembro, 1982, p.1. Incluído na Schoenman Ralph e brilhou Mya, prisioneiros de Israel: o tratamento dos prisioneiros palestinianos nas três jurisdições (Princeton, NJ: Imprensa Veritas, 1984).
129. Grêmio Nacional de Advogados, Tratamento de palestinos na Cisjordânia ocupada por Israel e Gaza (New York: 1978), p.89.
130. Sunday Times de Londres, 19 de junho de 1977.

131. Mohammed Na'amneh, Entrevista com o autor, em Jerusalém Oriental, 2 de fevereiro de 1983.
132. Sunday Times de Londres, 19 de junho de 1977. p.18.
133. Arie Bober, ed, The Other Israel:. Radical O processo contra o sionismo (New York: Anchor Books,
1972), p.134.
134. Sabri Jiryis, os árabes em Israel (New York: Monthly Review Press,
1976), p.12.

—

10.A prevalência da tortura

O uso de tortura em prisões israelenses tem sido objeto de extensa investigação. Em 1977, o Sunday Times de Londres realizou uma investigação de cinco meses. Comprovação foi obtida para as provas produzidas. A tortura documentado ocorreu "por meio de dez anos de ocupação israelense desde 1967. O Sunday Times estudo apresentados os casos dos palestinos e quarenta e quatro que foram torturados. Ele documentou práticas, em sete centros: prisões dentro das quatro principais cidades de Nablus, Ramallah, Hebron e Gaza, o centro de detenção e interrogatório em Jerusalém, conhecida como Complexo Russo ou Moscobiya e centros especiais de militares localizadas em Gaza e Sarafand. [135]
A investigação resultou em conclusões concretas: os interrogadores israelenses rotineiramente maltratar e torturar prisioneiros árabes. Os prisioneiros são encapuzados ou com os olhos vendados e são pendurados pelos pulsos por longos períodos. A maioria é atingido nos genitais ou de outras formas de abuso sexual. Muitos são vítimas de violência sexual. Outros são administrados choques eléctricos. Os prisioneiros são colocados em especialmente construído "armários" dois metros quadrados e cinco metros de altura com pontos concretos fixados no chão. E maus-tratos, incluindo "espancamentos prolongados," é universal nos presídios e centros de detenção israelenses. A tortura é tão generalizada e sistemática, conclui o jornal Sunday Times, que não pode ser julgado como o trabalho de "rogue policiais" ordens superiores. É sancionado como política deliberada e toda a segurança e serviços de inteligência israelenses estão envolvidos:
l Shin Bet, o equivalente ao F.B.I. e do Serviço Secreto dos Estados Unidos, subordinado diretamente ao gabinete do Primeiro-Ministro
l Inteligência Militar relatórios ao ministro da Defesa
l da Polícia de Fronteira administrar todos os checkpoints. Há postos de controle nos territórios ocupados
desde 1967, como existem nas fronteiras
l Latam faz parte do Departamento de Missões Especiais
l Um esquadrão paramilitar é atribuído a unidades policiais.

Padrões de tortura no pós-67

Territórios Ocupados

Cada centro de detenção de recursos interrogadores "predileções aparentes." O russo Composto interrogadores [Moscobiya] em Jerusalém "assaltos favor nos órgãos genitais, além de testes de resistência como a realização de uma cadeira com os braços abertos ou em pé sobre uma perna." A especialidade do

militar centro em Sarafand é vendar prisioneiros durante longos períodos, atacá-los com cães e pendurá-los pelos seus pulsos. A especialidade em Ramallah é "assalto anal." Tortura com choque elétrico é usado quase que universalmente. [136] Fazi Abdel Wahed Nijim foi preso em julho de 1970. Ele foi torturado na Sarafand e atacados por cães. Preso novamente em julho de 1973, ele foi espancado na prisão de Gaza. Zudhir al-Dibi foi preso em fevereiro de 1970 e interrogado em Nablus, onde ele foi açoitado e espancado na sola dos seus pés. Seus testículos foram espremidos e ele foi metralhado com água gelada. Shehadeh Shalaldeh foi preso em agosto de 1969 e interrogado na Moscobiya. A recarga esferográfica foi empurrado para o seu pênis. Abed al-Shalloudi foi detido sem julgamento por dezesseis meses. Vendado e algemado, enquanto na Moscobiya, ele foi espancado por Naim Shabo, um judeu iraquiano, Diretor do Departamento de Minorias. Jamil Abu Ghabiyr foi preso em fevereiro de 1976 e realizada em Moscobiya. Ele foi espancado na cabeça, corpo e os órgãos genitais e fez deitar na água gelada. Issam al Atif Hamoury foi preso em outubro de 1976. Na prisão, as autoridades Hebron arranjados seu estupro por um administrador do prisioneiro. [137] Em fevereiro de 1969, Rasmiya Odeh foi preso e levado para Moscobiya. Seu pai, Joseph, e duas irmãs foram detidos para interrogatório. Joseph Odeh foi mantida em uma sala enquanto Rasmiya foi espancado nas proximidades. Quando eles levaram a que ela estava deitada no chão com roupas manchadas de sangue. Seu rosto estava azul, o olho preto. Na sua presença, eles realizaram a para baixo e enfiou um pau na sua vagina. Um dos interrogadores ordenou Joseph Odeh "to fuck" sua filha. Quando ele se recusou eles começaram a espancar ele e Rasmiya. Eles mais uma vez abriu as pernas e empurrou o pau nela. Ela estava a sangrar da boca, face e vagina quando Joseph Odeh caiu inconsciente. [138] Os padrões de tortura denunciados pelo Sunday Times, são semelhantes aos encontrados em centenas de testemunhos publicados pelos advogados de Israel, Felicia Langer e Lea Leah Tsemel, por advogados palestino Walid Fahoum e Raja Shehadeh, pela Anistia Internacional e do Grêmio Nacional de Advogados e as séries de contas deste autor documentado de ex-prisioneiros. [139] Este recorde é estabelecido na Cisjordânia como em 1968, um ano após o início da ocupação. Embora o Comitê Internacional da Cruz Vermelha não, como regra, fazer declarações públicas, ele havia preparado em 1968 uma declaração de tortura. Seu Relatório sobre a prisão de Nablus concluiu: Um número de detidos sofreram tortura durante os interrogatórios pela polícia militar. Segundo o depoimento, a tortura teve as seguintes formas:

1. Suspensão do detido pelas mãos ea tração simultânea de seus outros membros por horas em um tempo até que ele perde a consciência
2. Burns com pontas de cigarros
3. Golpes por barras nos genitais

4. Amarrar e vendar para os dias
5. Mordidas por cães
6. choques elétricos nas têmporas, na boca, no peito e nos testículos. [140]

O caso de Harb Ghassan

Ghassan Harb, um intelectual de 37 anos de idade e jornalista palestino de Al Fajr, um diário árabe proeminente, foi preso em 1973. Ele foi levado por soldados israelenses e dois agentes à paisana em sua casa em Ramallah prisão onde esteve detido em cinquenta dias. Durante esse tempo ele não era nem interrogado, nem acusado. Foi-lhe negado qualquer contato com sua família ou um advogado. [141]
No qüinquagésimo dia, Ghassan Harb foi tirada com um saco na cabeça para um lugar secreto. Aqui, ele foi submetido a espancamento sofrido: "Quinze minutos, 20 minutos batendo com a mão no meu rosto."
Despida e um saco colocado sobre sua cabeça, ele foi forçado em um espaço confinado. Ele começou a sufocar. Ele conseguiu, movendo a cabeça contra o "muro" para retirar o saco e encontrou-se em um compartimento do armário, como cerca de 2 metros quadrados e 5 metros de altura [60 cm. e 150 cm. respectivamente]. Ele não conseguia sentar nem ficar em pé. O chão era de concreto com um conjunto de estacas de pedra jogada em intervalos irregulares. Eles estavam "com bordas afiadas aguda", 1,5 centímetros de altura. Ghassan Harb não poderia estar com eles sem dor. Ele teve que ficar em uma perna e então substituí-lo continuamente com os outros. Ele foi mantido em caixa para quatro horas durante a primeira sessão. Ele então foi feita a rastejar de joelhos sobre as pedras afiadas, sendo espancado por uma hora por quatro soldados. Após ser interrogado, Ghassan Harb foi devolvido à sua cela ea rotina se repetiu: espancamentos, stripping, forçado a rastejar em um canil dois metros quadrados e em seguida o ". Armário" Enquanto no armário durante a noite ele ouviu os presos alegando " Oh meu estômago. Você está me matando. "
provação Ghassan Harb foi corroborado de forma independente por quatro pessoas. Mohammed Abu-Ghabiyr, um sapateiro de Jerusalém, descrito no pátio idênticos com suas pedras afiadas e canil. Jamal Freitah, um trabalhador de Nablus, descreveu o "armário" como um "refrigerador" com as mesmas dimensões. Ele tinha "um piso de concreto com pequenas colinas ... com pontas muito afiadas, cada um com um prego. "Kaldoun Abdul Haq, dono de uma empresa de construção civil a partir de Nablus, também descreveu o pátio eo" armário "com o seu piso" coberto com pedras afiadas definido no cimento. "Abdul Haq foi enforcado pelos braços de um gancho na parede na extremidade do pátio.
Husni Haddad, dono de uma fábrica de Belém, foi feita a engatinhar no pátio, sob os pés afiados cascalho, e foi chutado enquanto ele engatinhava. Sua casa

também tinha "um chão que tinha como picos polegares das pessoas, mas com bordas afiadas." Ghassan Harb foi lançado dois anos e meio depois, sem nunca ter sido acusado de um crime ou levados a julgamento. O advogado dele, Felicia Langer, conseguiu levar o assunto de seu maus tratos à Suprema Corte israelense. Nenhuma declaração completa foram tomadas ou admitido na audiência, as testemunhas não foram chamados. O tribunal julgou fora de mão todas as acusações de tortura.

O caso de Nader Afouri

Nader Afouri era um homem forte e vital, o campeão de levantamento de peso da Jordânia. Quando ele foi lançado em 1980, após sua prisão em quinto lugar, ele não podia nem ver, ouvir, falar, andar ou controlar suas funções corporais.
Entre 1967 e 1980, Nader Afouri foi realizada dez anos e meio como prisioneiro administrativa. Apesar do tratamento brutal e torturas infligidas a Nader, durante cinco detenções, as autoridades israelenses não podia nem extrair uma confissão, nem produzir qualquer evidência com a qual Nader Afouri levar a julgamento. [142]
O Primeiro Prisão-1967-1971:
"Fui preso inicialmente em 1967, primeiro ano da ocupação. Eles me tiraram da minha casa, em Nablus, me vendaram e me enforcou de um helicóptero. Todo o povo de Beit Furik e aldeias perto de Nablus Salém testemunhou isso.
"Eles me trouxeram para Sarafand, a prisão mais dura, uma prisão militar. Eu fui o primeiro homem da Cisjordânia ou de Gaza deve ser levado para lá. Quando eles colocam o helicóptero para baixo, eles me empurraram para fora e mandou-me para ser executado. Ouvi tiros e correu como eles estavam atirando em mim. "Eles me levaram para uma sala grande cheia de luzes vermelha, amarela e verde. Eu podia ouvir os gritos e os sons de batimentos. Eu ouvi um grito do homem: "Você vai ter que confessar." Então, ouvi um homem confessar. Logo, eu descobri que isso era uma gravação para intimidar-me. "Então eles me levaram para o interrogador. Amarraram-me com correntes nas portas verdes. Cada porta tinha uma roldana. Eles abriram a desgraça, divulgando as minhas mãos e pernas, então a ferida polias até que caiu inconsciente. "Eles me fizeram levantar-se em uma cadeira, amarrou minhas mãos correntes penduradas numa janela e, lentamente, retirou a cadeira. Meus músculos rasgou como o peso do meu corpo puxado em minhas mãos. A dor era terrível.
"Havia cinco ou seis homens. Eles todos me bater. Eles me bateram com golpes na cabeça. Eles me algemado a uma cadeira. Alguém poderia me bater e alguns dos outros homens na sala diria 'Pare.' Então eles iriam mudar de um para o outro, cada um por sua vez, a me bater. Eu era mantido acorrentado na cadeira e nunca permitiu que se levantem. "Eles ficaram de me torturar. Um interrogador sugado em um cigarro. Quando ele era vermelho, colocou-o no

meu rosto, peito e genitais - por toda parte. "Um enfiou uma caneta encher até o meu pênis, enquanto os outros observavam. Como fizeram isso, eles me pediu para confessar. Eu comecei a sangrar do meu pênis e foi levado para o Hospital Prisional Ramle mas logo foi trazido de volta novamente para Sarafand para mais interrogatórios. "Eu estava em meses Sarafand doze e meio e foi interrogado continuamente. Ninguém pode resistir a doze meses e meio. Em quatro ocasiões meus amigos em outras prisões foram informados oficialmente de que eu tinha morrido.

"O primeiro mês em Sarafand, eu estava sempre de olhos vendados e tinham correntes em minhas mãos e pernas. Depois de um mês eles retiraram as cadeias das mãos e de olhos vendados. Mas eu usava correntes perna por doze meses e meio. Dia e noite eu tive correntes nas pernas. As marcas ainda estão em meus tornozelos. "Essa era a rotina: Eles me bateram, me interrogar, em seguida, deitar-me na célula. Gostaria de descansar um pouco, então eles me levariam novamente. "A célula foi de 3 metros por 4 metros por 4 metros de altura [1 metro por 1,3 metros por 1,3 metros]. Minha altura é 5 pés e 6 polegadas [1,7 metros]. Dormi agachado com as pernas contra o meu estômago. Não havia janelas na cela e sem mobiliário, apenas um vaso para cagar. Eu tinha dois cobertores. As pedras no chão eram muito nítidas. Eles perfurado meus pés quando eu entrei. "Eles começaram a trazer outros prisioneiros. Eles nos deram a roupa do exército com os números nas costas. Eu era o número um. Eles só me chamar pelo meu número, não pelo meu nome. Eles estavam sempre me insultando, gritando 'Maniuk (viado), eu vou transar com você. "Quando estávamos acorrentados fora trouxeram cães selvagens. Os cães pularam para nós, pegou nossas roupas e um pouco de nós. "Mais de trinta pessoas foram presas depois de minha própria detenção e todos foram submetidos à mesma tortura. Todos, entretanto, quebrou sob tortura e confissões escreveu e estão em prisão perpétua. Eu não confesso. A tortura destruiu o meu pênis e eu só conseguia urinar, gota a gota. Eu não podia andar por três meses e meio quando terminou o interrogatório. Mas eu não confessasse. Eu nunca falei uma palavra em doze meses e meio. " Nader Afouri foi enviado para prisão de Nablus, onde iniciou uma greve de fome para exigir sua liberdade. Ele tomou apenas água e um pouco de sal. Depois de dez dias, ele foi prometido a sua libertação. Dez dias depois, quando Nader Afouri não tinha sido liberado, ele renovou a greve de fome por mais uma semana. Novamente, o Vice-Presidente Administrativo de Nablus Prisão prometeu libertá-lo. Quando ainda não havia nenhuma ação após 25 dias, Nader Afouri anunciou outra greve de fome. Eu fui enviado para as células da prisão Ramle após 22 dias da greve de fome. Dr. Silvan, o diretor de lá, trouxe vários soldados com ele. Bateram-me na cabeça. Passei entre a vida ea morte. Eles acorrentado minhas mãos e forçou um tubo no meu nariz. Foi como um choque elétrico. Eu comecei a tremer. Fiquei histérica quando a comida chegou a minha garganta e começou a gritar constantemente. Eles me deram uma

injeção no quadril e eu relaxei. Quando essa tortura não me faça falar, fui colocado no hospital da prisão de Ramle e então enviado de volta para Nablus Prisão. Cada vez que a confissão foi extraído de um outro prisioneiro incriminatórias dele, Nader Afouri seria chamado para interrogatório. Muitas vezes ele nem sabia que as pessoas que falaram contra ele. Mas ainda assim ele não confessar, nem ele foi levado a julgamento.
Nader Afouri era muito respeitado em Nablus e se tornou um líder dos prisioneiros. Quando Abu Ard, um informante, acusado de liderar os outros presos, Nader Afouri foi enviado para a prisão Tulkarm. Em sua chegada a Tulkarem, ele foi espancado no rosto pelo Major Sofer e jogado em uma cela com trinta e cinco outros prisioneiros. Nader Afouri tinha o suficiente. Quando o Major Sofer posteriormente contactados Nader para acertá-lo novamente, Nader Afouri Sofer perfurado através das grades da porta da cela. Quando o diretor da prisão depois golpeou-o, Nader Afouri pegou um cinzeiro e bateu o Diretor sobre a cabeça. O exército foi chamado. Afouri Nader descreveu as conseqüências: "Quinze soldados vieram e me bateu na cabeça com uma cadeira. Eu caí inconsciente. Eles colocaram a minha camisa na minha boca e bateu-me mais. Fiquei histérica como eu estava engasgando. Eles me deram uma injeção e eu caí inconsciente. Acordei sozinho no corredor. Eu não podia ver.
Todos Prisão Tulkarm entraram em greve e os presos se reuniram com o diretor de falar sobre mim. Ele prometeu que iria me liberar no dia seguinte se eles pararam a greve. O diretor veio no dia seguinte e apertou minha mão e disse: ". Juro por minha vida que você é um homem" Trouxeram-me meias e um casaco e me prometeu uma visita privada com minha família. Nader Afouri não foi liberado. Ao contrário, ele foi enviado para a prisão Bet Il da qual ele foi finalmente lançado em 1971. Seus quatro anos de prisão sem julgamento e foram detenção administrativa rotulados. Apenas alguns meses antes de decorrido Afouri Nader foi detido novamente. Sua segunda prisão durou de 1971 até 1972 e um terço de novembro de 1972 até 1973. A Prisão Quarta: novembro 1973 - novembro 1976: "Hebron, Moscobiya, Ramallah e Nablus: Eu fiquei três meses em uma célula em cada um destes quatro prisões e interrogatórios e tortura continuaram. "Estava nevando durante o interrogatório em Hebron. Despiram-me e colocar-me fora no frio. Amarraram-me com correntes a uma estaca e despejou água gelada em cima de mim. Eles me decepcionou e trouxe-me a um fogo para aquecer apenas para me trazer de fora outra vez para o tratamento de água gelada. "Bolas de ferro foram colocadas em meu escroto e apertou contra os testículos. A dor só me envolvia. "Um dos pesquisadores, Abu Haroun, disse que iria virar a cara em um de bulldog. Ele era científica. Ele bateu em mim com socos rápidos de duas horas. Então ele trouxe uma pequena e disse: "Olhe para seu rosto." Eu realmente parece um buldogue.
"Em Nablus, que me queimou com cigarros e novamente pressionado as bolas

de metal contra os meus testículos, apertando o ovo contra o ferro. Eles usaram um alicate para tirar quatro dos meus dentes.
"Fui detido três anos na área administrativa. Durante esse tempo como um ato de vingança, eles também dinamitaram minha casa. " A prisão Quinto: novembro de 1978 - 1980: "Eles me prenderam novamente em novembro de 1978 e enviou-me directamente para Hebron. Eles me saudaram, ironicamente, declarando: "Nós vos farão confessar a partir do seu imbecil." Eu disse a eles que eu falo da minha boca não, meu rabo. "No início, eles falaram muito bem para mim porque sabia que a tortura não iria funcionar. Então trouxeram os homens encarregados do interrogatório: Uri, Abu Haroun, Joni, o psiquiatra, Abu Nimer, que tem um dedo faltando, Abu Ali Mikha e Dr. Jims.
"Eles me algemado a um poste e concentraram suas batidas no meu peito. Eles me deito no chão e pulou alto no ar aterragem no meu peito. Uri fez isso sete ou oito vezes. Foi selvagem, interminável tortura durante sete dias. Eles esmagaram os seus saltos de arranque em minhas unhas, quebrar meus dedos. "Estava nevando assim que derramou água gelada em mim. Eles me entregou um papel e me deu duas horas para confessar. Eu disse que não sabia de nada. Eles me algemado a uma cadeira. Todos eles começaram a me bater com as mãos e pés. Eu caí. Minha cabeça estava no chão. Eu vi Uri voar através do ar e senti o seu golpe de karatê na minha cabeça. Esta foi a última lembrança que eu tinha há dois anos. "Foi-me dito que eu era arrastado de volta para a cela. Os outros prisioneiros tinham de me alimentar, limpar-me e transformar-me. Eu estava incontinente e cagou em mim. Eu não podia mover as mãos ou caminhar. Eu não podia ouvir. Eu não conseguia reconhecer ninguém. Só conseguia mexer os meus lábios e eu engolir tudo foi colocado em minha boca. As pessoas tinham que mover a cabeça. Eles tinham que mover meus membros debaixo do meu corpo. Meu peso caiu para £ 103 [47 quilos]. "Dois anos depois, acordei em um hospital psiquiátrico. Eu tinha cinco fraturas na minha cintura e eu não podia andar. "Seus amigos eram capazes de despertar o interesse público em todo Israel e os Territórios Ocupados. Autoridades israelenses e jornalistas escreveram que Nader Afouni estava "fingindo" e que ele era um excelente "ator".
Mas os prisioneiros que haviam tomado conta dele e os jornalistas e simpatizantes que o visitou quando ele foi finalmente transferido da prisão para um hospital, bem como o pessoal do hospital que, eventualmente, o tratou, deu testemunho de sua condição. Nader Afouni tornou uma causa célebre para o povo palestino, um símbolo do castigo infligido sobre eles e da dimensão heróica de sua resistência.

O caso do Dr. Shuaiby Azmi

Azmi Shuaiby, um dentista, era um membro ativo da Câmara Municipal de El Bireh na Cisjordânia, e um representante eleito para o Comitê Nacional de

Orientação. Desde 1973, o Dr. Shuaiby foi preso, brutalmente torturado e preso sete vezes. Entre 1980 e 1986, ele foi proibido de sair dos limites de El Bireh, e foi confinado à sua casa depois de seis horas Em 1986, ele foi novamente preso e depois deportado da Cisjordânia. [143] Ele nunca foi acusado de acções armadas ou de promover a violência. Mas o Dr. Shuaiby recusa exigências israelenses que colaborem. Ele tem escrito artigos contra a ocupação e assentamentos e em favor de um Estado palestino independente. Em 1973, quando foi preso com a idade de vinte anos, Azmi foi dito: "Fomos observando você. Você estava em sua primeira aula na Universidade. Nós podemos fazer de você um homem muito rico e poderoso na Cisjordânia. Você deve cooperar connosco e se juntar ao grupo Village. "Após a sua recusa, a série de detenções e tortura selvagem começou. Dr. Shuaiby descreveu os métodos de tortura, tanto física como psicológica a que foi submetido. Eles usaram bastões pesados. Eles colocaram minhas pernas entre as pernas da cadeira para que eu não podia me mover. Em seguida, eles bateram as solas dos meus pés. Meus pés incharam. Depois de um minuto que eu não sentia mais minhas pernas. A dor era insuportável. Eu era incapaz de se levantar. Eles estariam atrás de mim. Eu não poderia dizer se alguém estava lá. De repente, o interrogador bateu as mãos sobre os ouvidos com muita força. Ele causou a pressão súbita terrível no meu nariz, boca e ouvidos - um alto e estridente que se prolongou por cinco minutos. Eu perdi o equilíbrio e audição. Eles usaram um guarda gigante para socar-me constantemente. Ele disse: "Você é um dentista? Que mão que você usa? Se quebrar sua mão, você não será mais um dentista. "Então, ele batia em minha mão, até senti-lo quebrar. Amarraram minhas mãos atrás das costas e suspendeu-me em um gancho. Eles espalhar minhas pernas e me bater nos testículos com varas. Em seguida, eles apertaram os meus testículos. Eu não posso descrever a agonia produzida espremendo os testículos. Você se sente pontadas no estômago, em todos os seus nervos. Você quer desmaiar. Eles me puseram fora no inverno, nua e totalmente exposta, com as mãos algemadas suspensão dos ganchos. Eu estava pendurado desta forma de onze horas da noite até pouco antes do nascer do sol. Então eu estava retornado para o meu celular. Eles tinham colocar água no chão celular para que eu não conseguia dormir.

Eles me disseram que eu deve colaborar com elas e que quando eu fiz devo dizer nem a Cruz Vermelha nem ninguém que eu estava trabalhando para eles. Eu respondi: "OK, vou dizer-lhes que você disse que eu não contar a ninguém que você quer que eu trabalhe para você." Recusei-me a colaborar. Bateram-me infinitamente ". Em 1980, os israelenses introduziu novas técnicas. Dr. Shuaiby designa esses métodos "tortura psicológica", ele achou mais difícil de suportar do que o tormento físico. "Seu cérebro é afetado."

Dr. Azmi Shuaiby foi submetido à provação: o isolamento: "Ninguém tinha permissão para falar comigo, nem mesmo os soldados. A célula foi de 4,5 metros por 5,5 metros e 9 metros de altura [1,5 por 1,8 m por 3m]. Em um

canto havia um buraco fétido usado como banheiro. Houve apenas uma pequena janela perto do chão. Eu nunca conseguia ver o céu. A luz foi descoberto no dia e de noite. Eu não tinha nada para ler. Não ouvi vozes. O alimento foi colocado no canto ea porta se abriu muito ligeiramente. Eu tinha que se esforçar para alcançá-lo pedaço por pedaço. "O fundamento consistiu de uma tampa plástica menos de um centímetro [1 cm.] De espessura. Era sempre molhado. Depois de uma semana eu tinha permissão para sair por alguns minutos para o ar a cama. Nenhum soldado foi autorizado a falar comigo.

"Para manter minha sanidade Eu colecionava pequenos pedaços de casca de laranja e formas feitas com eles. Eu pergunto-me perguntas e depois respondê-las. Eu também puxou fios do cobertor e malha-los juntos. " O armário: "Eu estava sepultado há quatro dias e noites, espremidos em uma dobrada mas a posição do pé em um armário de 20 polegadas por 20 polegadas [50 cm. por 50cm.]. Estava muito escuro. Um saco imundo tinha sido amarrado na cabeça. Minhas mãos estavam algemadas atrás das costas com algemas especiais. Se eu me mudei minhas mãos de forma alguma as algemas automaticamente apertado. Eu era incapaz de se mover no armário. Tive que dormir em pé. Eu dormi um minuto de cada vez, despertar abruptamente, convencido de que eu estava sufocando "interrogadores". O interrogatório e tortura foram realizadas por uma equipe. Todos os oficiais e comandantes, os seus nomes Gadi, Edi, Saini, Yacob e Dany. A sala de interrogatório é o seu reino, ninguém pode entrar. "Durante a invasão israelense de 1982 no Líbano, a equipe de interrogatório foi enviado para o Líbano e uma nova equipe trouxe para as prisões da Cisjordânia. A 'nova equipe consistiu de ex-torturadores. Um homem tinha sido um interrogador dez anos antes, agora ele era um empresário. "Capitão Dany voltou do Líbano durante a minha prisão. Capitão Dany é um homem muito alto, bonito de 35 anos. Ele é muito bruto, sempre gritando "Fuck sua irmã, foda-se a sua mãe. 'Ele forçaria a boca aberta e cuspiu nele. Em 1973, ele tentou forçar uma garrafa no meu ânus. Quando ele me viu em seu retorno do Líbano, ele disse: 'Oh, Azmi é aqui', e começou a me dizer sobre as crianças pequenas em Ansar. "Eu crianças interrogar 10, 11 e 12", começou ele, dando-me as contas de seus golpes. "Dr. Azmi Shuaiby foi preso três vezes em 1982. Entre 7 de dezembro de 1981 e 16 de janeiro de 1982, ele foi mantido em isolamento durante a greve geral na Cisjordânia eo encerramento da Universidade Bir Zeit. De 1 de Abril a 3 de maio, quando os israelenses se separou da Cisjordânia Câmaras Municipais, Azmi foi colocado no "armário" e depois em isolamento. Ele foi mantido em isolamento durante a invasão israelense do Líbano.

Recentemente, eles me disseram: "Nós destruiremos sua clínica pela prisão de todos os meses alternados. Nosso computador vai determinar quando você está programado para ser preso novamente. "Em 1986, o Dr. Azmi Shuaiby foi

deportado.

O caso de Mohammed Manasrah

Mohammed Manasrah era um ativista sindical, secretário da Universidade de Belém Estudante Senado e atualmente é escritor e jornalista. Ele foi preso três vezes para um total de quatro anos e meio e depois colocado em liberdade condicional por dois anos adicionais. Sua tortura durante o interrogatório foi implacável, resultando em disfunção sexual e perda auditiva. Ele também sofreu numerosas detenções breves adicionais, bem como a prisão domiciliária e restrições cidade. [144] A primeira prisão: "Fiquei 19 anos de idade em 1969 quando fui preso pela primeira vez. Eu fui levado com um grupo de pessoas e realizados no Moscobyia [Complexo Russo de Jerusalém] por seis meses, onde fui interrogado sobre as manifestações, as publicações e organizações. "Moscobiya foi bárbaro. Eles levaram nossas roupas e cobertas de nossos olhos. Eles nossas mãos algemadas e dez de nós acorrentados em uma fileira. Nós estávamos nus. Eles jogaram água sobre nós. Em seguida, eles bateram-nos por sua vez, usando paus, sobre nossas cabeças e em nossos órgãos sexuais. Eles alternam jogando água em nós e batendo-nos em nossos órgãos sexuais. Queremos ouvi-los enchendo os baldes e cinta-nos, mas não importa como nós tentamos, nós nunca poderíamos nos preparar para o espancamento. "Meu amigo, Bashir al Kharya, um advogado, está na prisão desde 1969. Eles bateram com a cabeça pesada varas por três dias. Sua cabeça ficou verde de mofo e estava infectado com a bactéria por cinco anos. Ele ainda é mantida em Tulkarm Prisão ". A segunda prisão: "Em 1971, as autoridades acusaram-me de adesão em ambas as FPLP (Frente Popular para a Libertação da Palestina) e grupo [Yasser Arafat na OLP] Fatah ainda que não poderia ser um membro de ambas as organizações. "Os serviços de segurança desprovido de qualquer prova, mas eles me deram a opção de ser acusado de associação em uma organização ilegal e ser condenado à prisão ou que se deslocam voluntariamente para Amã [Jordan]. Eu lhes disse que preferia estar preso por um tempo de vida do que ser exilado. Eu confessei a participação no Conselho de Estudantes Unidos, o conselho de todas as organizações estudantis que tinha sido declarada ilegal. Eu era então preso por um ano em Ramallah e Nablus prisões. " A prisão Terceira: "Em 1975, eles invadiram a minha casa no campo de Dheisheh e confiscou todos os meus livros. Eles me trouxeram a Bassa Esquadra, onde me bater por dois dias. Eles não fez perguntas. Um interrogador estava na minha frente e outro atrás de mim. De repente, um atrás do que bater palmas com muita força em ambos os meus ouvidos. O sangue corria de minhas orelhas e boca. Eu sofri uma lesão cerebral. Um prisioneiro, a quem eles estavam tentando amedrontar, desmaiou quando o trouxeram para onde eu estava sendo torturado. "Eles me preso por três anos. Eu era realizada em Hebron, Ramallah, novamente em Hebron, Farguna,

Beersheba, novamente em Hebron e em seguida, novamente em Beersheba. Eles me transfeririam para 'razões de segurança ", como punição após greve de fome."

Tortura na prisão de Hebron:

Manasrah Mohammed foi levado para Hebron e torturado de diversas maneiras: Amarraram-me de cabeça para baixo e bater-me incessantemente sobre os pés com um pedaço de madeira. Você não pode imaginar o quanto eles me bateu. Meus pés incharam a um tamanho enorme e ficou azul. Eu sangrei sob a pele. Eles me tiraram da minha roupa e me penduraram pelas cadeias com as minhas mãos sobre minha cabeça e meus pés mal tocando o chão. Bateram-me constantemente nos pés, sempre concentrado em meus pés. Às vezes, eles me deixaram para baixo e colocar meus pés em uma bacia de imundo, fedendo a água fria. Isso contribuiria para aliviar a dor. Então, eles me enforcar-se novamente. Eu tinha que dormir acorrentado, com as minhas mãos sobre minha cabeça. Isso durou 14 dias.
Maisara Abul Hamdia estava comigo. Para cada golpe que recebi, ele tem dois. Maisara seria pendurado quando entrei na sala de tortura. Então Maisara iria me encontrar pendurado, quando ele foi levado à sala de tortura. [Maisara foi posteriormente deportado para a Jordânia.] Após 14 dias, gostaria de perder a consciência constantemente. Eu fui colocado na cela n º 5. Era 5 pés 3 polegadas por 2 pés e 5 pés e 6 polegadas de altura [160cm. por 60cm. por 168 centímetros.]. Era tão alto como eu sou de altura e seu comprimento era tal que eu tive que colocar meus pés na parede quando eu me deitar.
O som que eu já ouvi foi que uma das chaves. Eu fiquei apavorado quando ouvi aquele som. Eu não sei exatamente quanto tempo eu estava lá. Era algo entre cinco dias e uma semana. Eu fui espancado durante toda a noite quando me transferiram de Cell # 5 a Cell # 4. Eles usaram varas de largura e bateu-me na cabeça e órgãos sexuais. Eles puxaram o meu cabelo e bati minha cabeça na parede. Eu tenho um problema permanente com meus órgãos sexuais e teve muitos raios-X tirados da minha cabeça e os órgãos sexuais.
Fui levado para o tribunal militar no início da manhã e fez a esperar o dia todo. Mas não houve sessão. Em vez disso, Abu Ghazal, o interrogador famoso, veio. Ele agarrou meus cabelos e me levou ao redor da sala, esmagando-me contra a parede. Meu cabelo foi puxado para fora. Ele ameaçou me mandar para Sarafand ou "Akka" [uma prisão secreta usada em 1974 e 1975], se eu não confessasse num prazo de dois dias. Fui colocado em uma cela e dormiu o tempo todo. Eu não sabia se era dia ou noite, dois dias ou dez anos. Eu ainda sinto frio quando me lembro deste período. Tenho arrepios nas pernas.
Depois de dois dias, dez soldados correram em minha cela e começou a me bater. Eles me arrastaram pelo chão da sala de tortura. Disseram-me que os meus amigos e companheiros confessou. Eu disse: "Traga-os para mim." Eu

sabia que esses eram mentiras. Eles trouxeram dois tipos de pessoas para mim, para me fazer confessar: gentil, as pessoas fracas que não podiam suportar ver como eu estava sendo torturado e "asafir" [espiões]. Agora, eles iniciaram outros métodos - ". Confessar", alternando entre batidas e falar macio, na esperança de que eu iria rachar e eles me acusaram de ser um membro da FPLP, do Fatah e do Partido Comunista. Eles mudam de acusação, mas uma coisa permaneceu constante: depois de cada acusação, eles me batiam selvaticamente. Eles trouxeram dois Majors me ver que me ensinou durante seis horas - sobre crimes da União Soviética contra os judeus e opressão da China das suas minorias nacionais. Eles me acusaram de ser comunista porque encontraram livros sobre o marxismo em minha casa. Eu lhes disse que não poderia haver paz aqui, sem auto-determinação do povo palestino. Eles me pediram para escrever isto e assiná-lo e eu fiz. Após 46 dias de interrogatório e de detenção que me enviou a um tribunal militar em Ramallah. Fui acusado de ter realizado acções contra as autoridades. Meu advogado, Ghozi Kfir, pediu para fins específicos. O tribunal respondeu: "Este é um revolucionário e um enganador." Antes da audiência, o advogado eo promotor tinha trabalhado para fora um negócio. Eu estava para ser liberado sem ônus, se eu não falar em tribunal sobre como eu era torturado. Mas o juiz ignorou o acordo e me condenou a cinco anos. Eu cumpriu três anos e foi colocado em liberdade condicional por dois.
Casa de Detenção e restrição Municipal: O Shin Bet assediado Mohammed Manasrah depois que ele foi libertado da prisão. Aproximaram-se todos os empregadores para quem trabalhou e disse-lhes para que o demita. Mohammed Manasrah perdeu quatro postos de trabalho antes de se tornar um líder sindical a tempo inteiro comércio. Em 7 de janeiro de 1982, Mohammed Manasrah foi obrigado a voltar de Belém para Wadi Fukin, a pequena aldeia do seu nascimento, localizada no interior da fronteira pré-1967. Ele foi colocado sob prisão domiciliar em Wadi Fukin por seis meses. Ele não tinha nenhuma renda e teve que depender da ajuda de seus vizinhos. As autoridades e os Village [colaboradores] League ameaçados Mohammed Manasrah, sua família e todos aqueles com quem ele entrou em contato. Sua casa foi invadida várias vezes, livros e documentos foram levados. Sua família foi impedida de viajar para a Cisjordânia. autorização de seu irmão trabalho foi removida. Sua cunhada, foi atacada pela Liga Village quando confundiu-la para esposa de Maomé. O Governador Militar ameaçou toda a família cujos filhos visitá-lo. Os jovens foram investigados. Três professores do ensino fundamental foram interrogados após as visitas. "Eles instalaram um cerco em torno de mim: econômico, social e psíquico." Mohammed Manasrah, a despeito da restrição municipal, voltou a Belém, onde, pelo menos, sua esposa estava apto para trabalhar. "Meu irmão e seu filho foram presos no fim de pressionar-me para voltar ao Wadi Fukin, mas permaneceram em Belém". Prisão domiciliária foi eventualmente transferido para Belém. "Eu não podia ficar em casa muito

tempo. Eu fui aqui e ali. Os soldados me agarrou e me levou para a prisão. "Em 01 de dezembro de 1982, uma nova ordem militar permitiu-lhe mover-se dentro das fronteiras municipais, mas ele não estava autorizado a trabalhar. Ele foi obrigado a comunicar ao Governador Militar a cada dia e permanecem lá até meio-dia. Depois de um ano, as restrições terminou. Menos de um mês depois, o Governador Militar ordenou uma restrição de seis meses ainda municipais. Prisão Novamente: Mohammed Manasrah entrou Bethlehem University em 1983 para estudar Sociologia. Ele logo foi eleito Secretário do Senado do Aluno. Em Novembro de 1983, ele e outros membros da organização estudantil foram presos depois de patrocinar uma exposição cultural palestino.

Tortura de jovens palestinos

Tortura é rotina aos jovens palestinos, sejam eles cidadãos ou residentes de Israel dos territórios ocupados. Himsam Safieh e Ziad Sbeh Ziad, da Galiléia, foram presos sob a acusação de levantar a bandeira da Palestina no primeiro aniversário do massacre de Sabra e Shatila. Seis meses depois, eles foram libertados, tendo sido absolvido quando não há provas contra eles podem ser produzidos e uma confissão não poderia ser extraído. No tribunal, o jovem falou sobre as torturas a que haviam sido submetidos durante a detenção. Eles foram pulverizadas com água fria e deixados nus em um quarto frio. Eles foram espancados em todo o corpo, incluindo seus órgãos genitais. Electric tortura foi utilizada. Ziad, com as mãos amarradas atrás das costas, foi jogado para trás e diante de um interrogador para a próxima. Ele foi espancado no rosto e no pescoço. Ele se recusou a assinar uma confissão. [145]
Mu'awyah Fah'd Qawasmi, filho do prefeito assassinado de Hebron, Fah'd Qawasmi, e seu primo, Usameh Fayez Qawasmi, estavam entre os 17 mil jovens palestinos detidos por Israel durante a recente insurreição na Cisjordânia e em Gaza. interrogadores israelenses jogaram água sobre eles, clipes ligado a fios elétricos ligados a seus pés e, em seguida, ligou a atual. Mu'awyah perdeu a consciência três vezes durante meia hora de tortura com choque elétrico. [146] Os advogados que defendem regularmente os acusados de "segurança" delitos por unanimidade declarar que a Justiça Militar em Israel e no pós-1967 Territórios Ocupados ", em conluio e conscientemente ocultar o uso de tortura pelos serviços de inteligência de Israel." [147] Caso o advogado de defesa contestam a validade da confissão ou apresentam evidências de tortura, uma "pequena tentação" ou "Zuta" [hebraico] ocorre. A promotoria produz o exército ou policial que tirou a confissão. Mas, como o advogado israelense, Lea Leah Tsemel, observa: "O gestor considera que a afirmação, na verdade, muitas vezes o compõe para o preso. Mas esse oficial não conduz o interrogatório ou executar a tortura. Daí ele pode afirmar que a confissão foi livremente aceite. "[148] Interrogadores e guardas raramente podem ser

identificados e levados a tribunal, porque eles usam nomes árabes assumiu como Abu Sami Abu Jamil e ou apelidos, como Jacky, Dany, Edi, Orli, etc Mesmo quando um prisioneiro consegue trazer seu torturador ao tribunal, não há nenhum resultado. Lea Leah Tsemel descreveu como, após um enorme esforço, no qual inúmeros obstáculos foram superados, o interrogador que torturaram o seu cliente foi trazido ao tribunal. "Ele só olhou para o réu e disse que nunca tinha visto antes em sua vida. Isso acabou com o assunto. " [149]

Wasfi O. Masri conseguiu ter cinco confissões declarada inadmissível - para o qual ele é muito admirado entre os advogados de Israel e da pós-1967 os Territórios Ocupados. Isso, no entanto, não garante a absolvição. Os cinco foram de "um total de milhares."

Detenções Casa e Restrições Cidade

Nos termos do Regulamento 109 do Regulamento de Emergência da Defesa, um governador militar pode forçar qualquer pessoa a viver em qualquer lugar que ele designa. Ele pode confinar as pessoas às suas casas ou cidades. Viagens e associação também pode ser restringido. Tais sanções são emitidos por seis meses, mas pode ser renovado várias vezes. Em alguns casos, as pessoas têm se restringido "até novo aviso." Aqueles colocado sob prisão domiciliar, restrições de cidade ou viajar são nem acusado formalmente nem apresentado a um tribunal de direito. O Governador Militar emite a ordem não tem a obrigação de especificar a natureza do delito. Embora a pessoa restrito tem o direito de trazer o seu caso antes de ambas as apelações um Comité Militar e da Suprema Corte israelense, que é raro para o Tribunal de Justiça para contestar qualquer decisão baseada em razões de "segurança" e difícil para as vítimas e seus advogados para preparar um caso. O Governador Militar não especificar os detalhes da acusação ou da evidência que a sustentam. Regulamento no 109 tem sido usado contra os palestinos em Israel, bem como do território ocupado desde 1967. Ela tem sido usada contra intelectuais, jornalistas, professores, artistas, advogados, sindicalistas, estudantes e personalidades políticas, muitas, mas nem por isso todos eles eram sinceros nas suas críticas às políticas de Israel e no apoio à auto-determinação para o povo palestino. Entre janeiro de 1980 e maio de 1982, a Anistia Internacional observou que 136 ordens de restrição foram emitidos, afetando 77 pessoas [150], 100 ordens de restrição foram emitidos em setembro de 1983 após os eventos em comemoração ao primeiro aniversário do massacre de Sabra e Shatila [151] e a política tem continuado até hoje.

Notas

135. Sunday Times de Londres, 19 de junho de 1977.

136. Ibid., P.18.
137. Ibid. (Também a citação para a estudos de caso acima).
138. Ibid. Por conta pessoal Rasmiya Odeh, ver também Soraya Antonius, "Prisioneiros da Palestina: uma
lista de mulheres Presos Políticos", Journal of Palestine Studies.
139. Lea Leah Tsemel, "presos políticos em Israel - Uma Visão Geral", Jerusalém, 16 nov 1982. Lea Leah Tsemel e Walid Fahoum ", Nafha é uma prisão política", 13 de maio de 1980, e uma série de relatórios (Maio de 1982-fevereiro 1983). Felicia Langer, com meus próprios olhos, (Londres: Ithaca Press, 1975). Felicia Langer, Estas são meus irmãos, (Londres: Imprensa Ithaca, 1979). Din Jamil Ala 'al-e Melli Lerman, os presos e as prisões de Israel, (Londres: Imprensa Ithaca, 1978). Walid Fahoum dois livros de histórias de caso, disponível em árabe. Lei Shehadeh Raja ocupante, é: Israel e Cisjordânia, (Washington DC: Instituto de Estudos para a Palestina de 1985). Advogados National Guild 1977 Delegação Médio Oriente, o tratamento dos palestinos na Cisjordânia ocupada por Israel e Gaza, (New York: 1978). A Anistia Internacional, "Report", 21 outubro de 1986. Ralph Schoenman e Mya Shone, prisioneiros de Israel: o tratamento dos prisioneiros palestinianos nas três jurisdições, (Princeton, NJ: Veritas Press, 1984) (preparado em uma forma abreviada para as Nações Unidas Conferência Internacional sobre a Questão da Palestina).
140. Grêmio Nacional de Advogados, p.103.
141. Estudo de Caso: Harb Ghassan, Ramallah. Sunday Times de Londres, p.19.
142. Estudo de Caso: Afouri Nader, Nablus. Schoenman e brilhou, pp.22-26.
143. Estudo de Caso: Dr. Shuaiby Azmi, El Bireh. Schoenman e brilhou, pp.30-32.
144. Estudo de Caso: Manasrah Mohammed, Belém. Schoenman e brilhou, pp.33-36.
145. Al Fajr-palestiniano de Jerusalém Weekly, 14 de março, 1984
146. Al Fajr-palestiniano de Jerusalém Weekly, 10 de janeiro de 1988.
147. Sunday Times de Londres, p.18.
148. Ibid.
149. Ibid.
150. Árabe-Americano Anti-Discriminação Comitê, O Ano Bitter: árabes sob a ocupação israelense em
1982, (Washington, DC: 1983), p.211.
151. Al Fajr-palestiniano de Jerusalém Weekly.

11.Prisões

As prisões israelenses são prisões de natureza essencialmente política. Eles contêm principalmente palestinos suspeitos, acusados e, por vezes - com base em confissões forçadas - "condenados" por realizar, a cumplicidade ou a planear actos de resistência, seja pacífica ou armada. Embora as estatísticas da população carcerária total não estão disponíveis, o número de presos em presídios de segurança máxima que estão cumprindo sentenças de longo prazo consistente gira em torno de 3000, trinta mulheres palestinas são presos em Neve Tertza, não incluindo as mulheres trazidas do Líbano. Advogados estimam que, antes da recente revolta 20.000 palestinos foram presos em cada ano.
Dentro das fronteiras pré-1967, há dez prisões, incluindo Kfar Yona, Ramle Prisão Central, Shattah, Damun, Ma'siyahu Mahaneh, Beer Sheva, Tel Mond (para jovens), Nafha, Ashkelon e Tertza Neve. Nove prisões estão localizados no pós-1967 os Territórios Ocupados: Gaza, Nablus, Ramallah, Belém, Fara'a, Jericó, Tulkarem, Hebron e Jerusalém.
Existem centros de detenção regional na Yagur (Jalameh) e Atlit perto de Haifa, Abu Kabir, em Tel Aviv e Moscobiya (Complexo Russo) em Jerusalém.
Além disso, a sede da polícia em Haifa, Acre, Jerusalém, Tel Aviv, as delegacias dezoito anos em todo o estado e os postos policiais quarenta nos territórios ocupados são utilizadas para deter suspeitos para interrogatório e tortura. [152] Instalações militares em todo o país também servem como centros de interrogatório e tortura. Presos concordam que o mais selvagem deles é ha Armon Avadon conhecido como o "Palácio do Inferno" e "Palace of the End". Ele está localizado na Mahaneh Tzerffin perto Sarafand. Por último, os campos de detenção, com tendas para abrigar apenas foram erguidas para manter o grande número de prisioneiros palestinos trouxe do Líbano durante a invasão de 1982, bem como os jovens presos durante a resistência à corrente. Megiddo, Ansar II (em Gaza) e Dhariyah tornaram-se centros de detenção notório por suas condições desumanas e na rotina diária de tortura.

Distinção no tratamento

As diferenças entre as prisões de palestinos dentro do pós-1967 e os territórios ocupados em Israel antes de 1967, ou seja, dentro da "Linha Verde", não são grandes. Ashkelon prisão, prisão Nafha, a ala principal da prisão de Beersheba e da ala especial da prisão Ramle, quando foi localizado dentro de Israel pré-1967, são grandes centros de detenção para os palestinos desde o pós-1967 os Territórios Ocupados da Cisjordânia e de Gaza. Damun e Tel Mond são utilizados para a juventude palestina. A localização física dos presídios tem

pouca influência sobre as condições. autoridades penitenciárias israelenses mantêm rigorosa separação entre as pessoas detidas sob acusação de crime e os condenados por "crimes contra a segurança", que são presos políticos. Como apenas um pequeno número de judeus qualificar como prisioneiros políticos e apenas um pequeno número de palestinos, particularmente dos territórios ocupados, são os criminosos, essa separação implica a segregação de facto entre os prisioneiros judeus e palestinos detidos. Nem contato nem comunicação é permitida. Eles estão tanto no prisões separadas ou as diferentes alas da mesma instituição.
Distinções são feitas também entre os prisioneiros palestinos dos territórios ocupados depois de 1967 e "árabe-israelense" internos, que são palestinos e drusos que residem em Israel antes de 1967 e mantendo a cidadania israelense. Condições de prisão para os prisioneiros da Cisjordânia e de Gaza são muitas vezes piores do que os de antes de 1967 "israelense" presos. Alguns, mas não todos, os prisioneiros de Israel pré-1967 são permitidas uma cama ou um colchão. Aproximadamente 70% desses prisioneiros israelenses apreciar este "privilégio". Eles também podem receber uma visita a cada duas semanas e enviar duas cartas por mês. São permitidos três cobertores no verão e cinco no inverno. Presos desde o pós-1967 Territórios Ocupados dormir no chão durante o verão e inverno. Eles dispõem de um tapete de borracha quarto de uma polegada [0,5 cm]. Espessura, uma visita e um cartão-postal de um mês.
Considerando que o espaço vital médio por preso nas prisões europeias e americanas é 112,5 metros quadrados [10.5m2], nas prisões para os palestinos da Cisjordânia e de Gaza, é um décimo dessa área ou l6 metros quadrados [1.5m2] por prisioneiro. A burocracia prisão é a lei em si. Ao entrar neste domínio, o cidadão perde todos os direitos. Ele ou ela fica sujeito à autoridade arbitrárias exercido por pessoas selecionadas por sua dureza. O decreto da prisão (revista em 1971) tem 114 cláusulas. Não há nenhuma cláusula ou sub-cláusula que define os direitos de prisioneiros. A portaria prevê um conjunto de regras juridicamente vinculativas para o Ministro do Interior, mas o próprio ministro formula essas regras por decreto administrativo. Não há nenhuma disposição que estipula as obrigações que incumbem às autoridades, nem existe qualquer cláusula que garante presos um padrão mínimo de vida. Em Israel, é legalmente admissível para internar vinte detentos em uma cela não mais de 15 pés [5m.] De comprimento, 12 pés [4m.] De largura e 9 pés [3m.] Elevado. Este espaço inclui um banheiro aberto. Presos podem ser confinados por tempo indeterminado a essas células por 23 horas por dia.

O Relatório Kutler

Uma extensa investigação sobre as condições físicas das prisões localizadas

dentro de Israel pré-1967 foi publicada no Ha'aretz em 1978 pelo jornalista israelense Yair Kutler. Yair Kutler chamado a prisão perpétua em Israel "inferno na terra" e começou a descrever em detalhe cada prisão. [153] O seu relato é angustiante: Kfar Yona: nome Altos funcionários da prisão de Kfar Yona como "Kevar Yonah" (o túmulo de Yonah). É o centro de detenção que aterroriza todos que passam por suas portas. Os detentos têm chamado de "Meurat Petanim" ou "A Toca das Cobras". "A recepção que aguardava aqueles detido até o julgamento não é assustador." Células são extremamente frio e húmido. Os colchões surrados, rasgados e sujos estão lotados. A maioria dos detentos não têm onde se encontram, mas o chão. O fedor esmagadora dos humanos excreção de suor e sujeira nunca desvanece-se a partir de células fechadas e trancadas. Em 'D' asa existem três quartos em que doze, dezoito e vinte detentos estão amontoados. Prisão Central de Ramle: Ramle é uma das mais duras prisões em Israel. É uma antiga esquadra da polícia britânica que foi usado como um estábulo para cavalos. Ele está superlotado e fedorento, cheio de setecentos presos. Muitos presos não têm uma cama, um pequeno canto ou até mesmo de alguns metros quadrados para si próprios. Freqüentemente cem homens devem deitar no chão. Há 21 celas de isolamento ('X) em Ramle. A luz do sol jamais penetra nas células do isolamento, que estão completamente fechadas. Uma lâmpada pendurada emite luz durante todo o dia.

Além das celas de isolamento, Ramle tem uma série de calabouços. São 6 metros de comprimento, 3 metros de largura e 6 metros de 2m de altura [. por 80cm. por 2m.]. Eles são escuros, sujos e emite um fedor terrível. Não há janelas ou lâmpadas, uma pequena abertura na porta deixa entrar um pouco da luz do corredor. Antes que um prisioneiro é colocado na célula calabouço ele é despida e dado um rasgado, magro como um todo. Uma vez por dia ele pode ser solto para usar o banheiro, caso contrário, ele deve conter-se durante todo o dia e noite. Ele pode urinar através de uma malha de arame na porta. O prisioneiro é permitido nem uma caminhada diária ou um chuveiro. Freqüentemente há espancamentos. O modo favorecidas é o "método geral". Alguns protetores cobrir a cabeça do prisioneiro e bateu nele até que ele cai inconsciente.

A fim de evitar o isolamento de um prisioneiro deve saber como levar uma vida de total submissão e auto-humilhação. Damun: Vida em Damun é "inferno na terra". "As condições de vida são vergonhosas e causar repulsa em todos os visitantes que vem a este lugar abandonado por Deus." Os edifícios absorvem a umidade e frio. Cinco cobertores não seria suficiente para manter aquecido. "Muitos estão doentes e são mais desesperado." A ala jovem do Damun tem condições ainda piores. A superlotação é tão terrível que os jovens só podem esticar as pernas durante duas horas a cada quinze dias e neste intervalo é muitas vezes ignorado. Shattah: superlotação é terrível Shattah. O mau cheiro é sentido a uma distância muito ... As células são escuro, úmido e frio. O ar é

sufocante. No Verão, durante o período de grande calor no vale de Beit Shean, a prisão é um inferno ardente. Sarafand: O "Palácio do Fim" é definido por detrás de uma cerca de arame de alta visto por todos os turistas como eles dirigem na última secção da estrada de Jerusalém a Tel Aviv, mas cinco quilômetros do aeroporto Ben Gurion. Este é o perímetro da Sarafand que é de dez milhas quadradas e ordenança de Israel, o maior exército e depósito de suprimentos. É também o repositório do Fundo Nacional Judaico, que usa Sarafand para armazenar equipamentos para a construção de novos assentamentos em Israel pré-1967 eo pós-1967 os Territórios Ocupados. A relação inexorável entre a ocupação, povoamento, colonização e do sistema de tortura visitados sobre os palestinos se torna evidente. Sarafand - o centro de tortura - tem um significado histórico. Foi construída antes da Segunda Guerra Mundial e serviu como depósito de portaria principal para a Grã-Bretanha. Foi um dos campos mais notório para os detidos durante o levante palestino em 1936 contra o domínio britânico ea colonização sionista da terra. Os velhos edifícios do Mandato Britânico foram simplesmente tomado por autoridades israelenses, a sua função, inalterada, e utilizados para uma nova geração de palestinos detidos. O centro, conhecido por palestinos e judeus igualmente, durante a era britânica, como o "campo de concentração", foi mantido em caráter e uso.

Nafha - Um Presídio Político: os prisioneiros políticos palestinianos não ter recebido o estatuto de prisioneiros de guerra, campos de prisioneiros, mas são construídos por eles. Nafha é chamado de "prisão política" por seus habitantes. É no deserto, a oito quilômetros de Mitzoe e Ramon no meio do caminho entre Beersheba e Eilat. É uma área estéril com tempestades terríveis. Areia penetra tudo. As noites são muito frias e calor durante o dia é insuportável. Serpentes e escorpiões percorrem as células.

Uma célula típica é de 18 metros por 9 metros [6m. por 3m.]. Há dez colchões no chão e nenhum outro espaço. Uma casa de banho primitiva ocupa uma esquina. Acima do banheiro é um chuveiro. Enquanto um preso usa o banheiro, os outros devem lavar-se ou os seus pratos. Em uma sala como esta, dez prisioneiros gastam 23 horas por dia. Uma meia hora por dia todos os presos devem caminhar em um pátio de concreto pequena de 15 pés por 45 pés [5m. por 15m.] Muitos presos estão doentes, sofrendo os efeitos das condições das prisões repetidas torturas e brutal vida. [154]

Prática diária nas prisões israelitas

Presos políticos freqüentemente declarado que as condições nos centros de detenção e prisões em Israel pré-1967 eo pós-1967 Territórios Ocupados são projetados para destruí-los tanto física quanto psiquicamente. Espancamentos: Em todas as prisões em Israel pré-1967 e os prisioneiros são espancados Territórios Ocupados. Em Ramle, este é realizado nas masmorras ou "celas de

isolamento": Um número de guardas de ataque do prisioneiro e bateu nele com seus punhos, botas e clubes feitos de enxada cabos de madeira, que são mantidos em um armário adjacente às células calabouço.
Na prisão Damun, batendo é feito mais primitiva. Ele é realizado em público no pátio. Os guardas mais brutais estão a cargo do "Post". Este é o veículo de transporte de prisioneiros, que faz três viagens semanais a partir do centro de detenção de Abu Kabir Shattah para a prisão. Ele pára em todas as prisões em Israel, exceto Ashkelon e Beersheba. Cada viagem do "Post" resulta em espancamentos. Dada a qualquer pretexto, os guardas Post levar a vítima descer do veículo nas estações próximas Post e "vencê-lo além do reconhecimento". Isolamento: não é considerada como punição nos termos da lei.
Na realidade, poucas pessoas podem sobreviver vários meses nas células 3 pés [1 m] de 8 pés [2,5 milhões.] De 23 horas por dia. No entanto, nenhum prisioneiro que tenha feito qualquer tentativa verbal para preservar o auto-respeito tem evitado períodos em celas de isolamento. Trabalho: O trabalho na prisão é o trabalho forçado. É organizado como "um meio para perseguir a vida dos prisioneiros". [155] Os presos políticos são deliberadamente atribuído produção de botas para o exército israelense, redes de camuflagem, etc. Aqueles que se recusam são negados tais "privilégios" como o dinheiro para a cantina, o tempo fora das células, livros ou jornais e materiais de escrita.

Alguns são punidos com o isolamento.

O salário médio para este trabalho é $ 0,05 por hora. O trabalho forçado é implantado para maximizar o estresse físico e emocional. É também um meio de exploração.
Alimentação: Nutrição nas prisões é deficiente e os orçamentos dos alimentos são mínimas. Atribuído carne, legumes e frutas são freqüentemente seqüestrados pela equipe. Ovos, leite e tomate fresco são classificados como prisioneiros de luxo. Tratamento médico: Em 1975, um prisioneiro na prisão Damun cortou os pulsos e pernas. companheiras chamou o guarda. Uma delegação de três guardas chegaram. A ordem médica abriu a cela e pegou o prisioneiro e sem dizer uma palavra batido o rosto do homem repetidamente. O prisioneiro caiu no chão, o trabalhador médico chutou incessantemente.
Presos são presos em edifícios inadequados. Eles sofrem no verão de calor desgastante. No inverno, a umidade penetra "no osso". Na prisão Ramle durante o inverno, um terço da população prisional sofre de inchaço das mãos e dos pés devido ao frio severo. O único medicamento disponível é a vaselina, mas mesmo que raramente é permitido.
Detentos que cumprirem penas de mais de poucos meses sair da prisão com deficiência permanente. As condições de iluminação são tão pobres que os presos sofrem com a deterioração da visão. doenças renais e úlceras têm uma

incidência entre os presos cinco vezes maior que da população em geral. Asafir: Desde 1977, os presos relataram que a tortura também é administrado por um pequeno grupo de colaboradores em cada prisão, alguns dos quais não são prisioneiros reais, mas informantes colocam como tal. Se presos que colaboram ou informantes insinuou para dentro da prisão, o processo foi institucionalizado. Em cada centro de prisão e detenção, salas especiais são reservadas para os colaboradores, que são conhecidos como "asafir" ou "aves canoras". Comum entre os "asafir" são criminosos violentos selecionados por sua ferocidade. Os outros são seleccionados de entre os detidos sob a acusação política, apesar de não terem um passado político. Os últimos são permitidos privilégios de acordo com os serviços que executa.

Não casos isolados

Embora grande parte é feita de pretensões democráticas e humanistas de Israel, as provas apresentadas aqui, assim como a evidência acumulada em todos os estudos de colonização sionista e do Estado na Palestina, desnuda essa fachada. Os casos individuais examinados aqui não são isoladas nem são o resultado de circunstâncias extraordinárias. Os casos citados não difere fundamentalmente dos outros. Os torturadores não são aberrantes policiais indivíduo que saia da mão. Eles são membros de todos os sectores da polícia israelita e as divisões de segurança que operam na linha do dever. Violência é a norma para lidar com os palestinos, sejam eles agricultores, tendo a sua produção para o mercado ou jovens atirando pedras, os cidadãos palestinos de Israel antes de 1967 ou residentes palestinos dos territórios ocupados em 1967 e depois. A tortura é uma parte fundamental do sistema jurídico, a coação é o caminho para a confissão ea confissão é fundamental para a condenação.
O tratamento dos prisioneiros não muda com o partido no poder. Se o Primeiro-Ministro Menachem Begin, categorizado palestinos como "duas bestas pernas", a brutalidade sistemática imposta ao detento Palestina é tão grave sob os governos do Trabalho Alinhamento. Como o ex-primeiro-ministro David Ben Gurion disse: "O regime militar existe para defender o direito de assentamento judaico em toda parte". [156]

NOTAS

152. Din Jamil Ala 'al-e Melli Lerman, p.3.
153. Estudo de caso: O Relatório Kutler. Ibid., Pp.34-45.
154. Lea Leah Tsemel e Fahoum Walid, relatórios sobre Prison Nafha, maio de 1982-fevereiro de 1983.
Citado em Schoenman e brilhou, pp.47-54.
155. Jamil al Ala '-Din e Melli Lerman, p.26.

156. David Ben Gurion, Divray ha Knesset, Parlamento Record # 36, p.217. Citado em Bober, p.138.

Topo da página

Última actualização em 2001/04/08

12.Estrategia para conquistar

Em 1982, enquanto os preparativos estavam sendo concluídos antecipadamente para a invasão do Líbano eo massacre de palestinos nos campos ao redor de Beirute, Sidon e Tiro, um notável documento foi publicado no Kivunim (sentidos), a revista do Departamento de Informação do Mundo Organização Sionista. Seu autor, Oded Yinon, era anteriormente ligado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e reflete a pensar em alto nível entre os militares israelenses ea comunidade de inteligência. Este artigo, uma estratégia para Israel em 1980, apresenta ainda um calendário para Israel para se tornar a potência imperial regional baseado na dissolução dos estados árabes. Ao discutir a vulnerabilidade dos regimes corruptos do Oriente Médio, Yinon inadvertidamente expõe a medida plena da sua traição das necessidades da população e sua incapacidade de se defender ou de seu povo contra a dominação imperial.

Dividir para conquistar

Yinon revive a idéia do ex-ministro das Relações Exteriores do Trabalho Abba Eban que o Oriente árabe é um "mosaico" de divergência étnica. A forma de governo, portanto, adequadas para a região é o sistema Millet do Império Otomano, no qual portaria foi baseada funcionários locais que preside discretas comunidades étnicas. "Este mundo, com suas minorias étnicas, suas facções e crises internas, o que é espantosamente auto-destrutivo, como podemos ver no Líbano, no Irã não-árabe e agora também na Síria, é incapaz de enfrentar com sucesso os seus problemas fundamentais. "[157] Yinon alega que a nação árabe é uma casca frágil, à espera de ser quebrado em vários fragmentos. Israel deve seguir com as políticas que tem seguido desde o início do sionismo, que procuram os agentes locais entre facções e grupos comunitários que vai afirmar-se contra outras comunidades como a mando de Israel.
Este será sempre viável, argumenta Yinon, porque: O mundo árabe muçulmano é construído como uma casa temporária de cartas, reunidas por estrangeiros (França e Grã-Bretanha na década de 1920), sem os desejos e anseios dos seus habitantes tenham sido tidos em conta . Ele foi arbitrariamente dividido em dezenove estados, todos feitos de combinações de minorias e grupos étnicos que são hostis uns aos outros, de modo que cada estado árabe muçulmano enfrenta uma destruição social étnica a partir de dentro, e em alguns uma guerra civil já está em fúria. [158]
[A maioria dos árabes, 118 milhões dos 170 milhões, hoje, vivem na África, principalmente no Egito (45 milhões).] A estratégia do "novo" dos anos oitenta é o velho lema de imperial de dividir para reinar, que depende para o seu sucesso sobre a garantia dos sátrapas corrupto para fazer a licitação de uma

ordem imperial aspirantes. Neste mundo gigante e fraturou existem alguns grupos ricos e uma massa enorme de pessoas pobres. A maioria dos árabes têm uma renda média anual de US $ 300. O Líbano é dilacerado e sua economia está caindo aos pedaços, não há poder centralizado, mas apenas cinco de facto autoridades soberanas. [159]

Dissolução do Líbano

Líbano foi o modelo, preparado para o seu papel, os israelenses para 30 anos, como os diários Sharett revelado. É a compulsão expansionista estabelecidos pela Herzl e Ben Gurion, mesmo porque é a extensão lógica dos diários Sharett. A dissolução do Líbano foi proposto em 1919, planejada em 1936, lançado em 1954 e realizado em 1982. A dissolução total do Líbano em cinco províncias serve como um precedente para todo o mundo árabe como Egito, Síria, Iraque e na Península Arábica e é já a seguir essa pista. A subsequente dissolução da Síria e do Iraque em étnica ou religiosamente áreas diferentes, como no Líbano, é o alvo prioritário para Israel no front Leste a longo prazo. A dissolução do poder militar destes países serve como o principal alvo de curto prazo. [160]

A fragmentação da Síria

"A Síria vai desmoronar, de acordo com sua estrutura étnica e religiosa, em diversos estados, como no dia de hoje no Líbano, de modo que haverá um estado xiita Alawi ao longo da costa, um estado sunita na área de Aleppo, outro sunita estado em Damasco, hostil ao seu vizinho do norte e os drusos, que criará um estado, talvez até mesmo no nosso Golã [as Colinas de Golã foram ocupadas por Israel em 1967], e certamente em Hauran e no norte da Jordânia. Este estado de coisas será a garantia para a paz ea segurança na região a longo prazo, e que o objectivo já está ao nosso alcance hoje. "[161] Cada estado árabe é examinada com vista a avaliar como ela pode ser desmontada. Sempre que grupos minoritários religiosos estão presentes no exército, Yinon vê oportunidade. Síria é apontada a este respeito.
"O exército da Síria é maioritariamente sunita, com um corpo de oficiais Alawi, o exército iraquiano xiita com sunita comandantes. Isso tem grande importância no longo prazo, e é por isso que não será possível manter a lealdade do exército para um longo tempo. "[162] prossegue Yinon examinar como a" guerra civil ", que tinha sido infligida ao Líbano por meio de financiamento Major Saad Haddad, no Sul do Líbano e da Gemayel" Falange ao redor de Beirute, pode ser prorrogado para Síria. A Síria não é fundamentalmente diferente do Líbano, exceto no forte regime militar que governa. Mas a verdadeira guerra civil que existe hoje entre a maioria sunita ea xiita minoria dominante Alawi (uns meros 12% da população) testemunha

a severidade do problema interno. [163]

O ataque ao Irã

A insurreição revolucionária contra o xá do Irã - um dos principais clientes do imperialismo norte-americano, imposta por uma CIA golpe em 1953 - apareceu para abrir o caminho para a revolução em todo o Oriente Médio. Não só Israel e seu patrono EUA temem que o apelo para que os muçulmanos xiitas em toda a região - que tendiam a estar entre os pobres e desfavorecidos - mas o desafio de dominação dos EUA atingiu um acorde entre as massas de cada grupo étnico e nação. Este foi o plano de fundo para o desencadeamento de um ataque por parte do Iraque na província do sul do Irã, Khuzistan, onde a produção de petróleo e refinarias foram localizados. Como Yinon, israelenses e planejadores dos EUA calcula que desde o petróleo do Irão rica província era povoada pela minoria árabe do Irão, na província poderia ser destacado do Irão relativamente fácil. Um ataque por parte do Iraque era esperado para ser atendidos pela simpatia da minoria árabe de Khuzistan. O Irã é uma nação constituída por grupos étnicos: 15 milhões de persas (persa), 12 milhões de turcos, 6.000.000 árabes, 3 milhões de curdos, Baluchi, turquemeno e nacionalidades menores. Quase metade da população iraniana é composta por um grupo de língua persa ea outra metade de um grupo étnico turco. população da Turquia dispõe de um turco maioria sunita muçulmana (cerca de 50%) e dois grandes minorias, 12 milhões de xiitas Alawis e 6 milhões de curdos sunitas. No Afeganistão, há 5 milhões de xiitas, que constituem um terço da população. Em sunitas no Paquistão há 15 milhões de xiitas que ameaçam a existência desse estado. [L64] A suposição era de que o Irã também pode ser fragmentada, separando o óleo províncias produtoras através da invasão. Khomeini continuou as políticas do Xá de oprimir as minorias nacionais e da repressão infligido à minoria árabe pelo governador provincial de Khomeini, o almirante Madani, incentivado pela CIA e israelense Mossad para empurrar o regime iraquiano para invadir.
Tal como acontece com os outros regimes árabes do Oriente, a retórica de lado, as oligarquias militares e monarquias no poder estão disponíveis para o maior lance. Mas os trabalhadores de petróleo em Abadan e Ahwaz, as cidades de refino da província do Irã Khuzistan, eram altamente politizados. Eles foram a espinha dorsal da Frente Nacional, quando Mossadegh nacionalizou a Anglo-Iranian Oil Corporation, em 1952, eo Partido Comunista do Irão (Tudeh) teve uma forte presença entre os trabalhadores do petróleo. Foi a greve geral liderada pelos petroleiros, que foi decisivo para a revolução iraniana que derrubou o Xá, em 1979. invasão do Iraque pela culatra. A minoria árabe viu isso como um ataque à própria revolução. EUA e agora virou a política israelense de armar ambos os lados, tirando a guerra tanto quanto possível, evitando uma vitória iraniana. Yinon é clara sobre a estratégia. "Todo tipo de

confronto inter-árabe vai nos ajudar no curto prazo e encurtará o caminho para o objectivo mais importante de dividir o Iraque em denominações como na Síria e no Líbano." [165] Os Estados Unidos ea monarquia saudita (que também apoia a Síria com um subsídio de US $ 10 bilhões) coordenaram um bloqueio de armas do Irã e da oferta maciça de armas ao Iraque. Os regimes egípcio e jordaniano liderar o caminho em apoio ao Iraque. Entretanto, a União Soviética e os Estados Unidos a cada braço Iraque, a liderança soviética burocrática procura utilizar a sua influência sobre a regimes árabes a se posicionar para fazer esfera de influência acordos com os governantes dos EUA - em detrimento das massas árabes, que continuam a viver na pobreza.

Segmentação do Iraque

Yinon explicita os motivos de Israel em armar Khomeini, enquanto os braços dos Estados Unidos no Iraque:. "Iraque, rica em petróleo, por um lado e problemas internos, por outro, está garantido como candidato a alvo de Israel, a sua dissolução é ainda mais importante para nós do que da Síria. Iraque é mais forte que a Síria. No curto prazo é o poder iraquiano que constitui a maior ameaça para Israel. Uma guerra Irã-Iraque vai dividir o Iraque e provocar a sua queda em casa, mesmo antes que ele seja capaz de organizar uma luta em uma ampla frente contra nós. " [166] As preparações avançadas estão no lugar como os sionistas plano a fragmentação do Iraque em guerra civil. "As sementes do conflito interno ea guerra civil estão hoje, aparentemente, especialmente depois da subida ao poder de Khomeini no Irã, um líder que os xiitas no Iraque vêem como seu líder natural." [167] Na discussão sobre as fragilidades da sociedade árabe, sob os regimes actuais, Yinon, inadvertidamente, sublinha a medida em que a população é deixada de fora da equação de poder e de tomada de decisão, a natureza representativa dos regimes árabes, a sua vulnerabilidade e conseqüente a inutilidade de suas tentativas para se proteger de expansão sionista pela dependência dos EUA poder e influência. Quando tudo estiver dito e feito, todos eles estão sendo medidos para o mesmo destino.
O que está em questão não é se, mas quando: O Iraque é, mais uma vez, não é diferente na essência de seus vizinhos, embora a sua maioria é xiita ea minoria dominante, sunita. Sessenta e cinco por cento da população não tem voz na política, em que uma elite de vinte por cento detém o poder. Além disso, há uma grande minoria curda no norte do país, e se não fosse a força do regime no poder, o exército e as receitas do petróleo, o estado futuro do Iraque não seria diferente do que o Líbano no passado ou de Síria. [168] O plano para dissolver o Estado iraquiano não é algébrico. Israel traçou o número de pequenos Estados, onde estão a ser localizado e sobre os quais deve presidir. No Iraque, a divisão em províncias nas linhas étnico / religiosas como na Síria durante o período otomano é possível. Assim, três (ou mais)

países vão existir em torno das três cidades principais: Basra, Bagdá e Mossul, e áreas xiitas do sul vão se separar dos sunitas e curdos do norte. [169]

Israel tenta tirar o máximo proveito do impacto da pobreza e da conseqüente instabilidade dos regimes que deve controlar uma população alienada. Neste contexto, o desejo dos sionistas para desestabilizar os regimes árabes e fragmentar os seus países, embora não desejados para os Estados Unidos, encontra-se com cautela do Pentágono quanto ao timing e implementação. Existe o perigo constante que as guerras e divisões internas necessárias manipulada pelo sionismo e do imperialismo dos EUA para controlar a região pode desencadear uma revolta popular, como no Irã - e agora dentro da Cisjordânia e espectro Gaza.The de mudança revolucionária assombra tanto israelenses e governantes americanos. É uma perspectiva, também, que salienta a importância crucial de uma direção revolucionária que vai ver a luta até ao fim. As tentativas da OLP, por exemplo, para solicitar apoio dos regimes opressivos da região em vez de apelar diretamente para suas populações que sofrem levaram a OLP de um beco sem saída para o outro.

O padrão de liderança é condizente com as oportunidades perdidas. Descrevendo a opressão dispensado por regimes árabes para suas próprias minorias nacionais, Yinon observa: "Quando esta figura é adicionada ao econômico, vemos como em toda a região é construída como um castelo de cartas, incapaz de suportar os seus problemas graves". [170] Todos os países analisados revela, essencialmente, o mesmo conjunto de condições. "Todos os estados árabes do leste de Israel é despedaçada, quebrada e cheia de conflitos internos ainda maiores que os do Magrebe (Norte de África)." [171]

Double-Crossing Mubarak

O cinismo com que os sionistas discutir a ficção da sua preocupação pela "segurança" é mais transparente do que na avaliação Yinon do Egipto. O surgimento de Sadat, após a apreensão de Israel do Sinai, Cisjordânia, Gaza e Colinas de Golã, em 1967, apresentou aos Estados Unidos com a oportunidade de evitar que o estado árabe mais populoso de permanecer um obstáculo à expansão israelense e controle americano. A remoção do Egito, de oposição foi um golpe devastador, não apenas para o povo palestino, mas para toda a população árabe. O retorno do Egito, para um grau de dependência do imperialismo desconhecidos nos dias de Farouk foi profundamente impopular entre os egípcios.

Os Estados Unidos desde o Egito com quase US $ 3 bilhões em ajuda, empréstimos e subvenções disfarçadas - perdendo apenas para o próprio Israel - o que sublinha o papel do governo de Mubarak. No entanto, os padrões de vida despencar. Ao legitimar o Estado colonial de Israel, Sadat traiu não só o povo palestino, mas deixou a presa Oriente árabe para os projetos estabelecidos por Oded Yinon. O que emerge claramente da sua análise

estratégica é que, para o movimento sionista é tudo em um calendário, cada área marcada para a conquista ou reconquista e percebido como um alvo de oportunidade, aguardando apenas a relação adequada de forças e da cobertura da guerra. Egito, na sua actual política doméstica já é um cadáver, tanto mais se tivermos em conta a crescente abertura muçulmano-cristã. Quebrando o Egipto territorialmente em distintas regiões geográficas é o objectivo político de Israel nos anos Oitenta na sua frente ocidental. [172]
O retorno Sadat do Egito ao seu estatuto de neo-colonial sob Farouk foi recompensado pela recuperação do Sinai. Aos olhos de Israel, porém, não por muito tempo. Israel será forçado a agir, direta ou indiretamente, a fim de recuperar o controle sobre o Sinai, como uma reserva estratégica económica e energia para o longo prazo. O Egipto não constitui um problema estratégico-militar, devido aos seus conflitos internos, e poderia ser conduzido de volta à situação do pós-guerra de 1967, em nenhum dia mais de um. [173]
Yinon agora passa a aplicar o bisturi mesmo para o Egito com a qual ele já fatiados Líbano, Síria e Iraque: o Egito é dividido e espedaçado em muitos tipos de autoridade. Se desmorona o Egito, países como a Líbia, o Sudão ou mesmo os estados mais distantes não continuará a existir na sua forma actual e irá juntar-se a queda ea dissolução do Egito. A visão de um estado cristão copta no Alto Egito, ao lado de um número de estados fracos com um poder muito localizado e sem um governo centralizado é a chave para um desenvolvimento histórico que só foi estabelecido pelo acordo de paz, mas que parece inevitável, a longo prazo. [174] Camp David, então, foi uma manobra tática preparatória para a dissolução do Egipto e do Sudão: Sudão, o mais rasgado estado no mundo Árabe Muçulmano é construído em cima de quatro grupos hostis uns aos outros: um árabe muçulmano minoria sunita que as regras sobre uma maioria de africanos não-árabes, pagãos e cristãos. No Egito há uma maioria sunita muçulmana diante de uma grande minoria de cristãos que é dominante no Egipto superior: cerca de sete milhões deles. Eles querem um estado de próprias, alguma coisa como uma 'segunda' cristão do Líbano, no Egito. [175]
Foi no Egito, Gamal Abdel Nasser, que tinha derrotado o rei Farouk e galvanizou o mundo árabe, com sua visão de unidade árabe. Mas não era uma unidade baseada na luta revolucionária em toda a região, mas em uma federação ilusória entre regimes oligárquicos.

Amanhã os sauditas

Se o Egito de Nasser terminou, na visão de Israel, "rasgado" como o Líbano, por outro, a Arábia Saudita será muito mais vulneráveis, para os dias da monarquia são considerados numeradas. Toda a península Arábica é um candidato natural à dissolução devido às pressões internas e externas, eo assunto é inevitável, especialmente na Arábia Saudita. Todos os principados do

Golfo ea Arábia Saudita estão construídos sobre um frágil castelo de areia na qual existe apenas petróleo. No Kuwait, os kuwaitianos constituem apenas um quarto da população. No Bahrain, os xiitas são a maioria, mas estão desprovidos de poder. Nos Emirados Árabes Unidos, os xiitas são mais uma vez a maioria, mas os sunitas estão no poder. [176] Também não há muita dúvida de que como vai Saudita assim vai o Golfo: O mesmo é verdadeiro de Omã e Iêmen do Norte. Mesmo no marxista [sic] Iêmen do Sul há uma minoria xiita considerável. Na Arábia Saudita metade da população é estrangeira, egípcios e iemenitas, mas uma minoria saudita detém o poder. [177]

Despovoando Palestina

reservas Yinon seu mais implacável avaliação para os próprios palestinos. Ele é enfático em reconhecer que o povo palestino nunca ter abandonado o seu desejo e vontade de ser soberano em seu país. É toda a Palestina durante o qual o sionismo deve rule.Within Israel a distinção entre as áreas de '67 e os territórios para além deles, os de 48, sempre foi significado para os Árabes, e hoje já não tem qualquer significado para nós. [178] Não somente os palestinos devem ser expulsos da Cisjordânia e de Gaza, mas a partir da Galiléia, e Israel antes de 1967. Eles devem ser espalhados como estavam em 1948.
Dispersão da população é, portanto, um objectivo estratégico de primeira ordem, caso contrário, deixará de existir dentro de fronteiras. Judéia, Samaria e da Galiléia estão a nossa única garantia para a existência nacional, e se não nos tornamos a maioria nas zonas de montanha, não se decide no país e nós seremos como os Cruzados, que perdeu neste país que não era deles De qualquer forma, e em que eles eram estrangeiros, para começar. Reequilíbrio do país demograficamente, estrategicamente e economicamente é hoje o maior e mais central objectivo. [179] [Hoje, os palestinos sob o controle territorial israelense - que na Faixa de Gaza, a Cisjordânia ea colonização territorial pré-1967 - o número de aproximadamente 2,5 milhões de euros. Existem aproximadamente 5,4 milhões palestinos hoje. Mais da metade da população palestina são dispersas e espalhadas em uma diáspora em todo o mundo. Um número significativo dos países árabes do Oriente, onde também são submetidas a toda forma de perseguição e discriminação:. 37,8% na Síria, Jordânia e Líbano, e 17,5% em outros estados árabes] A questão que se coloca é como conseguir a expulsão do povo palestino sob controle israelense, principalmente como estratégia de toda Israel regional depende dele: [180] "Realizando os nossos objectivos na frente oriental depende em primeiro lugar, a realização deste objectivo estratégico interno.."

Jordan: O Curto Prazo

O método pelo qual este está a ser realizado exige uma operação delicada, que começa a explicar o estresse sionistas e americanos sobre a representação da Jordânia os palestinos. Jordânia constitui um objectivo estratégico imediato ea curto prazo mas não no longo prazo, pois não constitui uma ameaça real no longo prazo após a sua dissolução, a rescisão do Estado longa do rei Hussein ea transferência de poder para os palestinos no curto prazo. [Grifo nosso]. Não há nenhuma possibilidade que a Jordânia continuará a existir na sua actual estrutura por um longo tempo e da política de Israel, na guerra e na paz, deveria ser dirigida na liquidação da Jordânia, ao abrigo do presente regime ea transferência de poder para os palestinos maioria. [181] A terra deserta com poucos recursos, em grande parte dependente do dinheiro da Arábia Saudita e dos EUA e de protecção militar israelense, Hachemita da Jordânia Monarquia é quase soberano em tudo. Seu domínio sobre a maioria palestinos que habitam os campos, mesmo enquanto fazem o seu serviço civil, é draconiana. Os palestinos têm o direito de expressão política e quando deportados da Cisjordânia e de Gaza por Israel, eles são convocados diariamente pela polícia jordaniana que assediar e abusar delas. A retirada do regime de Hachemita deve ser acompanhada por aquilo que Jabotinsky, citando Hitler, em 1940, eufemisticamente chamou de "transferência de população". "Alterar o regime a leste do rio também fará o encerramento do problema dos territórios densamente povoada com os árabes ao oeste do Jordão [rio]. Seja na guerra ou em condições de paz, a emigração a partir dos territórios e congelamento demográfico e económico em si , são as garantias para a futura mudança em ambas as margens do rio, e devemos estar ativos a fim de acelerar esse processo em um futuro próximo. O plano de autonomia também deveria ser rejeitada, assim como qualquer compromisso ou divisão do territórios para ... não é possível continuar a viver neste país, na situação actual, sem separar as duas nações, os árabes para a Jordânia e os judeus para as zonas a oeste do rio [182]. Oded Yinon programa segue o padrão consagrado pelo tempo imperial de "dividir para reinar". Líbano, por exemplo, foi alvo em 1919. A cobertura da guerra tem sido um pré-requisito para a consumação da
destes regimes, quer no curto ou longo prazo. Neo-colonialismo continua a ser o método preferido do governo imperial, porque as ocupações do imperialismo espalhada, como Che Guevara conheceu.

Os sionistas, em particular, com uma população relativamente pequena e sua dependência total do imperialismo dos EUA, só pode aprovar o seu plano para o domínio de Israel através de regimes neo-colonial no Oriente árabe, e estes exigem o apoio de seu mestre imperial. Neste sentido, o plano Oded Yinon é a aplicação para o presente eo futuro próximo do projeto sionista perseguido por Herzl, Weizman, Jabotinsky, Ben Gurion, e, hoje, por Peres e Shamir. Aqueles que escolher entre eles, escolha oferecer palestinos de Hobson, para o debate político entre os centros sionistas governantes sobre os meios e de tempo de um projeto de conquista. Quando, por exemplo, Moshe Dayan tomou Gaza em

1956, Ben Gurion tornou-se irritado, informando Dayan, "eu não queria de Gaza, com as pessoas, mas sem que as pessoas de Gaza, da Galiléia, sem povo." Moshe Dayan, ele mesmo, disse aos jovens sionistas numa reunião em Colinas de Golã, em Julho de 1968. "Nossos pais tinham atingido as fronteiras reconhecidas no plano de partilha; dos Seis Dias Guerra geração conseguiu atingir Suez, Jordânia e as Colinas de Golã Este não é o fim Depois de apresentar as linhas de cessar-fogo, haverá nova.. queridos. Eles vão estender além do Jordão ... ao Líbano e à Síria central ... também. " [182] neo-colonialista, no entanto, depende, como Oded Yinon deixa claro, sobre a relação dialética entre o poder militar e as mãos contratado. A fragmentação dos estados árabes prosseguirá sob a cobertura da guerra - seja um ataque de blitzkrieg, a utilização de uma força armada ou proxy operações encobertas. O sucesso exige que os líderes locais que podem ser comprados ou seduzidos. Sionistas, por isso, deram-nos várias vezes, não só o seu "Mein Kampf", mas a evidência de que a preservação e ampliação de seu governo depende desencaminhadores entre os povos vítima. O "dividir para reinar" regimes do sionismo e seu patrono imperiais são intermináveis.
Se os palestinos e as massas árabes estão a suportar os planos de conquista, eles vão ter que remover a regimes corruptos que escambo aspiração popular. Eles terão de forjar uma direção revolucionária, que fala abertamente sobre o papel dos governos, é vocal sobre os planos sionistas, e que mostra determinação em levar a luta de toda a região.

Os quatro "nãos"

Yinon idéias não são estranhos. Elas são defendidas pelo ministro Sharon e Begin da Defesa, Moshe Arens, e também pelo Partido Trabalhista.
Y'ben Poret, um oficial do ranking do Ministério da Defesa de Israel, em 1982 ficou irritado pelas críticas piedoso da expansão dos assentamentos na Cisjordânia e em Gaza: "É", declarou ele, "é hora de rasgar o véu do hipocrisia. No presente, como no passado, não há sionismo, nenhum assentamento da terra, nenhum Estado judeu, sem a remoção de todos os árabes, sem confisco. " [183] A plataforma política de 1984 o Partido Trabalhista foi promovida em anúncios de página inteira nos dois principais jornais israelenses Haaretz e Maariv.
Os anúncios em destaque os "Quatro Nãos":
l Não para um Estado palestino
l Não há negociações com o P.L.O.
l Sem retorno às fronteiras de 1967
l Não há remoção de quaisquer assentamentos.
O anúncio defendeu um aumento no número de assentamentos na Cisjordânia e em Gaza, o seu financiamento e proteção integral. Em 1985, o presidente de Israel, Chaim Herzog, um líder do Partido Trabalhista, ecoou os sentimentos de

Sharon e Shamir enfatizada por Oded Yinon. Nós certamente não estamos dispostos a fazer os parceiros dos palestinos de forma alguma em uma terra que era sagrado para o nosso povo há milhares de anos. Não pode haver parcerias com os judeus desta terra. [184]
Tal como acontece com Camp David, mesmo um bantustão em partes da Cisjordânia e de Gaza, mas seria um prelúdio para a "dispersão" ao lado. Forçando a 2,5 milhões de palestinos na Jordânia é uma outra medida provisória, que a "Lebensraum" de Israel [famosa frase de Hitler, que significa "espaço vital"] não vai ser limitado pelo rio Jordão. Deve ficar claro, em qualquer situação futura constelação política ou militar, que a solução do problema dos árabes indígenas virá somente quando eles reconhecerem a existência de Israel dentro de fronteiras seguras até o rio Jordão e além dela [grifo nosso], como a nossa necessidade existencial nesta época difícil, na época nuclear que vamos em breve entrar. [185]

Transferência da população palestina

Yinon idéias foram também ecoou em uma história importante realizada pelo Washington Post em sua primeira página em 07 de fevereiro de 1988, sob a manchete "Expulsar os palestinos: não é uma idéia nova e não é só Kahane."
Dois jornalistas de Israel, Yossi Melman, correspondente diplomático do jornal israelense, Davar, e Dan Raviv, com sede em Londres correspondente da CBS News, revelou que apenas duas semanas após o fim da guerra de junho de 1967, segredo de reuniões do gabinete israelense foram convocados para discutir a "reinstalação dos árabes". As informações foram obtidas a partir de diários privados mantidos por Ya'acov Herzog, diretor-geral do gabinete do Primeiro-Ministro. A transcrição oficial da reunião, continua em segredo.
De acordo com o artigo do Post, o Primeiro-Ministro Menachem Begin recomendou a demolição dos campos de refugiados e à transferência dos palestinianos para o Sinai. Ministro das Finanças Pinhas Sapir ministro dos Negócios Estrangeiros e Abba Eban, tanto sionistas Trabalho, discordou. Eles pediram a transferência de todos os refugiados "para os países árabes vizinhos, sobretudo na Síria e no Iraque".
A reunião ministerial de 1967 não chegou a uma decisão.
"O sentimento parecia favorecer proposta Vice-Primeiro-Ministro Yigal Allon é que os palestinos ... deve ser transportado para o deserto do Sinai ", afirma o artigo do Post. Assim, o gabinete do Primeiro-Ministro, do Ministério da Defesa eo Exército conjuntamente criar uma "unidade secreta encarregada de" encorajador "a saída dos palestinos para terras estrangeiras". O plano secreto foi revelado por Ariel Sharon diante de uma platéia em Tel Aviv, em Novembro de 1987, quando ele revelou a existência de uma "organização" que há anos tinha transferido palestinos para outros países, incluindo o Paraguai, com Israel, cujo governo tinha feito os arranjos necessários.

Essas "transferências" eram tratados pelo escritório do governador militar israelense em Gaza. Quando um dos cessionários, Talal ibn-Dimassi, atacou o consulado israelense em Assunção, Paraguai, matando a secretária do cônsul, as complicações se seguiu: "O ataque do Paraguai pôs um fim abrupto para o plano secreto de Israel que o governo esperava que iria ajudar a resolver o problema dos palestinos por exportá-los ", afirma o artigo do Post.
Mais de um milhão de pessoas foram contempladas para a "transferência". Apenas 1.000 foram enviados para fora. Melman e Raviv enfatizar que a transferência dos palestinianos não é nova ", como as discussões de gabinete 1967 show". Eles afirmam que um esquema semelhante seria atraente para um número crescente de israelenses o •; como eles vêem a recente insurreição na Cisjordânia e em Gaza "

Uma opção muito tempo considerada

Os autores reconhecem que a remoção dos palestinos tem sido o foco central do planejamento sionista desde o início do movimento. Eles escrevem: Desde os primórdios do sionismo, o reassentamento tem sido uma opção para lidar com o problema colocado pela grande população árabe na terra histórica de Israel. Melman e Raviv recontagem de uma série de sistemas que foram projetados para efetuar a retirada do povo palestino. A margem oriental do rio Jordão [o estado de Jordan], foi contemplado, um regime indicado março 1988 em um anúncio de página inteira a republicação de um coluna de George Will, o que equivale a Jordânia com a Palestina. [185a] e os sionistas trabalhistas revisionistas eram unânimes quanto à necessidade de transferir os palestinos em outra parte. Vladimir Jabotinsky enumerava os vários esforços realizados desde a Primeira Guerra Mundial em uma carta escrita em novembro de 1939. Devemos instruir os judeus americanos para a mobilização de meio bilhão de dólares a fim de que o Iraque ea Arábia Saudita irá absorver os árabes palestinos. Não há escolha: os árabes devem dar espaço para os judeus em Eretz Israel. Se fosse possível transferir os povos bálticos, também é possível mover os árabes palestinos. Em 1947, os sionistas trabalhistas e revisionistas se uniram para a expulsão em massa de 800.000 palestinos. Em 1964, um jovem coronel israelense chamado Ariel Sharon instruiu sua equipe a determinar "o número de ônibus, vans e caminhões necessários em caso de guerra para o transporte ... os árabes para fora do norte de Israel."
Em 1967, os comandantes militares israelenses iniciaram o processo. Um general tratores enviados para demolir três vilarejos árabes perto de Latrun na estrada para Jerusalém, expulsando seus moradores.
Tal ordem de expulsão foi emitida para a cidade cisjordaniana de Qalqilya e depois cancelado.
Desde o início do levante, em dezembro de 1987, Michael Dekel do Likud assumiu o convite "para transferir os árabes", e Gideão Patt, um ministro do

governo do Partido Liberal, declarou que os palestinos devem ser colocados em caminhões e enviados para da fronteira. Melman e Raviv celebrar com o prognóstico seguinte: Mensagem de Kahane - expulsar os palestinos ou perder o controle de risco da terra de Israel continua a ser um potente. E na ausência de uma solução política para o problema palestiniano [sic], Israel pode ser empurrado para medidas desesperadas.

Um aviso por Sharon

É neste contexto que a declaração de Ariel Sharon, de 24 de marco de 1988, está a ser avaliado. Sharon afirmou que, se o levante palestino continuou, Israel teria de fazer guerra contra seus vizinhos árabes. A guerra, diz ele, daria "as circunstâncias" para a remoção de toda a população palestina a partir de dentro de Israel e da Cisjordânia e de Gaza. Que essas não são observações ociosas ou restrito a Sharon tornou-se clara quando Yossi Ben Aharon, diretor-geral do escritório do primeiro-ministro, declarou, em Los Angeles: Israel adquiriu uma reputação de não esperar até que um perigo potencial se torna real. Ben Aharon estava se referindo à aquisição pela Arábia Saudita de mísseis do bicho-da China destina-se a ameaça do Irão. A declaração israelense foi levado muito a sério pelos sauditas, o presidente Mubarak do Egipto e da administração Reagan, induzindo uma "intensa atividade diplomática". 23 de Março de 1988, relatórios de New York Times: A administração Reagan manifestou a sua preocupação de que Israel não realizar qualquer ataque preventivo contra mísseis chineses construído adquirido recentemente pela Arábia Saudita ... Israel não deu uma resposta definitiva aos apelos da Administração que se abstenha de atacar os mísseis sauditas. Os mísseis ... foram discutidos durante a visita do Sr. Samir a Washington na semana passada. Dentro de dois dias de instrução Ben Aharon, Hosni Mubarak, advertiu Israel que o Egito "reagiria a um ataque israelense em sites da Arábia Saudita novo míssil de médio alcance como 'firme e decisiva", como se fosse um ataque ao próprio Egito. " [185.oB] Esta declaração foi seguida por Mubarak com uma declaração segundo o que foi descrito como "um aprofundamento da crise". Mubarak disse aos repórteres que ele tomou um 'grave' vista de relatos de que Israel estaria considerando um ataque aéreo preventivo de destruir os mísseis .... "Esta é uma questão, grave grave. Um ataque de Israel ... iria explodir todo o processo de paz. Alerto contra qualquer ataque à Arábia Saudita que é um país fraterno e amigável. [L85b]
Estas respostas pública pelo presidente Mubarak indicam que a possibilidade de uma aventura de Israel, destinada a dar cobertura a expulsão dos palestinos e de fragmentar a Arábia Saudita, o pagador dos regimes árabes, não é um um ocioso. O momento da história de Washington Post de 7 de fevereiro, eu 988, poderá ser superior a fortuita. As autoridades israelenses não tenho resposta para a revolta do povo palestino que não seja a repressão intensificou-se.

Israel e U. Power S.

Se o povo palestiniano face a destruição de sua existência organizada por Israel, um fato deve ser ressaltado: o estado sionista nada mais é que a extensão do poder dos Estados Unidos na região. planos de extermínio de Israel, as ocupações ea expansão são em nome da principal potência imperialista do mundo. Quaisquer que sejam as divergências táticas que surgem de tempos em tempos entre Israel e os Estados Unidos, não há uma campanha sionista que pode se sustentar sem o apoio de seu patrocinador principal. O governo dos EUA entre 1949 e 1983, na condição de 92,2 bilhões dólares em ajuda militar, ajuda económica, empréstimos, doações especiais e deduzíveis "laços e presentes". [186] Como Joseph C. Duras, colocá-la na edição de 05 de agosto de 1982, do The Christian Science Monitor. Poucos países na história foram tão dependente de outro, como Israel está nos Estados Unidos. armas principais de Israel são provenientes dos Estados Unidos - quer como presentes ou empréstimos a longo prazo, a juros baixos, o que poucos seriamente esperar para ser reembolsado. A sobrevivência de Israel é subscrita e subvenções de Washington. Sem armas americanas, Israel perderia a vantagem quantitativa e qualitativa que o Presidente Reagan prometeu manter para eles. Sem a subvenção econômica, o crédito de Israel desapareceria e sua economia entraria em colapso. Em outras palavras, Israel só pode fazer o que Washington lhe permite fazer. Ele não ousa realizar uma única operação militar sem o consentimento tácito de Washington. Quando se assume uma ofensiva militar, o mundo assume, corretamente, que tem o consentimento tácito de Washington.

O estado de Israel não é coextensiva com os judeus como um povo. Sionismo, historicamente, tem sido uma ideologia minoria entre os judeus. Um estado é apenas um aparelho específico que reforça as relações económicas e sociais. É uma estrutura de poder e seu propósito é, no entanto guised, para coagir e impor obediência. Se, por exemplo, o estado de apartheid da África do Sul tinha território de três quintos ou menos dois terços a menos de pessoas sob seu controle, não seria nem um pouco menos injusto. Um Estado opressor é inaceitável se preside um selo ou um continente. O regime Namphy no Haiti não é menos repugnante devido ao tamanho relativamente pequeno do país ou da população em relação às quais as regras. Nossa atitude para com um Estado que explora e humilha seus súditos não está condicionada pela dimensão de seu alcance soberano. Sabemos que isso é verdade para o Paraguai de Stroessner ou a Bulgária Zhivkov é. Ele não é menos verdadeiro do estado sionista de Israel.Even se o estado de apartheid israelense estavam ancorados em um navio ao largo de Haifa, seria um ultraje. Como o Estado Sul-Africano, o Chile de Pinochet ou do estado na América (executado por 2% da população, que controlam 90% da riqueza nacional), devemo-lo sem fidelidade.

Sangue, suor e lágrimas

Quase cinqüenta anos atrás, um orador respondeu não à ocupação do seu país ou a liquidação de três quartos de suas vilas e aldeias. Ele não estava reagindo ao massacre, a prisão em massa, campos de detenção e tortura. Ele não condenam o roubo da terra e propriedade de todo um povo ou da sua transformação em refugiados noite pauperizadas existentes nos acampamentos, caçados e perseguidos onde quer que eles fugiram. Ele não denunciou um calvário de quarenta anos pontuada por implacável invasão de bombardeio, e ainda mais a dispersão. Ele respondeu a poucas semanas de bombardeios esporádicos, como ele declamou, memorável.
Não tenho nada para lhe oferecer além de sangue, lágrimas e suor. Você pergunta, "Qual é a nossa política?" Eu digo que é a guerra, por mar, terra e ar. Com todas as nossas forças e com toda a força que Deus pode nos dar para fazer a guerra contra uma tirania monstruosa, jamais superada no catálogo, obscuridade lamentável crime humano. Essa é a nossa política. Você pergunta, "Qual é o nosso objetivo?" Eu respondo com uma palavra - a vitória. Vitória a todo custo. A vitória, apesar de todo o terror. A vitória por mais longa e difícil o caminho possa ser. Porque sem vitória para nós, não há sobrevivência, que deixa de ser realizado, há sobrevivência. Tenho certeza de que nossa causa não estará sujeita ao fracasso, e eu me sinto autorizado a pedir a ajuda de todos.
E uma semana depois, ele declarou: Nós defenderemos nossa ilha, qualquer que seja o custo pode ser. Nós lutaremos nas praias. Nós lutaremos nos locais de desembarque. Nós lutaremos nos campos. Vamos lutar nas ruas. Nós devemos lutar nas colinas. Nós nunca nos render. E mesmo que eu não acredito por um momento, esta ilha foram subjugados e faminto, vamos continuar a luta. O que é que torna admissível para a cabeça do Raj, o Raj Imperial, Winston Churchill, para proferir tais sentimentos - mas os torna ilícitos para o povo palestino? Nada, mas o racismo endêmico que as cores da consciência em nossa sociedade. Winston Churchill foi um porta-voz beligerante do imperialismo britânico, nomeadamente na Palestina e no mundo árabe. Se Churchill pode ser permitido, demagogicamente, ao som de uma chamada para resistir à agressão e ataque, quanto mais se o povo palestino o direito de lutar para trás - para resistir à ocupação, a batalha pela sua sobrevivência e de justiça social.

Notas

157. Israel Shahak, trans. & Ed, O Plano Sionista para o Oriente (Belmont, Massachusetts: AAUG, 1982) Leste..
158. Ibid., P.5.

159. Ibid.
160. Ibid., P.9.
161. Ibid.
162. Ibid., P.5.
163. Ibid., P.4.
164. Ibid., P.5.
165. Ibid., P.9.
166. Ibid.
167. Ibid., P.4.
168. Ibid.
169. Ibid., P.9.
170. Ibid., P.5.
171. Ibid., P.4.
172. Ibid., P.8.
173. Ibid.
174. Ibid.
175. Ibid., P.4.
176. Ibid., P.4 & p.9.
177. Ibid., P.5.
178. Ibid., P.10.
179. Ibid.
180. Ibid., Pp.10-11.
181. Ibid., Pp.9-10.
182. Ibid., P.10.
182. Sunday Times de Londres, 25 de junho de 1969.
183. Espelho de Israel, em Londres.
184. Yossi Berlim, Meichuro Shel Ichud, 1985, p.14.
185. Shahak, o plano sionista.
185a. New York Times, 27 de marco de 1988.
185.oB. O Washington Post, 07 de fevereiro de 1988.
185c. Ibid.
185d. Ibid.
185e. Ibid.
185F. New York Times, 23 de marco de 1988.
185g. Los Angeles Times, 25 de março de 1988.
185h. Ibid.
186. Para uma discussão completa das relações financeiras entre os Estados Unidos e Israel vê Mohammed El Khawas & Samir Abed Rabbo, americano ajuda a Israel: Natureza e Impacto (Brattleboro, Vermont: Amana Books, 1984).

Topo da página
Última actualização em 2001/04/08

13. Estrategia para conquistar - Uma estratégia para a Revolução

Há mais de cinco milhões colonos de origem européia no sul da África. A população Afrikaaner e os de ascendência britânica ter vivido na África do Sul por muitas gerações. No entanto, muito poucas pessoas, muito menos aqueles que pretendem ser os defensores da auto-determinação para os negros na África do Sul, propõe dois Estados - um Estado europeu branco com garantia de segurança ao lado de um Estado desmilitarizado Africano. Na verdade, é precisamente a existência de tal acordo, na forma dos bantustões da África do Sul que tornou totalmente indefensável cobrir este para a preservação do Estado racista.

Da mesma forma, na Argélia colonial e nas regiões Norte e Rodésia do Sul, a grande população de colonos europeus - muitos deles descendentes de gerações de colonos - não foram concedidas um estatuto próprio, e muito menos um estado de colonos em terras usurpadas dos oprimidos. Pelo contrário, na África do Sul - como na Argélia, Zâmbia e Zimbabwe - entende-se que a autodeterminação de um povo colonizado não pode ser equiparado a um estado de colonos. É truque de prestidigitação para sugerir que, tendo despossuídos da população pela força, os assentados têm agora uma reclamação equivalente ao território conquistado. Se esta é universalmente entendido em outro lugar, porque esta excepcionalidade indecente quando se trata de Israel? Aqueles que desejam impor sobre o povo palestino a demanda que eles reconheçam um Estado de apartheid israelense sabe muito bem que os direitos nacionais dos povos colonizados não se estendem aos seus colonizadores. Em Israel, nada menos do que na África do Sul, mínimo de justiça exige o desmantelamento do estado de apartheid e sua substituição por uma Palestina democrática secular, onde a cidadania e os direitos não são determinadas por critérios étnicos.

Na realidade, os defensores da suposta direitos humanos palestinos que defendem a aceitação eo reconhecimento do Estado de Israel, no entanto dissimulada, na qualidade de advogados do Estado colonial na Palestina. Sua defesa traz a capa pseudo-esquerda da auto-determinação para "ambos" os povos, mas este trabalho capcioso do princípio da auto-determinação se traduz em uma chamada de anistia encoberta por Israel. Muitos chamados realistas argumentam que o reconhecimento palestino do "direito" de apartheid de Israel a existir apressará o dia em que um Estado palestino seria permitido pelos sionistas para vir a ser. Mas essa racionalização não convence muito. Os sionistas não dependem de aceitação verbal de seu estado, mas a força armada. Para os palestinos a aceitar, reconhecer e assim legitimar a conquista

assassino de sua terra seria apenas permitir que os sionistas afirmam que quarenta anos de intransigência da parte dos oprimidos somos responsáveis pelo seu sofrimento. Seria sanção a alegação de que Israel era um legítimo construir desde o início. Ao invés de agir como uma ponte para o estabelecimento de uma Palestina unitária, como alguns da OLP liderança sustentam hoje, a criação de um "mini-Estado" na Cisjordânia - e ao reconhecimento do estado sionista, que é uma pré-condição para a sua criação - que representaria um obstáculo gigante em seu caminho. Reconhecimento do Estado de Israel invalidaria retroativamente o direito de resistência dos oprimidos e daria para cobrir a demanda sionista que os palestinos só quem capitulou e sancionada Israel no passado, a aceitar a sua legitimidade, têm o direito de negociar com Israel. Quando você dança com o diabo, seu discurso revela a sua respiração. Qual dos palestinos que vivem dentro das fronteiras de 1967, e que dos próprios judeus? Será o fim do apartheid na África do Sul, ou o estado ser transformado por reconhecer o seu direito de existir? Será que servem os interesses do povo do Paraguai ou do Chile, ao aceitar as reivindicações de legitimidade de Stroessner e Pinochet, ou pelo fornecimento de sanção para os estados que têm construído?

Conferência Internacional da Paz

Apesar das respostas óbvias para todas essas perguntas, há, no entanto, um número crescente de pessoas que, hoje, estão empurrando ativamente para uma conferência internacional de paz sobre o Oriente Médio com o objetivo de estabelecer um palestino "mini-Estado" ao lado do israelense Estado. Em 10 de janeiro de 1988, por exemplo, Al-Fajr, um semanário de Jerusalém palestina, publicou uma declaração assinada por árabes e judeus proeminentes que apelou para "uma resolução pacífica do conflito israelo-palestiniano" que iria "garantir tanto a israelenses e palestinos nacional direitos ". Em uma entrevista com o serviço de imprensa da Reuters em 18 de janeiro, Hanna Siniora, editor da Al-Fajr, especificado como israelenses e palestinos "direitos nacionais" poderia ser assegurada a tal conferência de paz internacional. Siniora pediu "uma associação entre Israel, Jordânia e um Estado palestino como a dos países do Benelux - com um desmilitarizada Cisjordânia como o Luxemburgo". "Os palestinos, incluindo Arafat, iria aceitar a autonomia como um passo intermediário rumo à independência", disse Siniora. "A autonomia é uma etapa que levaria, eventualmente, para as negociações entre o Estado de Israel ea OLP, que termina em um estado palestino emergentes, como resultado dessas negociações." Siniora se reuniu com George Shultz, secretário de Estado em Washington, em 28 de janeiro para discutir este proposta. reunião de Siniora ocorreu poucos dias depois da OLP Presidente Yasser Arafat tinha anunciado que ele estava interessado em fazer um acordo com Israel e os Estados Unidos. Um despacho da Associated Press em 17 de

janeiro explicou aberturas de Arafat: "Arafat diz que se esses países [Israel e os Estados Unidos] concordam em uma conferência internacional sobre paz no Oriente Médio, ele vai reconhecer o direito de Israel a existir A Casa Branca diz que isso pode. ser um sinal encorajador ... "

Um Estado palestino "Picanha"

George Ball, que serviu como subsecretário de Estado sob a administração Kennedy e Johnson, explicou como os Estados Unidos e Israel deve se aproximar de uma conferência internacional de paz. artigo Ball, que é chamado à paz em Israel depende do estado para os palestinos, afirma o seguinte:

preocupações de segurança de Israel poderia ser largamente atingido por escrito rigorosas, as salvaguardas aplicáveis em um tratado formal, negando o novo Estado [palestino] qualquer força armada própria e limitar o número e tipos de armas disponíveis para a sua polícia. Como salvaguarda adicional, o acordo pode exigir a instalação de postos de vigilância maiores e mais numerosas e mais eficazes do que aqueles que agora estão em funcionamento no Sinai ao abrigo de acordos de paz de Israel com o Egito. [186a] Bola explica que a criação do que ele admite abertamente que seria um "estado palestino garupa na Cisjordânia" é uma questão de urgência. "Se os Estados Unidos não procuram seriamente a aproximar as partes", adverte Ball ", a guerra ... no Holyland vai se espalhar e intensificar Cedo ou tarde, os estados árabes vizinhos. - Até mesmo o Egito - será arrastada para o . voragem voragem "A" "que este porta-voz do imperialismo tão fortemente medos é a emancipação das massas árabes da região do Estado colonial de Israel, desde os sheiks feudal do Golfo e da Península Arábica, e do regime egípcio, que reduziu os trabalhadores e camponeses do Egito, para um nível de pobreza ainda desconhecido sob o rei Farouk.

Uma conferência internacional destinada a legitimar os interesses de segurança do apartheid de Israel em troca de um palestino "bantustão" nunca pode ser viável, excepto se uma liderança palestina se a fornecer este plano com coloração protetora. Tal resultado será apenas mão ao P.L.O. a árdua tarefa de policiar o povo palestino e de conversão de auto-determinação em outra réplica triste dos regimes de vende-pátria que afligem as massas árabes - a partir de Jordânia e Síria e do Egito até o Golfo.

Foi apenas há alguns anos que não nacionalista palestino ousaria associar a si própria com um esforço tão flagrante a trair os longos anos de luta pela autodeterminação palestina e emancipação, muito menos traduzir a causa palestina em um fundamento para um papel em preservar o status quo na região - com a sua pobreza opressiva e implacável exploração e subordinação aos EUA o controle imperialista.

Aqueles que argumentam que é prático para propor uma solução de dois Estados, porque este plano é mais provável que seja aceite são culpados, a

decência de lado, do que C. Wright Mills chamava "realismo maluco".
Nunca houve qualquer componente do movimento sionista - a partir de seu "direito" nominal ao seu auto-designado de "esquerda" - que tenha aceite um Estado palestino, sob qualquer forma compatível com a auto-determinação. Um exemplo revelador dos perigos para a revolução palestina de um "mini-estado" A proposta vem da caneta de Jerome M. Segal, pesquisador da Universidade de Maryland e um dos fundadores do Comitê Judaico para a paz israelo-palestiniano. Segal, que representa a ala "esquerda" do movimento sionista, escreve o seguinte em uma Los Angeles 16 de fevereiro de 1988, artigo do Times, intitulado Um Estado palestino serve os interesses dos israelenses, também: Ironicamente, de todas as alternativas de um Estado palestino independente na Cisjordânia e em Gaza é a solução que melhor serve a segurança de Israel ...
Um Estado palestino seria a maior satisfação possível das demandas do nacionalismo palestino ... Ele iria ganhar o apoio da P.L.O. e é provavelmente a única base sobre a qual o P.L.O. formalmente renunciar ao direito de retornar à terra e aldeias perdidas em 1948. Reconhecido como a encarnação da causa palestina, apenas a OLP pode comprometer, em nome dos palestinos ... Um Estado palestino seria um mini-Estado desmilitarizado. Seria completamente fechado por Israel de um lado ea Jordânia do outro. Não suprimentos militares ou forças poderia alcançá-lo sem passar por Israel ou da Jordânia. A política externa de tal um mini-estado seria dominado por suas ligações com a economia israelense e suas realidades de segurança nacional. No caso de uma guerra, a sua própria existência estaria em perigo ... Israel não seria seriamente ameaçada se o início das hostilidades ...
Para Israel, um Estado palestino não é uma perspectiva encantadora. Ele é simplesmente melhor do que as alternativas. Segal chamada para o que equivale a um "estado palestino garupa na Cisjordânia" é uma paródia de autodeterminação palestina. Na verdade, longe de estar disposto a ceder o controle da Cisjordânia e de Gaza, os sionistas - como Ben Gurion, Dayan e Oded Yinon deixar claro - estão muito ocupados tramando a conquista do Kuwait. O dia em que os direitos Africano ou palestinos estão garantidos com a sanção do apartheid na África do Sul ou por Israel sionista sob controle dos EUA será no dia aprendemos que Calígula era um discípulo de Jesus, Hitler abraçou Marx, e Bull Conner, olhos revirados para o Céu, cantavam: "Venceremos".
Enquanto isso, os torturados, os moribundos, os oprimidos não podem pagar as suas fantasias de "prática" amigos reformista, o preço dessas ilusões é pago em sangue. O "estado palestino garupa" da visão de George Ball vai ser operado para os privilegiados nas costas dos pobres palestinos. Os líderes palestinos que abraçam esta entidade inventada - modelado nos exemplos inspiradores dos emirados dependente do Golfo e os bantustões da África do Sul - será o Chiang Kai-sheks, Tshombes, eo rei Hussein de sofrimento

Palestina. Os direitos do povo palestino não pode ser avançado neste sentido.

Por uma Palestina democrática e secular

Em 1968, 20 anos após o Estado colonial de Israel foi criado, o movimento de resistência palestino formulou o seu pedido de auto-determinação no convite para a substituição do Estado de Israel com um Estado independente, a Palestina unitário. A ala majoritária da Organização de Libertação da Palestina, Fatah, estabelecido o programa para a criação de um "democrático, na Palestina secular". Este slogan chamado para o desmantelamento do Estado sionista de Israel eo estabelecimento de um novo estado na Palestina, em que judeus, cristãos e árabes que vivem em pé de igualdade, sem discriminação.
O que era notável sobre esta proposta que foi corajoso (1), rejeitou categoricamente qualquer tipo de alojamento com ou reconhecimento do estado sionista, e (2) que rejeitou a proposta de uma "mini-estado" palestino na Cisjordânia e em Gaza. P.L.O. Presidente Yasser Arafat descreveu sua proposta da seguinte forma em uma biografia notável, escrito pelo jornalista Alan Hart: "Nós estávamos dizendo" não "para o estado sionista, mas nós estávamos dizendo" sim "para o povo judeu da Palestina. Para eles, nós estávamos dizendo: "Você está convidado a viver na nossa terra, mas com uma condição - Você deve estar preparado para viver entre nós como iguais, não como dominadores."
Eu mesmo sempre disse que só há uma garantia para a segurança do povo judeu na Palestina e que é a amizade dos árabes com quem vivem. [187] Um documento apresentado pela organização de Arafat, o Fatah para o Segundo Congresso Mundial sobre a Palestina em setembro de 1970 enuncia o perfil de uma Palestina democrática e secular ainda mais claramente. O documento afirma Fatah 1970: Pré-1948 Palestina - tal como definido durante o mandato britânico - é o território a ser libertado ... Deve ser óbvio neste momento que a nova Palestina discutido aqui não é a Cisjordânia ou a Faixa de Gaza ou de ambos. São áreas ocupadas pelos israelenses desde junho de 1967. A pátria dos palestinos usurparam e colonizada em 1948 não é menos caro ou importante do que a parte ocupada em 1967.
Além disso, a própria existência do estado opressor racista de Israel, baseado na expulsão eo exílio forçado de uma parte dos seus cidadãos, mesmo de uma pequena aldeia, é inaceitável para a revolução. Qualquer acordo que hospedará o estado de colonos agressor é inaceitável e temporárias ...
Todos os judeus, muçulmanos e cristãos que vivem na Palestina ou forçosamente exilados de que terá o direito de cidadania palestina ... Isto significa que todos os palestinos judeus - contra os israelenses atuais - têm os mesmos direitos desde que, é claro, que eles rejeitam o chauvinismo racista sionista e concordo plenamente a viver como os palestinos na Palestina novo ... É a crença da revolução que a maioria dos judeus israelenses presentes irão

mudar suas atitudes e se inscrever na nova Palestina, especialmente depois que o estado da economia máquina oligárquica, ea instituição militar são destruídos. [188]

Papel da burocracia soviética

A burocracia soviética reagiu fortemente à tentativa de transformar o Fatah da OLP em um movimento revolucionário, com um programa e uma estratégia que visa mobilizar as massas e ganhar-los para uma transformação revolucionária de um regime de colonos.
De acordo com Alan Hart, cuja biografia de Arafat foi "escrito em colaboração com Yasser Arafat e os dirigentes de topo da OLP", os líderes soviéticos Arafat disse que eles estavam totalmente comprometidos com a existência do Estado de Israel e que eles não tinham o menor intenção de apoiar ou incentivar militância palestina ou a capacidade militar. "[189] Dois dos principais líderes do Fatah, Khalid al-Hassan e Khalil al Wazir (Abu Jihad), foi a Moscou para explicar o programa do Fatah. Saíram de Moscou, para citar Khalid al-Hassan, "com a nítida impressão de que os palestinos não receberia apoio soviético para a sua causa até que eles estavam prontos a aceitar a existência de Israel dentro das fronteiras como eram na véspera da [junho 1967] Guerra dos Seis Dias". [190]
"Porque nós estávamos nós a começar a ser educados sobre a realidade da política internacional", reflete Hani al-Hassan, o irmão de Khalid, "percebemos que não podíamos esperar para fazer avançar a nossa causa, sem o apoio de pelo menos uma das duas superpotências. Tivemos bateu à porta dos Estados Unidos e seus aliados ocidentais e que não tinha recebido qualquer resposta, por isso queria tentar com os soviéticos. Nós não tivemos nenhuma escolha. " [191]

Retiro a "mini-Estado" Posição

Os líderes do Fatah logo perdeu toda a confiança na possibilidade de sustentar o programa político que outrora proclamou - o de uma Palestina democrática e secular para o qual eles tinham planejado a luta pela mobilização das massas palestinas e judaicas. Em fevereiro de 1974, um P.L.O. documento de trabalho foi formulado, que recuou a partir deste programa. O documento propõe "Para estabelecer uma autoridade nacional em todas as terras que podem ser arrancadas a ocupação sionista". [192]
Arafat ea maioria dos seus colegas da Fatah estavam agora empenhados em trabalhar para uma solução negociada "acordo" que exigia que o povo palestino a aceitar a perda "de todos os tempos" de 70% da sua pátria original em troca de uma "mini-Estado" na da Cisjordânia e Gaza.
Arafat reconheceu abertamente que todo o povo palestino se opuseram a essa

política. Alan Hart escreve: Arafat ea maioria dos seus colegas mais velhos na liderança sabia que precisava de tempo para vendê-lo para as fileiras do movimento de libertação. Se, em 1974, Arafat e seus colegas admitiram abertamente a verdadeira extensão do compromisso que eles estavam preparados para fazer, eles teriam sido repudiada e rejeitada por uma maioria simples dos palestinos. [193] [grifo nosso]

Arafat era agora embarcou um curso em que ele não podia dizer a verdade a seu próprio povo sobre a linha política que ele e seus colegas tinham tomado. As palavras são de Yasser Arafat:

Nossa tragédia na época era que o mundo se recusou a entender que há dois aspectos, dois lados, para a questão do que era possível. Primeiro, houve a questão do que era possível para os palestinos a alcançar em termos práticos - dado o fato de que os dois [grifo nosso] superpotências estavam comprometidos com a existência de Israel ... Mas havia também a questão do que era possível para a liderança palestina para convencer seu povo a aceitar. Quando uma pessoa está reivindicando o retorno de 100% de suas terras, não é tão fácil para a liderança de dizer: "Não, você pode ter apenas 30%." [194]

A disparidade entre a postura pública e ao exercício privado tornou-se a pedra de toque da OLP prática política neste período, com uma considerável confusão e desmoralização entre as massas dele decorrentes. Arafat é franca sobre isto:

Você diz para mim e você está certo, que a nossa posição pública sobre o compromisso que estava disposta a fazer era ambígua durante muitos anos, quando éramos educar nosso povo sobre a necessidade de compromisso. Mas também devo dizer que nossa posição real sempre foi conhecido pelos governos do mundo, incluindo o governo de Israel. Como? A partir de 1974, mesmo a partir do final de 1973, alguns dos nossos foram oficialmente autorizado a manter contatos secretos com os israelenses e com pessoas importantes no Ocidente. Sua responsabilidade era dizer em segredo o que no momento em que não podia dizer em público. [195] [grifo nosso] Esta política clandestina foi realizado durante cinco anos, de 1974 a 1979, com o endosso nem consciência nem pelos membros eleitos do Conselho Nacional Palestino. É necessário manobras diplomáticas e lobbies.

É também necessário, para citar Alan Hart, "fora-de manobra e de enganar os [na" esquerda "da OLP] que se opunham ao" ministate ". Hart explica: "Se ele tivesse sido posto à prova real das negociações por Israel entre 1974 e 1979 ...[196]

Mas, induzindo a "esquerda" aquiescer provou ser como empurrar uma porta aberta. E no momento do Congresso Nacional Palestina 1979, George Habash e da Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP) teve aprovado o "mini-estado" do plano. Com efeito, em 1979, todos os componentes do P.L.O. adotou a chamada para uma "mini-Estado" na Cisjordânia e em Gaza. De 1974 em diante, todas as alas do P.L.O. demonstraram que eram incapazes de formular uma estratégia independente, revolucionária para a luta palestina.

Dirigindo-se à classe trabalhadora judaica

Como o documento Fatah 1970 observou corretamente, o futuro da luta do povo palestino é amarrado com uma estratégia política que se dirige aos judeus israelenses, e que convida-os a juntar-se com os palestinos na luta por uma Palestina democrática e secular. Na verdade, dentro do estado sionista, 68% da população de colonos é composta de judeus orientais (principalmente sefarditas). Eles vêm de países que são pobres, muitos deles, muitas vezes com regimes retrógrada. A grande massa de judeus orientais são pobres. Assim, os meios que são utilizados para mantê-los para baixo economicamente e politicamente, são os mesmos usados em qualquer gueto bairro, bairro de classe ou de trabalho nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar.

Os judeus orientais têm os mesmos direitos sob a lei israelense - em termos formais. Aqui está o problema: Em Israel, após o 9 º ano, há os encargos especiais que tornam o ensino médio muito caro. Isso significa, na prática, que apenas uma pequena porcentagem de judeus orientais ir para obter uma educação superior. Os judeus orientais compreendem 10% dos estudantes universitários e 3% dos graduados universitários. Isto resulta da exploração econômica. Sua representação política não reflete sua proporção na população. Os judeus orientais realizar apenas um sexto dos lugares no Parlamento Europeu [de Israel], o Knesset. Elie Eliachar, um destacado líder da comunidade oriental e um ex-membro do Knesset, explicou que mesmo que esta representação é nominal. Com efeito, os deputados Oriental representam "todos os Ashkenazi, os partidos políticos a que devem obediência única vez que a comunidade sefardita-oriental". "Isto", escreve ele, "faz com que a democracia israelense uma mera caricatura." [197]

Não deve, contudo, haver qualquer mal-entendido. Os judeus orientais são muito frequentemente sionista. Seria enganoso falar sobre eles, sem deixar claro que os israelenses, como todas as potências imperialistas e coloniais, têm usado a abordagem de dividir para reinar na sua movimentação. Os judeus orientais têm um estatuto muito sócio-econômica precária, em Israel. Eles são apenas um pouco melhor do que os próprios palestinos. Um judeu do Iraque, Marrocos, Yemen, ou, aliás, é um árabe de origens religiosas judaicas. Em mores, costume, maneira e aparência, eles são os seus irmãos muçulmanos e cristãos e irmãs. Eles também sofrem discriminação. Os sionistas continuamente tentativa de incutir o ódio racista dos judeus orientais para as massas palestinas.

Quando jovens judeus orientais são enviados para lutar no Líbano ou na Cisjordânia e em Gaza, seus olhos estão abertos para as políticas de guerra de Israel. Eles voltam para a posição miserável mesmo económica e social que eles suportaram antes de partirem. Isso foi o que levou nos últimos anos para o desenvolvimento de um movimento Panteras Negras nas favelas sefardita e

para o começo de uma radicalização entre os sefarditas. Há uma raiva mal debaixo da superfície, e um destes dias vai acontecer a explosão dentro da comunidade sefardita. Isso é inevitável.
Quando o povo palestino começar a mobilizar, não podemos deixar de falar da condição da classe trabalhadora judaica. Cabe à liderança palestina revolucionária para tratar os judeus com uma visão de uma Palestina democrática, secular. Com o tempo, os trabalhadores judeus responderá a mobilização palestino. O primeiro passo é pensar: "Se eles podem fazê-lo, nós também podemos." A segunda é olhar ao redor para os aliados. Esse é o caminho para um movimento anti-sionista revolucionário.

Crise da direção revolucionária

Apesar das enormes oportunidades revolucionárias ao longo dos últimos anos, a liderança da OLP mostrou-se incapaz de desenvolver uma estratégia de mobilização na Palestina das massas palestinas e judaicas contra o Estado sionista. Nem os líderes "moderados" de Yasser Arafat, a liderança "progressista" do Frentes Popular e Democrática, nem o "disident" rebeldes do Fatah ter formulado uma estratégia para o povo palestino independente dos regimes podres capitalista da região.
O P.L.O. líderes em um momento favores com o imperialismo e seus agentes, os regimes de venda de países do Oriente árabe, e em outro entrar em atos de força. Cada curso destina-se, erroneamente, para induzir o imperialismo para endossar a criação de um palestino "mini-estado" Mas esses regimes -. Da Síria à Jordânia e ao Egito - conta a revolução palestina como um perigo claro e presente. Eles entendem que a luta extraordinária do povo palestino - mesmo sob o nacionalista OLP liderança - é um lembrete para o seu povo próprio sofrimento do que está a ser feito e quem está na liderança revolucionária way.A palestina deve lutar, como muitos fazem, para o desmantelamento do Estado de Israel.
O assassinato de Khalil al-Wazir (Abu Jihad) em 17 de abril de 1988, foi uma mensagem clara para a facção Fatah da OLP e aos governos árabes. É praticamente impossível, agora, para essa liderança ao projeto plausível "acordo" com um Israel. Suas expectativas de negociações que poderiam resultar em alguma forma limitado de autodeterminação palestina foram mostrados para ser ilusória. A intenção de Israel foi para solicitar uma resposta armada a partir de dentro a revolta, na verdade, uma provocação encenada pela inteligência de Israel em nome da Intifadeh não é excluída. Para a agenda básica sionista está a despovoar-se da Palestina, ea cobertura de guerra é necessária para o efeito, uma vez mais uma expulsão em massa de Palestinians.The imprensa israelense atribuído por unanimidade a operação de assassinato de soldado israelense unidades da Marinha e do Mossad, um assalto envolvendo trinta pessoas. Davar relatado em 18 de abril que a decisão

de assassinar Abu Jihad foi aprovado ao nível do gabinete, enquanto secretário de Estado George Shultz estava em Jerusalém e começou depois de receber a luz verde dos Estados Unidos.
O editorial Davar confirma que o assassinato deve ser "creditada aos ministros Shamir, Rabin e Peres". [198] Davar relatou que o Primeiro-Ministro Yitzhak Shamir "pulou de alegria" ao ouvir a notícia e enviou telegramas de congratulações a cada um dos autores. Shamir tinham realizado tais assassinatos de seus próprios no passado, nomeadamente das Nações Unidas mediador conde Folke Bernadotte em 17 de setembro de 1948. Tal operação, com todas as suas implicações, não poderia ocorrer sem a aprovação dos EUA. Ela revela a verdadeira natureza da "paz" Shultz propostas. Eles são uma cobertura para os preparativos para esmagar o levante e para uma nova guerra.
A trágica morte de Abu Jihad é particularmente instrutivo em seu calendário. O Mossad teve a capacidade de assassinato figuras principais, tais como Abu Jihad, no passado. Sua morte é o equivalente a uma declaração de guerra. Ele salienta, mais uma vez, a necessidade de uma nova estratégia por parte de uma direção revolucionária palestina, baseado em um programa político dirigido às massas palestinas e judias para a substituição do estado sionista.

O Caminho a Seguir

As massas palestinas estão em movimento. A extraordinária vontade de lutar por parte de toda a população tem demonstrado que não há como voltar atrás. O Intifadeh precisa se concentrar em características específicas de opressão e de desafiá-los com a recuperação de terras, plantio de culturas proibido, afundando poços e retenção de trabalho no curso de exigir a retirada israelense incondicional.
A liderança revolucionária palestina terá que elaborar um programa para dentro da Linha Verde, que aborda os judeus dentro de Israel, assim como os muçulmanos e cristãos. Em suma, o que é necessário é um modelo para uma sociedade pós-sionista, que inspira as pessoas e associados a desigualdades de suas vidas com o estado sionista. Como o estado sionista é ao mesmo tempo uma espécie de dominação de classe capitalista e uma extensão do poder imperial dos EUA na região, a luta contra o sionismo torna-se, programaticamente, uma luta por uma Palestina socialista e, como o amanhecer segue a longa noite, uma luta por um Oriente Árabe Socialista - desde o Mediterrâneo até o Golfo.
A P.L.O. fiel à sua promessa de uma Palestina democrática, laica inclua na sua liderança os judeus anti-sionistas que lutaram o Estado colonial. Desta forma, as massas judaicas se seria capaz de ver quem realmente fala por eles, e que lhes oferece uma maneira de sair de uma guerra perpétua, insegurança e privação. Um claro apelo a uma Palestina democrática e secular é essencial

para unir a massa das forças sociais capazes de desmantelamento do Estado sionista e sua substituição por uma sociedade humana dedicada ao fim da opressão de classe e nacionais. O movimento palestino revolucionário só pode avançar por elaborando uma nova estratégia baseada na combinação da luta nacional palestina com a luta dos trabalhadores e camponeses de todo o Oriente Médio para a libertação da dominação capitalista e imperialista - por um socialista do Oriente Médio.
Não há nenhum atalho para a libertação, como o calvário secular do povo palestiniano tem mostrado. O caminho para a vitória só será reduzido quando surge uma liderança que sabe sua direção e propõe o caminho em uma linguagem que convoca o povo, mobiliza-los em seu próprio nome, e expõe corajosamente os falsos líderes perigosamente no caminho. A resposta palestina aos regimes sionista e imperialista pode ser encontrado nas crianças que atiram pedras de Jabaliya, o acampamento da praia, Balata e Dheisheh. Para isso, como Jabotinsky foi obrigado a reconhecer por eles, é um povo, um povo que vive - não uma turba, mas um povo consciente lutando com pedras e tiros contra o sling quarta maior potência militar do mundo. Devemos-lhes, no mínimo, a fidelidade, a sua luta revolucionária, que nunca pode ser completa até que ela se estende do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico, desde o ribeiro do Egito até o Eufrates - e, como seus opressores sionistas sempre proclamar: " e mais além ".

Notas
186a. Los Angeles Times, 17 de janeiro de 1988.
187. Citado em Alan Hart, Arafat: Terroristas ou Pacificador (Sidgwick e Jackson, edição revista), p.275.
188. Citado em documentos do Movimento de Resistência Palestina (New York: panfleto Mérito, Pathfinder Press, 1971). A declaração completa do Fatah também foi impresso na edição de 16 out 1970, do jornal The Militant.
189. Hart, p.279.
190. Ibid., P.277.
191. Ibid., P.278.
192. Ibid., P.379.
193. Ibid., P.379.
194. Ibid., P.379.
195. Ibid., P.379.
196. Ibid., P.379.
197. Naseer H. Aruri, os judeus orientais de Israel, o sionismo e racismo, p.113.
198. New York Times, 18 de abril, 1988.

Sobre o Autor

Apêndice | Nota bibliográfica

Ralph Schoenman foi Diretor Executivo da Bertrand Russell Peace Foundation, na capacidade que ele conduziu as negociações com numerosos chefes de estado. Ele conseguiu a libertação de prisioneiros políticos em muitos países e deu início ao Tribunal Internacional de Crimes de Guerra dos EUA na Indochina, do qual foi secretário-geral.
Long activa na vida política, ele iniciou o Comitê dos 100, que organizou a desobediência civil em massa contra as armas nucleares e bases dos EUA na Grã-Bretanha. Foi fundador e director da Campanha de Solidariedade do Vietnã e Diretor do Comitê Who Killed Kennedy.
Ele também tem sido um líder do Comitê de liberdade artística no Irão, Co-Diretor do Comitê em Defesa dos povos palestiniano e libanês, diretor da American Trabalhadores e Artistas de Solidariedade, e director executivo da Campanha Palestina, que apelou a uma fim a toda a ajuda a Israel e uma Palestina democrática e secular.
Seus livros anteriores incluem Bertrand Russell: O filósofo do, Século morte e pilhagem no Congo: Um Estudo de Western Regra, que ele co-autoria com Khalid Ahmed Zaki, prisioneiros de Israel escrita com Mya Brilhou e no Iraque e Kuwait: A História Suppressed .

Sugestões de leitura

O Israel de Theodore Herzl (1904) e Fischmann Rabi (1947)
Em seu Diário completo, vol.II, Página 711, Theodor Herzl, o fundador do sionismo, diz que a área do Estado judeu trechos: "Desde o ribeiro do Egito até o Eufrates".
Rabino Fischmann, membro da Agência Judaica para a Palestina, declarou em seu depoimento à Comissão Especial das Nações Unidas de Inquérito sobre a 09 de julho de 1947:
A Terra Prometida se estende desde o rio do Egito até o Eufrates. Inclui partes da Síria e do Líbano.